

Vanessa Lima Vidal Machado

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO QUEROLÓGICA EM
TRADUÇÕES DE MATERIAIS DO EaD LETRAS-LIBRAS
(UFSC)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Markus Johannes Weininger

Co-Orientador: Prof. Dr. Deonísio Schmitt

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vidal Machado , Vanessa Lima
Análise da Variação Querológica em traduções de
materiais do EAD Letras-Libras(UFSC) / Vanessa Lima
Vidal Machado ; orientador, Markus Johannes
Weininger; coorientador, Deonísio Schmitt - SC,
2016.

207 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2016.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Inclui DVD com o texto
em libras, tradução Vanessa Lima Vidal Machado . I.
Weininger, Markus Johannes. II. , Deonísio Schmitt.
III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV.
Título.

Vanessa Lima Vidal Machado

**ANALISE DA VARIAÇÃO QUEROLÓGICA EM
TRADUÇÕES DE MATERIAIS DO EaD LETRAS-LIBRAS
(UFSC)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de novembro de 2016.

Prof. Dr.^a Andréia Guerini

Coordenador do Programa de Graduação em Estudos da Tradução

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Markus Johannes Weininger - UFSC
Presidente da Banca - Orientador

Prof. Dr. Deonísio Schmitt - UFSC
Co-Orientador

Prof.^a Dr. Andre Xavier - UFPR
Examinador externo

Prof.^a Dra. Rachel Sutton-Spence - UFSC
Examinadora interna

Prof. Dr. Rodrigo Rosso- UFSC
Examinador interno

Dedico este trabalho a todos os surdos,
aos atores-tradutores e aqueles que,
como eu, estão envolvidos com a
cultura surda e língua de sinais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me deu a vida e me fez surda, com as minhas diferenças. Aprendi muito nessa vida, tive muitos desafios, superei limites e barreiras com determinação, fui guerreira e cresci muito através dessa condição ao qual fui concebida. Ele me escolheu para ser brilhante em minha vocação, para fazer a diferença com minha língua (língua brasileira de sinais) e com a minha identidade, sempre lutando. Também sou grata a Ele, pois tem me dado saúde para prosseguir.

A realização desta dissertação e a busca pela pesquisa se deram graças ao apoio e contribuição de algumas pessoas:

Meu marido Rodrigo Machado, que também passou esse período sendo mestrandando como eu. Sempre me apoiou durante todos esses anos, com muita paciência - ele comigo e eu com ele - foi um momento em que nós dois enfrentamos vários desafios. Superamos. Te amo!

Aos meus pais e a minha irmã, especialmente à minha mãe, Delmira Eudóxia da Silva Lima, que sempre me acompanha, me dá força, estimula e tem enorme paciência. Ela acredita em sua filha surda. Foi através do seu apoio que segui minha caminhada e obtive sucesso.

Ao meu pai, Espedito Vidal, que mesmo longe, gerou comigo esta dissertação.

À minha irmã Valdana Lima Vidal, sou grata as suas interpretações e traduções, aos seus comentários referentes à Língua Portuguesa, sua paciência, tenho muito que agradecer a ela.

Ao Prof. Dr. Markus Johannes Weininger, por seu acompanhamento, sugestões e magnífica orientação. Pela grandeza de ensinar, orientar e me direcionar para pesquisa. Seus incentivos me trouxeram conforto, tranquilidade e paz para seguir mesmo em meio a grandes obstáculos. E também por sua compreensão a respeito da comunidade surda. Obrigada por me ajudar e por toda colaboração, por me ensinar a lição do caminho acadêmico dentro dos estudos da Tradução.

À Profa. Dra. Rachel Sutton sempre atenciosa e disposta a indicar materiais para construir esta dissertação.

Aos queridos intérpretes: Ana Paula, Cristina Seimetz, Jonas Medeiros e Kelly Loddo, por terem me presenteado com brilhantes interpretações.

Agradeço a todos os meus queridos colegas da PGET e PGL, que me apoiaram, por toda discussão feita sobre o processo de dissertação.

Também agradeço muito aos professores que aceitaram fazer parte da banca, que contribuíram com essa pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar alguns tipos de variação linguística no uso dos sinais da libras dos atores-tradutores surdos, retirados de materiais de aula online do curso de Letras-Libras da UFSC, focando na variação querológica de sinais em um contexto supostamente formal (videoaula) comparando com vídeos dos mesmos tradutores, retirados no Youtube. Na metodologia de trabalho, partimos da problemática da variação linguística na prática de tradução. A análise se deu no material com enfoque na variação linguística na Libras de um mesmo sinalizante em situações diferentes: formal e informal. Nos vídeos do Youtube, a forma de sinalização poderia ou deveria ser informal e nos DVDs das vídeo-aulas, mais formal. Constatamos que num contexto formal, a sinalização era ora formal ora informal em alguns momentos. A variação querológica no processo de tradução não permite uma padronização linguística. Como resultado da pesquisa e das discussões propostas neste trabalho, acreditamos que o sinalizante não percebe essa informalidade em sua sinalização. Formulamos algumas hipóteses para tal fato que podem ser divididas entre presença de idioleto, simplificação da estrutura querológica (economia) e mudança de registro (formal / informal). Esta pesquisa traz como contribuições o entendimento de que a Libras possui variação linguística sincrônica considerável que, de início, pode ser confusa e causar não entendimento para aprendizes dessa língua, além disso, estas hipóteses podem servir de base para o desenvolvimento de outras pesquisas na área.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Variação querológica, sociolinguística, Letras Libras.

ABSTRACT

This study analyzed some types of linguistic variation in the use of the signs of deaf actor-translators of online course materials for the Letras-Libras undergraduate program at UFSC, focusing on cherological variation of signs in a supposedly formal context (video lessons) compared to the same translators' videos on Youtube. The methodology sets out from the problem of linguistic variation in the practice of translation. The collected material was analyzed with a focus on linguistic variation in Brazilian Sign Language (Libras) in different situations: formal and informal. In YouTube videos, the form of signaling could or should be informal and instructional video DVDs, formal. We noted that in a formal context, signaling was sometimes formal, sometimes informal. The cherological variation in the translation process does not allow for complete language standardization. As a result of the investigation and discussion, we believe that signers did not realize that informality while signing. We formulate some hypotheses for this finding and they can be divided in idiolect, simplification of cherological structure (economy), and more formal or informal register. This research contributes to an understanding that Libras has considerable synchronic linguistic variation that at first can be confusing and cause problems of understanding for learners of the language, in addition, assumptions made here can be the basis for the development of other research in the area.

KEYWORDS: Translation, Cherological Variation, Sociolinguistics, Letras-Libras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sinais APRENDER e SÁBADO	36
Figura 2 – Configurações de mão na Libras	51
Figura 3 – Categorias da Variação Querológica	76
Figura 4 – Variação do sinal TRABALHAR	87
Figura 5 – Variação do sinal ESTADOS UNIDOS.....	95
Figura 6 – Variação do sinal ACEITAR.....	95
Figura 7 – Variação do sinal QUERER.....	96
Figura 8 – Variação do sinal E-EMAIL	96
Figura 9 – Variação do sinal CAFÉ	97
Figura 10 – Variação do sinal AZUL	97
Figura 11 – Incorporação do sinal.....	98
Figura 12 – Variação do sinal PROBLEMA	103
Figura 13 – Variação dos sinais FARMÁCIA e SACRIFÍCO	103
Figura 14 – Variação do sinal ALÍVIO.	104
Figura 15 – Variação do sinal ENTENDER.	104
Figura 16 – Variação do sinal OITO	105
Figura 17 – Sinal GORDO.....	106
Figura 18 – Variação do sinal A.....	106
Figura 19 – Alteração do sinal TRABALHAR.....	109
Figura 20 – Variação do sinal ENTENDER	111
Figura 21 – Recorte de Trilha do ELAN de parte do vídeo analisado.	134
Figura 22 – Intensidade.....	174
Figura 23 – CM em “N”.....	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de parâmetro variante.....	79
Quadro 2 – Resumo dos diferentes tipos de variações encontradas	88
Quadro 3 – Simetria: atuante – omissão	90
Quadro 4 – Assimetria: participante - omissão	92
Quadro 5 – Assimetria: atuante – omissão.....	94
Quadro 6 – Movimento do sinal TRABALHAR I.....	107
Quadro 7 – Movimento do sinal TRABALHAR II	108
Quadro 8 – Duplicação e unificação do número de mãos	110
Quadro 9 – Expressão Facial 1	111
Quadro 10 – Expressão Facial 2	112
Quadro 11 – Expressão facial 3 e corporal	113
Quadro 12 – Expressão facial 4	114
Quadro 13 – Expressão facial 5	114
Quadro 14 – Videoaulas	124
Quadro 15 – Nelson Pimenta	126
Quadro 16 – Rimar Segala.....	128
Quadro 17 – Quantidade de Nelson Pimenta.....	180
Quadro 18 – Quantidade de Rimar Segala.....	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação Querológica “POR QUE”	142
Tabela 2 – Variação Querológica “ESTUDAR”	143
Tabela 3 – Variação Querológica “EXEMPLO”	144
Tabela 4 – Variação Querológica “OLHAR”	145
Tabela 5 – Variação Querológica “EXPLICAR”	148
Tabela 6 – Variação Querológica “EXPLICAR”	149
Tabela 7 – Variação Querológica “COLOCAR”	150
Tabela 8 – Variação Querológica “PODER”	151
Tabela 9 – Variação Querológica “PODER”	152
Tabela 10 – Variação Querológica “OBRIGATÓRIO”	152
Tabela 11 – Variação Querológica “PRECISAR”	154
Tabela 12 – Variação Querológica “COMO”	155
Tabela 13 – Variação Querológica “HOJE”	159
Tabela 14 – Variação Querológica “TER”	161
Tabela 15 – Variação Querológica “TRABALHAR”	164
Tabela 16 – Variação Querológica “EVITAR”	165
Tabela 17 – Variação Querológica “ENTENDER”	166
Tabela 18 – Variação Querológica “PRATICAR”	168
Tabela 19 – Variação Querológica “IMPORTANTE”	169
Tabela 20 – Variação Querológica “QUE”- Nelson Pimenta	170
Tabela 21 – Variação Querológica “QUE”- Rimar Segala	171
Tabela 22 – Variação Querológica “SÓ”	173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1 JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	27
1.1 Justificativa	27
1.2 Objetivos da pesquisa.....	28
1.3 Contextualização da pesquisa.....	29
1.3.1 Sujeito surdo e constituição de identidade	29
1.3.2 A comunidade surda no Brasil e a constituição da língua brasileira de sinais – LIBRAS	33
2 ASPECTOS TEÓRICOS.....	41
2.1 Fundamentação teórica I	41
2.1.1 Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais: Querologia	44
2.1.2 Uma proposta sobre o conceito de Querética.....	49
2.2 Fundamentação teórica II.....	60
2.2.1 Sociolinguística	60
2.2.2 Variação linguística: conceitualização geral	67
2.2.3 Variação linguística em Libras	70
2.3 Variação querológica	75
2.3.1 Variação social ou diastrática	81
2.3.2 Tipos de variação social ou diastrática.....	82
2.3.3 Variação Estilística: Tipos de variação estilística ou diafásica.....	98
2.3.3.1 Mudança de registro: formal e informal.....	101
2.3.4 Exemplos de variação em LIBRAS	107
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	117
3.1 Pressupostos metodológicos	121
3.2 A seleção dos materiais de vídeo e o perfil dos sujeitos atores-tradutores.....	123
3.3 Análise e identificação com a ajuda do programa ELAN 	133
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	139
4.1 Descrição dos aspectos de variação querológica nos dados coletados	139
4.2 Resultados da análise dos dados: variação querética-	

querológica	140
4.2.1 Idioleto	141
4.2.2 Estrutura querológica menos complexa: economia de articulação	146
4.2.3 Mudança de Registro (Formal e Informal).....	160
5 RESULTADOS DA PESQUISA	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	193
ANEXOS.....	206

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988 além de representar um marco para a democracia no Brasil, estabelece como língua oficial, a língua portuguesa. Apenas a partir do ano de 2002 a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, foi oficialmente reconhecida e aceita como segunda língua oficial brasileira, através da promulgação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Esta data é, portanto, significativa para as pesquisas sobre a Libras no Brasil, que se intensificaram com o reconhecimento oficial da língua. A partir daí observa-se um crescente avanço no alcance e no uso da Libras, a língua da comunidade surda brasileira. Essa ampliação do uso da Libras deve-se, em grande parte, às políticas adotadas a nível federal, voltadas à disseminação da Libras, bem como à sua oficialização.

Tais políticas, mesmo diante de tantos obstáculos de comunicação e dificuldades a serem superadas, ao longo de vários anos, conseguiram atingir não só os surdos brasileiros, mas também pessoas ouvintes que passaram a ter interesse em fazer uso dessa língua a fim de interagir com os surdos. Em virtude disso, familiares e educadores de surdos, amigos, colegas, bem como os profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (os chamados TILS), proporcionaram a ampla difusão do conhecimento e uso da Libras em diferentes espaços e contextos.

Conjuntamente, esses fatores impulsionaram uma ampliação quantitativa, qualitativa e descritiva dos sinais em uso, as quais são observáveis na comunicação entre os próprios surdos e na sinalização cada vez mais especializada com termos técnicos das mais variadas áreas de conhecimento. Esse repertório lexicográfico vem crescendo, entre outros fatores, em virtude do acesso de surdos à graduação e pós-graduação.

Esses sinais mais específicos são utilizados pelos TILS em diversos trabalhos, como por exemplo, na realização do I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, organizado pela FENEIS em 1988 (primeiro a popularizar a língua das pessoas surdas como veículo de comunicação, expressão, educação e evangelização social, trazendo a polêmica da identidade linguística destes sujeitos, promovendo o direito à autonomia dessas pessoas como seres de expressão política, social e cultural), como relata Santos (2012).

Assim, a tradução/interpretação passou a ser feita com foco não só para os ouvintes, mas dos surdos para os próprios surdos, nas quais o trabalho com surdos passou a existir em diversas situações, como, por exemplo, com o surdocego, com o surdo com dificuldade de

compreensão, em situações nas quais o tradutor/intérprete surdo interpreta com clareza, de acordo com sua cultura, conhecendo as diferenças da comunidade, a gramática, tendo assim um bom feedback de comunicação para todos os usuários da língua. Segundo Quadros e Souza, (2008), o tradutor/ator surdo, primeiramente, utilizou da estratégia da transliteração apresentando o termo a ser traduzido por meio do alfabeto manual da Libras, as isoglossas. Em seguida, ele se valeu da repetição dos sinais utilizados na comunidade em Libras, dentro do seu espaço de sinalização, para fazer a correspondência em nível de solução tradutória desses sinais.

Os primeiros tradutores dos hiperlivros em libras foram estudantes de pós-graduação da UFSC fluentes em Libras, dentre eles Ana Regina Campello, Mariane Stumpf, Rodrigo Rosso e Uéslei Paterno (ouvinte). Os primeiros tradutores se autodenominavam atores/atrizes do Curso de Letras Libras, pois inicialmente acreditava-se que encenariam o texto diante das câmeras, assim como a equipe era denominada “equipe de filmagem” (QUADROS, 2014, p. 94).

Um dos principais impactos das medidas acima mencionadas diz respeito à democratização das instituições educacionais, muitas delas vinculadas às igrejas que mantêm grupos de pesquisas em estudos surdos, a exemplo da ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, e que se pode dizer que foi a primeira a objetivar a busca destas comunidades de surdos atentando para o uso de suas variações linguísticas e suas identidades como cidadãos (COUTINHO; SANDER; PIRES, 2000, *apud* SANTOS, 2012).

Depois da oficialização da Libras como língua oficial, foi implantado o curso de Letras Libras da UFSC, primeiro na modalidade à distância, e mais tarde também na modalidade presencial. Esse curso teve um papel pioneiro levando várias universidades a seguirem o mesmo caminho ao longo da década de 2006 a 2016, como é o caso, por exemplo, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL e da Universidade Federal do Ceará – UFC, dentre outras.

Com o surgimento do Curso de Letras Libras da UFSC, a atividade de atores-tradutores de Língua de Sinais (QUADROS, 2008; AVELAR, 2009; SOUZA, 2010) propulsionou a carreira de tradução no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – AVEA, sendo desenvolvidas Normas Surdas de Tradução – Deaf Translation Norm (STONE, 2009, *apud* SOUZA, 2010) em nível acadêmico, sendo as atividades de tradução desempenhadas quase que exclusivamente por atores-tradutores surdos bilíngues para o AVEA e para os DVDs do curso.

Além disso, no desenvolvimento de algumas disciplinas, também houve a tradução-interpretação nestas modalidades¹, como por exemplo, a atuação pioneira do intérprete surdo, Fabiano Rosa, na disciplina de Introdução aos Estudos de Literatura; posteriormente Nelson Pimenta, na disciplina de Fonética e Fonologia de Letras Libras, turma 2006 e outros intérpretes surdos que atuam em diferentes áreas. Desse processo decorreram várias formatações das atividades do curso e a tradução passou a ser um elemento importante para disponibilizar materiais com conteúdos em Língua de Sinais aos alunos.

Esse processo de implementação do AVEA na UFSC e toda a organização dada em volta da criação do Curso de Letras (licenciatura e bacharelado), é contada no livro “Letras Libras: ontem, hoje e amanhã”. O livro é organizado pela pesquisadora Ronice Müller de Quadros (2005), no qual relata em um capítulo denominado “A equipe de tradução do curso de Letras Libras” como se deu a organização das atividades desenvolvidas pela Equipe de Tradução do Curso Letras Libras (ETLL). Stumpf, Oliveira e Miranda (2014) descrevem esse processo de tradução, o qual todo o material traduzido está disponível no Ambiente de Aprendizagem do curso e foi constituído por uma equipe de tradutores prioritariamente surdos, fluentes em Libras e em língua portuguesa.

O processo ocorrido na UFSC possibilitou avançar os estudos em relação à presença de atores-tradutores surdos como agentes que podem propiciar uma visão tradutória sobre um determinado texto, juntamente às equipes de tradução, às discussões de repertório linguístico, neologismos, convenção de sinais, escolhas léxicas, entre outras questões, que moldavam a atuação do profissional para que esse tradutor pudesse fazer sua atuação frente às câmeras. Stone (2009, *apud* SOUZA, 2010) definiu esse processo como “performance de tradução”,

¹ Modalidades de tradução- interpretação - língua brasileira de sinais para português oral, sinais para escrita, português para a língua de sinais oral, escrita para sinais - Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. A interpretação sempre envolve as línguas faladas/ sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação (QUADROS, 2004, p. 3).

ou seja, um tipo de tradução possível de acontecer diante de câmeras de TV. O autor ressalta as questões que legitimaram a presença do ator-surdo:

Outras questões que legitimam a presença do ator-tradutor surdo é o fato de que o tradutor surdo pensa como os outros surdos pensam, contando com a própria experiência visual de mundo, e ainda, com a conceituação visual da formação, para construir o texto-alvo enquanto inseridos na cultura de chegada (STONE, 2009, *apud* SOUZA, 2013, p. 167).

Com relação à variação linguística, utiliza-se, neste trabalho, como parâmetro a classificação dos tipos de variação organizado por Labov (1972) que fez pesquisas sociolinguísticas em diferentes comunidades de fala e observou as suas variações linguísticas². Seus estudos contribuíram para a sociolinguística, pois ele estudou a língua em seu contexto social, com situações concretas e utilizou parâmetros de classificação dos tipos de variações. Com base nisso, a visão de língua que a sociolinguística propõe é de algo heterogêneo e variável, como apontado por Marcuschi, ao relatar o seguinte:

[...] toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relação linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situação de uso concretas, com texto e discurso (MARCUSCHI, 2007, p. 43).

A partir dessas considerações, selecionaram-se como materiais de análise vídeos gravados de acesso público, em Libras por tradutores surdos, presentes no ambiente virtual de aprendizagem dos cursos de

² Veja capítulo 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA II

Letras Libras da modalidade presencial e a distância da UFSC. Nesses materiais, busca-se observar a ocorrência formal na execução dos sinais analisados, ou seja, em um ambiente de alto grau de monitoramento por parte do sinalizante³.

Para a análise dos sinais investigados, a pesquisa foi realizada em três fases. A primeira, quantificando os sinais dos vídeos analisados, os materiais traduzidos do Curso de Letras Libras, avaliando e comparando com os vídeos do Youtube.

O segundo momento consistiu na avaliação qualitativa desses sinais, analisando-se a variação querológica em condições, social e cultural diversas, comparando as videoaulas do curso de Letras Libras com os vídeos do Youtube, verificando diferenças intrassubjetivas (intrapessoal) e analisando os mesmos sujeitos atores-tradutores nesses dois contextos.

A terceira fase é a análise descritiva dos queremas e das características dos parâmetros linguísticos da Libras, divididos em categorias de variação linguística com o intuito de levantar hipóteses sobre o uso concreto da variação, contribuindo, assim para a análise do sistema querológico da língua de sinais e para a descrição dos aspectos do processo de variação linguística existente na Libras.

Embora tendo afirmado que essas variações são relativas aos parâmetros constitutivos dos sinais (configuração de mão, movimento, localização, orientação da palma e aspectos não manuais), não se limita a análise da variação querológica porque não há equivalência total entre nível linguístico fonológico e os parâmetros constitutivos das línguas de sinais. Mas há certamente uma relação entre eles, conforme se verificará ao longo deste estudo.

Para organização deste estudo, o mesmo foi dividido em cinco capítulos. O primeiro trata do recorte do tema escolhido e dos objetivos do presente trabalho e de sua contextualização.

O segundo capítulo trata da discussão acerca da análise querológica da Língua de Sinais Americana (ASL) de William Stokoe (1960) e da criação de um novo conceito: querética, bem como a descrição dos conceitos relativos à querologia em geral e discussão acerca da variação querológica aportada em fundamentação teórica originada em estudos da sociolinguística, buscando compreender e conceitualizar as variantes social e estilística na ocorrência de sinais.

³ Veja capítulo 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

No terceiro capítulo encontra-se a metodologia de pesquisa apresentada no desenvolvimento desta pesquisa, na escolha dos vídeos e do tipo de variação. Posteriormente apresenta-se o programa *ELAN* e mostra-se como o mesmo foi utilizado na análise do corpus da pesquisa.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados e do recorte feito para classificar o corpus encontrado na variação existente na Libras, apresentam-se hipóteses dos tipos de variação e quais os procedimentos utilizados na coleta dos dados para a pesquisa bem como a análise dos dados das videoaulas e dos vídeos do Youtube.

O quinto capítulo faz um resumo dos resultados da análise e apresenta ainda uma reflexão importante sobre a variação querológica na Libras e as considerações finais.

1 JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

1.1 JUSTIFICATIVA

Frente a esse cenário de propagação, qualificação e especialização do uso da Libras, na condição de surda, sinalizante e professora da língua de sinais, um fato passou a chamar atenção da autora da presente pesquisa: em situações que se pressupõe o emprego do registro formal e informal da Libras, cada vez mais, tem sido comum perceber que existem variações na forma de execução de certos sinais.

A fim de observar o fenômeno da variação querológica⁴ em ambientes formais e informais, a pesquisa indaga e procura investigar as seguintes questões: Existe variação querológica na tradução de línguas de sinais? Quais são os tipos de variação querológica? Existe diferença, na variação querológica, entre ambientes formais e informais?

Assim, as produções em Libras refletem o uso real em diferentes contextos, na forma de produzir cada sinal. Por este motivo faz-se necessário analisar vídeos que apresentem tanto variantes formais (padrão, quando o indivíduo sinalizante está concentrado) como variantes informais (não padrão, quando o indivíduo está relaxado). A variante informal ocorre na conversa espontânea do locutor com o seu interlocutor evidenciando assim escolhas lexicais e formas específicas de sinalização.

A construção de conhecimento acerca da variação dos parâmetros constitutivos da Libras e das hipóteses explicativas sobre as causas que subjazem essa variação contribui à descrição da Libras enquanto sistema linguístico, bem como aos processos de tradução e interpretação nessa língua. O esforço de investigação e reflexão acerca do que constitui variação linguística na Libras é requisito para que a área de estudos da tradução possa discutir o que se espera, por exemplo, de uma tradução cujo contexto requer registro formal e que critérios empregados para avaliar a adequabilidade de uma tradução no que concerne à padronização linguística, quando esta é requerida.

⁴Esse trabalho usa o conceito querológico ao invés de fonológico quando se refere à Libras, maiores explicações no capítulo 2.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

A presente investigação tem como pano de fundo trazer mais clareza para a complexidade do fenômeno da variação sincrônica da Língua de Sinais. Para tanto, serão analisados os aspectos da variação na Língua de Sinais presente na produção de materiais de aula traduzido do Português para a Libras por tradutores surdos. Analisando sempre as variáveis inerentes aos léxicos das enunciações e as nuances na formação dos sinais. O objetivo deste trabalho é entender porque e como as variações acontecem. Deriva disso o propósito de, nesta pesquisa, analisar traduções cujo registro pressuposto é o formal (materiais didáticos traduzidos do Português para Libras) e o informal (vídeos do Youtube), analisando a variação dos parâmetros constitutivos dos sinais a fim de verificar em que aspectos diferentes realizações de um mesmo sinal podem variar na comparação entre si e na comparação do registro desse sinal. Apresenta-se assim, esse caminho de pesquisa, aliando os estudos linguísticos aos estudos da tradução/interpretação de libras. Entende-se que o registro formal não é uniforme e que a variação é esperada também nesse contexto.

O propósito foi o de investigar se os sinais são realizados de maneira distinta nesses dois ambientes, verificar como ocorre variação na sinalização. Os vídeos de materiais de aula são veiculados ao curso de Letras Libras da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. A escolha desse ambiente também se deu pela experiência da autora deste trabalho nessa comunidade acadêmica surda, muitas vezes usada como referência por pesquisadores e pela comunidade de sinalizantes da Libras.

O objetivo principal, então é avaliar as realizações formais e informais dos mesmos sinais produzidos pelo mesmo sinalizante, a fim de verificar como o mesmo sinal é executado nesses dois ambientes de comunicação e formular hipóteses sobre qual a motivação da eventual variação encontrada.

A identificação dos sinais variantes é uma etapa necessária à realização do objetivo principal desta pesquisa. Levantar hipóteses sobre a motivação da variação percebida nas sinalizações se perfez em outro objetivo desse trabalho, que subjaz à variação linguística encontrada e que não implica mudança de significado.

Têm-se portanto, como objetivos específicos, os seguintes:

- 1) Analisar e discutir conceitos querológicos nas línguas de sinais relevantes para a análise da variação encontrada;

- 2) Aprofundar o conceito de variação querológica e analisar o uso formal e informal na Libras;
- 3) Documentar a ocorrência da variação querológica na Libras e analisa-la por meio do programa ELAN;
- 4) Delimitar a ocorrência das variações querológicas, por meio da análise dos tipos de variação;
- 5) Contribuir para a pesquisa no campo da variação querológica das línguas de sinais, em especial na Libras, levando em conta aspectos visuais e espaciais da Libras, importantes para seu entendimento.

1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta o objeto da pesquisa e suas ramificações, partindo da contextualização do sujeito Surdo e da constituição da sua identidade mediante à comunidade linguística. Em seguida, aborda a situação da comunidade Surda do Brasil, a constituição e o desenvolvimento da língua brasileira de sinais – Libras.

1.3.1 Sujeito surdo e constituição de identidade

A Língua Brasileira de Sinais – Libras – vem, desde o final dos anos 1980, construindo uma trajetória de fortalecimento e de conquista de espaços onde antes a presença da Libras e dos surdos nem mesmo podia ser imaginada. Esse fato decorre, principalmente, da ampliação da produção de pesquisa na área da linguística voltada à compreensão dessa língua, assim como também pela conquista de importantes avanços pela comunidade surda no que tange as questões de direito, sendo a oficialização da Libras como segunda língua nacional no Brasil uma das principais vitórias dos movimentos surdos.

Nessa perspectiva, a oficialização da língua de uma comunidade minoritária, como a surda, é uma importante forma de reconhecimento e de empoderamento de culturas que, historicamente, foram estigmatizadas como menos válidas ou menos capazes de expressar toda a gama de informação presente em sua cultura.

A partir de mudanças substanciais na forma de perceber e de compreender o sujeito surdo e sua diferença, a qual parte das experiências visuais que ele estabelece com o mundo e com o outro, percebe-se uma crescente ampliação do uso da Libras nos diferentes espaços nos quais os surdos transitam.

O reconhecimento do status linguístico da Libras ocasionou a disseminação dessa língua nos mais variados contextos, ampliando

também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais. Essa é uma implicação esperada, pois quanto mais viva e em uso uma língua se encontra, mais probabilidade de mudanças e novas formas de uso ela apresenta.

Tanto as línguas orais, quanto as Línguas de Sinais são apreendidas por sinalizantes. Adota-se o termo *sinalizante* para usuários da língua de sinais, pois, para que haja comunicação, não importa o tipo de manifestação linguística, podendo ser falada ou sinalizada.

Em dado momento, entretanto, configurou-se como constatação que ao se comparar as línguas de sinais com as línguas orais, como no caso da Libras e da Língua Portuguesa, pode-se observar que as línguas orais, em decorrência de seu reconhecimento social e de seu uso terem muitos séculos de existência, o regramento e os estudos de suas características e de sua evolução já se encontram plenamente incorporados ao uso de seus usuários.

No que tange às Línguas de Sinais, como é perceptível no caso do uso da Libras, ainda há uma grande carência de aprofundamento de pesquisas e estudos capazes de identificar os fenômenos linguísticos que essa língua apresenta, uma vez que seu reconhecimento social e uso são bastante recentes. Esse aspecto é uma das razões pela qual esta pesquisa é relevante, posto que o aprofundamento das reflexões acerca do tema central desta análise permitirá descrever e sistematizar as variações da Libras, bem como mapear os sinais em uso nessa língua, servindo como referência para outros estudos dessa mesma área.

Além disso, a escolha do tema de pesquisa apresentado deve-se à íntima relação que se estabelece entre os Estudos da Tradução e a Linguística das línguas de sinais, especialmente no que concerne os estudos voltados ao léxico que levam em conta a compreensão das mensagens. Isso porque o conhecimento mais detalhado dos aspectos linguísticos da língua traduzida surge como um importante recurso de aprimoramento das técnicas e escolhas tradutórias, na mesma medida em que uma qualificação na execução dos sinais de Libras em situações formais vem sendo perseguida na produção de materiais gravados em vídeo.

No Brasil, por exemplo, pode-se observar que inicialmente havia uma Língua de Sinais fortemente influenciada pela Língua de Sinais Francesa, fato decorrente da vinda do professor surdo francês E. Huet, que, a convite de Dom Pedro II, veio para o Brasil com o intuito de fundar o Instituto Imperial de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. Hoje, a estrutura lexical da Libras apresenta enorme evolução se considerado o

ponto de partida. Por isso, a importância de trabalhos que acompanhem as variações e mudanças que essa língua vem sofrendo.

Ademais, observa-se, atualmente, a crescente participação dos surdos nos mais diversos espaços escolares e acadêmicos, tanto na condição de alunos quanto de professores, com a participação ativa das pessoas surdas nos diferentes espaços e setores sociais.

A Libras é empregada mormente no cenário educacional, por diferentes atores-tradutores em cuja sinalização é possível observar muitas variações, até mesmo em situações que requerem o emprego do registro formal desta língua.

Essa pluralidade de atores-tradutores e de usos desperta uma série de inquietações que se vinculam a própria história de vida desta autora: surda, usuária da Libras na condição de primeira língua. Nesse lugar, como sujeito, construindo a própria identidade no contato com o outro, nas aproximações e distanciamentos entre as línguas e culturas nas quais vive imersa. Principalmente como sinalizante dessa língua, transitando por diferentes espaços e assumindo diferentes papéis nos quais o uso da Libras torna-se mais evidente: na condição de pertencente à comunidade surda (seja local ou globalmente), na condição de professora do ensino superior na Universidade Federal do Ceará e na condição de acadêmica formada pelo Curso de Letras Libras, atualmente mestranda pela UFSC.

Nesses diferentes contextos no uso da Libras percebe-se um crescimento e maior interesse em aprofundar a compreensão das variações que são observadas na forma de realização de sinais da Libras, buscando descobrir até que ponto essas variações podem (ou não) ser consideradas problemáticas no que se refere à maneira como a mensagem é emitida e a maneira como é recebida. Além disso, busca-se saber se há nessa relação algum tipo de impasse compreensivo da informação causado pelas variações que a língua apresenta em seu uso, bem como quais seriam os motivos que ocasionaram tais variações.

Essa preocupação com a compreensão das mensagens a depender do modo como são formuladas leva em consideração a premissa de que a Língua de Sinais é fortemente desenvolvida. Trata-se de uma língua em uso e, por isso, em constante evolução e circulação. Não são tão perceptíveis problemas de entendimento em relação à emissão e à recepção de mensagens nas quais ocorrem variações na execução de sinais.

A pouca tendência a problemas de compreensão no meio acadêmico deve-se a maior facilidade de apreensão e adaptação dos interlocutores, uma vez que nas universidades a oralidade da Língua de Sinais está mais desenvolvida. Por outro lado, há maior possibilidade de

a compreensão de uma mensagem que apresenta diferentes formas de execução de sinais, seja mais difícil de ser compreendida em lugares em que a oralidade da Libras não é bem desenvolvida, tal como ocorre em regiões afastadas dos grandes centros urbanos. Conforme o pensamento de Fernandes (2004):

A LIBRAS é a língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, principalmente dos centros urbanos, pois muitas vezes os surdos que vivem em localidades distantes e zonas rurais acabam por desconhecer-la e desenvolve um sistema gestual próprio de comunicação, restrito às situações e vivências cotidianas. (FERNANDES, 2004, p. 2).

Tal dificuldade se relaciona a uma espécie de dependência de manutenção de padrões de sinalização, uma vez que qualquer sinalização que fuja ao considerado como correto para um dado sinal é rejeitada pelos sujeitos dessas pequenas localidades.

O termo oralidade abordado nessa dissertação se refere ao ato da comunicação face a face, da expressão verbal situada no “aqui e agora”, que pode se beneficiar do entorno e de recursos extralinguísticos como contexto, sendo, portanto, um conceito cuja aplicação independe da modalidade da língua em uso. Assim, oralidade é compreendida aqui no sentido de produzir a língua compondo em cada sujeito a sua característica e forma de sinalização, seus trejeitos e sua idiossincrasia. Orlandi (2012), afirma que:

É na formulação dos sentidos que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (ou se esconde). Momento de sua definição: corpo e emoções da/na linguagem. Sulcos no solo do dizer. Trilhas. Do olhar, do trejeito, da tomada do corpo pela significação. E o inverso, os sentidos tomando corpo. (ORLANDI, 2012b, p. 9 e 10).

O contato com diferentes sujeitos e formas de manifestação da língua permite aos seus usuários internalizar diferentes formas de produção na língua. Isso faz com que essas formas de sinalização sejam captadas e reutilizadas em outro contexto com a mesma finalidade sendo que os sujeitos surdos se apropriam dessas variantes da oralidade em

Língua de Sinais e as incorporam em seus respectivos repertórios linguísticos para posteriormente inseri-los em suas enunciações.

1.3.2 A comunidade surda no Brasil e a constituição da língua brasileira de sinais – LIBRAS

Com as conquistas dos movimentos da Comunidade Surda, inicia-se as possibilidades de os surdos ingressarem nas universidades. Junto a essa conquista, faz-se necessária a presença de Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais (TILS). Esses profissionais são regulamentados nas instituições educacionais via o Decreto no. 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436. A lei é conhecida como Lei da Libras por tratar da oficialização dessa língua em âmbito nacional. Com tantas atribuições e o aumento da visibilidade da Libras, a legislação nacional vem acompanhando as demandas surdas na publicação de mecanismos legais para a efetivação de direitos, tais como a Lei nº 12.319/10, que regulamenta a profissão dos TILS.

Com a Lei da Libras, a situação dos surdos brasileiros toma um cenário diferente tanto no campo político, quanto no campo da identidade do sujeito surdo. Na esfera política, cria-se mecanismos para que as reivindicações surdas possam ser atendidas. Há, portanto, um dispositivo que permite que a Libras possa estar presente no debate da acessibilidade e da educação, entre outras esferas. No campo identitário, torna-se visível o fortalecimento das comunidades surdas, seus espaços, suas posições enquanto sujeitos donos de suas histórias e orgulhosos de sua língua. A cultura surda toma força e inicia-se um campo de pesquisas acadêmicas em volta do sujeito surdo e da sua língua.

Para compreender melhor do que se trata as variações na Libras, é necessário realizar uma explicação sobre os estudos realizados acerca da gramática da Libras. A Libras é a língua utilizada pelos surdos que vivem no Brasil. De acordo com as mudanças sociais e culturais, toda língua modifica-se, bem como as Línguas de Sinais, aumentando seu vocabulário e implementando regras de ordenação desse vocabulário. O modo como o léxico e a sintaxe se organiza permite entrever diferenças entre línguas e estabelecer, em que medida, um sistema linguístico evolui. A Libras é uma língua que se originou de outra (a Língua de Sinais Francesa - LSF), o que não implica que elas constituam um único sistema, que elas sejam a mesma língua. A Libras pode ser considerada uma língua nova ainda em formação.

A Libras é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela

visão, diferentemente da Língua Portuguesa, que é uma língua oral-auditiva por utilizar sons articulados percebidos pelos ouvidos. Todavia, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. Uma semelhança entre as línguas, visuais (como a Libras) e orais (como o Português), é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas. Elas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico⁵, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático (FELIPE, 1997). Corroborando com esse entendimento sobre a estrutura da Língua de Sinais, Brito (1998) afirma que a Libras possui pontos específicos de constituição, mas que também segue princípios básicos gerais:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS, e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua (BRITO, 1998, p. 11).

Existem ainda outras semelhanças entre as duas modalidades de línguas, como a utilização do contexto em que se fala sobre determinado

⁵Este trabalho adota o uso do termo Querológico para se referir a línguas de sinais. “Fonológico” em relação à língua de sinais é apenas usado onde os autores citados usam esse conceito, como é o caso de FELIPE (1997).

assunto. Quando se aprende uma língua, aprende-se também a utilizá-la a partir do contexto de enunciação. Outra semelhança é que todas as línguas possuem diferenças em sua forma de expressão que ocorrem em virtude da região do falante, do grupo social, da faixa etária e do sexo. A despeito dessas diferenças, o ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão (FELIPE, 1997).

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua, embora sendo de modalidade diferente das línguas orais entende-se que ela possui também essas características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima (FELIPE, 1997).

É preciso ainda insistir em estudos relacionados à descrição linguística das Línguas de Sinais, visto que o reconhecimento das línguas de sinais como sistemas linguísticos torna-se necessário para se manter e fortificar o status linguístico dessas línguas. Os estudos iniciais nesse âmbito ocorreram a partir da década de 1960 com o linguista Stokoe. Tal estudo descreveu os aspectos linguísticos da Língua Americana de Sinais. A partir da divulgação desse trabalho, outras Línguas de Sinais, tais como a Libras, começaram a ser descritas e ganharam emancipação em seus territórios nacionais. Exemplo dos estudos feitos no Brasil foram das estudiosas Lucinda Ferreira Brito (1995), Ronice Muller de Quadros e Lodenir Karnopp (1994) que realizaram a primeira descrição da Libras e divulgação em âmbito acadêmico-científico.

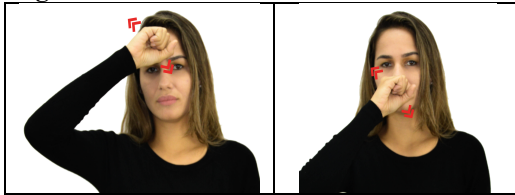
A descrição realizada por Stokoe (1960) inicialmente trabalha com a fonologia da Língua de Sinais, encontrando em seus estudos a regularidade de certos aspectos da língua durante a produção dos usuários da mesma. De início o linguista norte-americano registrou três parâmetros das línguas de sinais: 1) configuração de mão, 2) movimento e 3) locação. Esses parâmetros ficaram conhecidos como parâmetros primários. Além desses parâmetros, encontra-se nos estudos de Battison (1978) outros dois parâmetros: 1) orientação/direção da palma e 2) expressão facial e corporal. Esses dois parâmetros foram, então, adicionados aos estudos da fonologia de sinais (QUADROS E KARNOPP, 2004).

Esses trabalhos foram importantes para demonstrar que os parâmetros identificados por Stokoe, na ASL, também dizem respeito a Libras. No Brasil, os estudos de Stokoe influenciaram a reflexão sobre a Libras, a partir de Ferreira Brito. No início de seus estudos, ainda não

havia o termo *Libras* empregado na literatura, outras formas de se enunciar a Libras como Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros/LSCB. Ferreira (1998), baseando-se na pesquisa de Stokoe traça também os parâmetros da Libras, dando assim início aos estudos linguísticos da Libras no Brasil.

Os parâmetros fonológicos (ou querológicos) fazem parte do sistema linguístico da Libras, sendo que cada um desses parâmetros pode ser aplicado para formação dos sinais. A alteração de um dos parâmetros pode ocasionar mudança de significado, mais especificamente: ocorre mudança de sinal. Para exemplificação, pode-se tomar o caso do sinal de APRENDER e de SÁBADO: ambos são executados com a mesma configuração de mão, o mesmo movimento, mas em locais diferentes, um sobre a testa e outro sobre a boca, respectivamente, como podemos observar na figura:

Figura 1 – Sinais APRENDER e SÁBADO



Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar disso, os sinais APRENDER e SÁBADO, dependendo do contexto, podem apresentar variação na sua produção sem que isso altere seu significado. O sentido aqui expresso relata o uso, por exemplo, do verbo APRENDER que se refere a uma variação sem a alteração exata do seu significado. O que cabe analisar aqui são as formas de sinalizações possíveis dentro de um determinado momento, que alteram um dado parâmetro sem necessariamente alterar o sentido do sinal em que ocorre. Por exemplo, o sinal de APRENDER é localizado no meio da testa, mas pode ser sinalizado no canto da testa durante um determinado contexto, ou o movimento de fechar os dedos da mão atuante pode ser realizado apenas uma vez, sem repetição. Essas mudanças para um falante fluente em Libras, não modifica a sua compreensão e nem altera o sentido dado por quem enuncia.

Já para os aprendizes de Libras, essa mudança pode atrapalhar ou até alterar completamente o entendimento, ou não permitir que a mensagem chegue com facilidade. A aquisição de um sinal acompanhado dos seus respectivos parâmetros não contempla as

possíveis variações que ocorrem durante uma conversa ou em um dado contexto.

Como os parâmetros são essenciais para a estruturação dos sinais e a mudança no uso de um parâmetro – que isoladamente não significa nada, mas leva à distinção de significado – esse fato pode levar à mudança de um sinal para outro. Os estudos linguísticos aplicados às Línguas de Sinais têm associado o papel dos parâmetros ao papel dos fonemas nas línguas orais e entendido o estudo dos parâmetros que constituem os sinais como o estudo do nível fonológico da Libras (BRITO, 1995; QUADROS e KARNOPP, 2004; XAVIER, 2006).

Contudo, quando se muda o local de execução de um sinal (um dos parâmetros constitutivos), não se pode dizer que necessariamente há mudança de sinal, mas se pode dizer que mudar o local de execução de um sinal pode exercer uma função gramatical diferente e levar a um significado similar em que a materialização linguística que se tem primeiramente é a de um enunciado com sujeito, verbo e objeto (como no sinal de ENTREGAR). Se o local de realização do sinal de ENTREGAR é em frente ao espaço neutro próximo ao sinalizador, movimentando-se em direção ao espaço ocupado por seu interlocutor, o que se tem é um enunciado com sujeito (eu), verbo (entregar) e objeto indireto (você) – “entregar para você”. Se o local de realização do sinal de ENTREGAR é em frente ao espaço neutro próximo ao interlocutor, movimentando-se em direção ao espaço neutro em frente ao locutor, o que se tem aí é um outro enunciado com sujeito (você), verbo (entregar) e objeto indireto (mim) – “entregar para mim”.

Os estudos desenvolvidos por Stokoe (1960) foram tomados como base por estudiosos na área da linguística da Língua de Sinais. Seus estudos apontaram que existe uma diferenciação no modelo linguístico das línguas orais e das línguas espaço-visuais e que as suas estruturas se divergem. Stokoe colocou a simultaneidade como uma característica específica da modalidade das línguas de sinais, característica que as línguas orais não apresentam. Assim, foram muitos os esforços destinados a comprovar o status linguístico das línguas de sinais e por um longo período foi questionada a importância dos estudos linguísticos voltados para a língua de sinais.

Os estudos de Liddell e Johnson (1989) aprofundaram os estudos linguísticos das Línguas de Sinais e comprovaram a importância dos queremas dentro da linguística da Língua de Sinais⁶. Têm-se como

⁶ Há certa diversidade quanto à classificação dos símbolos, ou seja, os pictográficos são os que se assemelham ao objeto que representam; ideográficos

exemplo os sinais arbitrários, em seu movimento e na sua localização. Por exemplo, o sinal DAR, é um sinal que possui movimento, porém a sua localização vai variar de acordo com a localização do sujeito no espaço. Este tipo de análise não se aplica as linguas orais, pois o seu sistema linguístico é linear ou sequencial e não há sobreposição temporal de suas unidades mínimas.

[...] A principal diferença estabelecida entre língua de sinais e línguas orais foi a presença da ordem linear (sequência horizontal no tempo) entre os fonemas das línguas orais e sua ausência nas línguas de sinais, cujos fonemas são articulados simultaneamente QUADROS & KARNOPP. (2004, p.49)

Sobre sinais arbitrários, Strobel e Fernandes (1998) afirmam que:

SINAIS ARBITRÁRIOS - São aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 7).

Nesse caso, porém, fica difícil sustentar que o parâmetro “local de articulação” equivale a um fonema tal como os fonemas são entendidos nas línguas orais. Entretanto a variação na forma, independentemente do nome que se dê a esse nível, pode ser entendida como variação em um nível específico: fonológico ou querológico. Assim, esta pesquisa convencionou referir-se apenas a variações relativas aos parâmetros constitutivos da Libras.

No próximo capítulo aborda-se como a questão dos níveis

– cujas formas sugerem o conceito que representam; dupla classificação; possuem características pictográficas e/ou idiográficas; e por último, símbolos arbitrários: quando a forma não tem relação direta convencional com o seu significado (HEHNER, 1980).

linguísticos tem sido abordada desde o início dos estudos linguísticos das Línguas de Sinais, em 1960, até os dias de hoje.

A maneira pela qual a Libras se articula – pela combinação de parâmetros que obedecem uma lógica visual da imagem – é a marca identificatória e constitutiva da cultura surda, já que, segundo Strobel (2008), a Libras representa a existência de um jeito próprio com que o sujeito surdo entende o mundo e assim o modifica, tornando-o acessível e habitável e ajustando-o às suas percepções visuais. Essa correlação contribui muito para a compreensão das múltiplas identidades surdas, bem como para a compreensão de que as formas de expressão linguística dos surdos devem ser vistas a partir de uma ótica visual, desconectada dos padrões orais, que historicamente são impostos aos surdos.

É comum observar que os estudos linguísticos pertinentes às línguas orais influenciam os estudos da área da Língua de Sinais. Entre essas influências cabe também salientar que, em geral, busca-se sempre a analogia entre as línguas orais e a de sinais, uma correspondência entre elas. Conforme mencionado, isso embute também questões relacionadas à terminologia empregada para explicar os fenômenos linguísticos das Línguas de Sinais (como “fonema” e “querema”).

Todas as questões referentes às terminologias empregadas nos estudos linguísticos da língua de sinais, assim como o *status quo* da língua derivam de um processo histórico que não deve ser desconsiderado. Surgem de vários fatores históricos e culturais que agem diretamente no substrato da Língua de Sinais e na sua forma de produção. A variação linguística que abrange todas as nuances de sinalização confunde-se até mesmo com idioletos ou socioletos já que a Libras é uma língua jovem que foi em parte constituída em grupos que não necessariamente tinham a possibilidade de interação mais abrangente em um nível nacional, tornando-a expressivamente variável, isso em interface com as questões subjetivas pertinentes a cada sujeito, já que a forma e o significante também podem se alterar conforme a perspectiva visual daquele que a sinaliza.

Dessa forma, pode-se ter mais clareza que as variações linguísticas decorrentes das produções de sinais dos sujeitos surdos têm, embora sejam variações naturais que compõem hoje o uso inadequado do termo da Língua de Sinais, origens históricas diversas. O surgimento de sinalários e a criação de vocábulos (sinais) de áreas específicas ainda é algo relativamente novo. O processo é uma característica do movimento histórico que acompanha as demandas da Língua de Sinais.

Hoje a comunidade surda tem mais acesso aos meios acadêmicos, isso emancipa os contextos de uso social da Língua de Sinais que antes eram restritos a um determinado nicho de experiências e vivências, não porque ela se configure dessa forma, mas porque ela foi impedida de ter acesso aos meios científicos, técnicos e outros meios que permitem um repertório linguístico mais desenvolvido e aguçado.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), referente ao estudo das categorias dos substantivos e dos verbos, pelos parâmetros do movimento, por exemplo, o verbo SENTAR e o substantivo CADEIRA, em ambos os casos o sinal empregado era o mesmo, sem distinção. Porém a língua de forma processual encarregou-se de apresentar a diferenciação desses vocábulos em sinais, diferença essa que ocorre no movimento do sinal. Verifica-se que essa modificação ocorreu também com o sinal PESQUISA, que antes tinha o mesmo sinal de ESTUDAR. Houve mudanças de sinais no âmbito acadêmico e pelos parâmetros do movimento, com o passar do tempo, esse sinal foi alterado, já que em seu significante foi atribuído um sentido que alterava o sinal inicial.

Da mesma forma, pode-se observar que a Língua de Sinais (minoritária) sempre teve uma “dependência” da língua oral (majoritária) para a sua produção. Por exemplo, o sinal de LÍNGUA (língua/idioma) é produzido exatamente na boca, excluindo ou desprezando, dessa forma, a modalidade de língua espaço-visual, dentro da própria Língua de Sinais. Percebe-se então, que esse sinal é criado com base em um sistema de língua oral, partindo da percepção ouvinte a respeito do mundo, não tendo, assim, um sinal mais genérico das peculiaridades da Língua de Sinais.

Verifica-se que essa problemática surge com o advento da Comunicação Total, que defende a utilização de inúmeros recursos linguísticos, tais como, a língua de sinais; linguagem oral; códigos manuais, entre outros. Todos eles seriam facilitadores da comunicação com as pessoas surdas, pois acreditava-se que somente o aprendizado da língua oral não seria suficiente para o pleno desenvolvimento da criança surda.

Entretanto, a Comunicação Total teve um hibridismo muito grande, mantendo a língua oral ainda em evidencia e deixando a Língua de Sinais em segundo plano. Porém, embora secundários, os sinais se apropriavam de léxicos empregados na fala. Todavia, com isso, os conceitos também eram baseados no pensamento ouvinte e na sua língua oral, o que não favoreceu o desenvolvimento da língua de sinais.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

O presente trabalho se baseia no pressuposto teórico de que, para realizar a análise da língua de sinais, é necessário adaptar teorias descritivas desenvolvidas para a análise de línguas orais. Em alguns momentos, as teorias criadas para explicar o funcionamento de línguas orais não vão conseguir explicar de forma satisfatória fenômenos da língua de sinais, ou, ainda, nem permitem abordar estes fenômenos. Em outros momentos, as teorias usadas no âmbito das línguas orais se aplicam de forma muito parecida às línguas de sinais. Porém, convêm utilizá-las com bastante cuidado. Apenas a título de ilustração, pode-se mencionar aqui uma diferença fundamental entre o modo como os enunciados são articulados nas línguas orais e nas Línguas de Sinais: as línguas de sinais apresentam a possibilidade de ter seus enunciados produzidos por vários articuladores ativos (duas mãos, rosto, corpo), enquanto as línguas orais não.

Dentro de uma análise linguística, a língua de sinais é estruturada por parâmetros visuais, diverge-se em algumas funções das línguas de modalidade oral. As línguas orais são fonoarticulatórias, a nível fonêmico possuem uma articulação para a pronúncia de cada som. Essa articulação equivale às formas como a mão se articula para a produção de cada sinal. Trazer as discussões apresentadas por Stokoe (querologia – descrito mais detalhadamente no itens 2.1 e 2.2) e Labov (sociolinguística variacionista – descrito mais detalhadamente no item 2.3) permitem refletir sobre as equivalências e diferenças entre as modalidades das línguas orais e de sinais. Isso mostra uma visão que considera a Língua de Sinais como língua de sistema próprio que deve ter seu espaço teórico preservado sem a necessidade de adotar em todos os casos os conceitos trazidos pelas análises das línguas orais.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA I

Segundo Albres (2008), a LIBRAS, diferente das línguas orais têm também a propriedade da simultaneidade. Em alguns casos, as sentenças podem apresentar sinais em LIBRAS e ao mesmo tempo expressões não manuais para informar. Felipe (2007), descreve que expressões faciais e corporais são realizadas simultaneamente com o sinal. O uso recorrente de advérbio de intensidade, sugere um excesso de construções de forma linear e não simultânea. O uso dessa estrutura indica uma possível influência da língua majoritária falada no país e o uso da redundância.

Nesse sentido, assim como as pausas têm um papel central na organização e planejamento da produção da língua oral, podendo expressar, inclusive, intensificação de processamento cognitivo, no caso do processo de interpretação, acreditamos que o prolongamento do sinal ou sua imediata repetição, podem evidenciar elementos do processamento cognitivo da interpretação por parte dos intérpretes de sinais (RODRIGUES, 2012, p. 108.).

Em consonância com este entendimento e respeitando esse sistema próprio, observa-se que em Língua de Sinais é considerada ativa ou dominante a mão preferida do sujeito sinalizante, aquela que apresenta movimento e a mão passiva ou não-dominante é aquela que fica estacionada, preterida, servindo de ponto de articulação para a ativa ou, quando em movimento, como “espelho” da mão ativa, com configuração de mão e movimentos especulares ao da mão ativa. Seguindo este raciocínio “as mãos são geralmente descritas na literatura sobre as línguas de sinais por meio dos termos ativo ou passivo e dominante ou não-dominante” (BATTISON, 1978 *apud* XAVIER, BARBOSA, 2015, p. 506)⁷.

As expressões faciais têm função tanto semântica e gramatical quanto função de prosódia, assumem importantes aspectos, já que veiculam sentidos que poderiam ser estudados isoladamente.

As línguas orais também usam expressão corporal e facial, porém em menor grau, não chegando a ter valor gramatical, por exemplo, e não conseguem usar vários articuladores simultaneamente. O resultado necessário dessa diferença é que as línguas orais se articulam de maneira mais sequencial, em que um fonema segue outro, uma sílaba segue outra, uma palavra segue outra e a combinação sequencial desses elementos resulta em um dado enunciado.

⁷ Esse trabalho adota a terminologia de Oliveira (2015) de mão atuante e participante. Oliveira encontrou que os morfemas sinalizados pela mão tradicionalmente chamada de “passiva” no corpus de análise de terminologia em libras de sua tese de doutorado contribuem um significado base aos termos que é modificado pela mão tradicionalmente chamada de “ativa”. Assim, a sua terminologia de atuante e participante diminui a distância entre os dois conceitos, uma vez que as duas mãos tem função igualmente importante, apenas que normalmente a mão participante não executa movimentos.

As línguas de sinais, ainda que apresentem, como as línguas orais, um aspecto sequencial na produção de sinais e sentenças, tem uma característica peculiar com relação às línguas orais: elas são simultâneas em alguns aspectos. Esse fato pode ser observado, por exemplo, com a negação suprasegmental. No sinal NÃO-CORTAR-CABELO, a incorporação da negação na sentença se faz com o balanço da cabeça, simultaneamente à realização do sinal CORTAR-CABELO.

Na glosa⁸ em português, percebe-se que há duas palavras (CORTAR-CABELO) e que elas formam um predicado (verbo e objeto). Na Língua de Sinais a estrutura é diferente, pois apenas o sinal de “cortar” é suficiente, pois envolve um movimento específico, que será realizado em uma localização próxima ao cabelo com uma configuração de mão específica. Verifica-se em um sinal como esse que o verbo, o objeto e o agente estão presentes formando a enunciação devido ao caráter simultâneo das línguas de sinais.

Essa análise, contudo, não dá conta do fenômeno na Libras, pois se toma como critério a forma empregada no português. O fato de a tradução da sinalização “cortar cabelo” envolver uma sequência linear de fonemas que formam dois itens lexicais /cortar/ e /cabelo/ em português não deve ser tomado como critério para identificar na Libras a presença de uma sequência fonemática, pois o material que constitui essa locução é realizado ao menos parcialmente em concomitância ou sobreposição para compor, dessa forma, uma frase. Com esse exemplo, percebe-se que analisar as enunciações em língua de sinais e tentar segmentar o que pertence ao fonológico, ao morfológico e ao semântico se trata de uma tarefa linguística não muito simples.

Segundo Fernandes (2003), no nível fonológico, as línguas orais representam os fonemas de uma língua, concretizados pela articulação dos sons da fala. De modo análogo, a Querologia é representada pelo emprego dos articuladores dos sinais, sendo definida como a ciência que trata dos movimentos das mãos nas línguas de sinais. Ou seja, é o termo usado para descrever as unidades elementares, ou queremas,

⁸Utiliza-se o termo glosa para designar um sistema de notação linguística que utiliza, a língua portuguesa – em letras maiúsculas – para representar o enunciado feito em Libras, mantendo a estrutura gramatical da língua de sinais. Tendo em vista que a Libras não possui uma escrita própria, os sinais são aqui apresentados na forma de glosas. Importante não confundir a glosa com o significado semântico em português, ela é apenas um recurso metodológico para ajudar na transcrição da Libras.

combinações que se fazem com as palavras e os sinais da língua de sinais.

No entanto, observa-se que em muitos estudos ainda se mantêm os conceitos de fonologia e fonética nas publicações sobre línguas de sinais, provável herança histórica da tendência de se evidenciar seu status linguístico por meio de “equivalências” com os estudos de línguas orais. Ao falar sobre a língua de sinais, embora esta não se manifeste por meio dos sons, segundo essa visão, pode-se falar de variação fonológica, primeiro por que os conceitos expressos não estão necessariamente atrelados ao som e, em segundo, por que o uso de uma nomenclatura diferente para tratar de fenômenos nas línguas de sinais, semelhantes aos das línguas orais facilitaria o estudo e a observação entre esse tipo de língua (XAVIER, 2014).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), William Stokoe propôs o termo “querema” às unidades formadoras dos sinais que seriam a configuração de mãos, a locação e o movimento; e ao estudo de suas combinações propôs o termo quirologia - do grego, mão.

O linguista norte-americano percebeu que os sinais possuem diferentes parâmetros ou unidades formacionais e descreveu os queremas de acordo com a configuração, a localização e o movimento das mãos. Mais tarde, acrescentou-se à descrição dos queremas a orientação da palma das mãos e aspectos não manuais (como movimentação do corpo e expressões faciais), pois foi observado que esses elementos, assim como aqueles apontados por Stokoe, também distinguem significado de sinais e formam pares mínimos (Battison, 1974, 1978).

O item 2.1 abaixo tem como objetivo fazer um revisão da literatura sobre os estudos linguísticos da Libras, apresentando os pressupostos teóricos que embasam este trabalho, as proposições linguísticas de Ferdinand de Saussure, do início do século XX e motivação os estudos iniciais da linguística das línguas de sinais de William Stokoe a partir de 1960, suas propostas e conceitos. Para tanto, são aprofundados os conceitos de Querologia e, no item 2.2, é introduzida a proposta de um novo conceito: Querética.

2.1.1 Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais: Querologia

Querologia é a ciência que estuda as mãos, expressões faciais e corporais, utilizadas com a função de promover a comunicação no sistema linguístico das línguas de sinais, permitindo a transmissão da mensagem. O linguista norte-americano William Stokoe, estudioso das

línguas de sinais, propõe uma terminologia para o estudo do nível querológico das línguas de sinais, em “Sign Language Structure”, de 1960, publicação que marca o início do reconhecimento do status linguístico das línguas de sinais. Suas descobertas influenciam consideravelmente os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais até os dias atuais, como é o caso desta pesquisa. O conceito de língua adotado aqui é aquele descrito por Saussure. Segundo ele:

[...] língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1997, p.17).

Nos estudos sobre fonética e fonologia, surgiu a ideia para Saussure, que a função linguística pode provocar mudança de significado, onde um mesmo fonema, por exemplo, pode possuir valores diferentes nos vocabulários. Sobre fonética e fonologia é importante destacar o seguinte:

Cabe à fonologia explicar o porquê de os falantes de alguns dialetos do português brasileiro considerarem como sendo o mesmo som as consoantes da palavra carta [ˈkarta] e [ˈkaRta], muito embora elas tenham pronúncias diferentes, sendo articulatória, acústica e perceptualmente distintas (SILVA, 2009, p. 18).

Em nível fonológico, as línguas orais representam os fonemas de uma língua, concretizados pela articulação dos sons da fala, diferente da fonética que descreve a pronúncia e articulação dos sons da língua entre os diferentes falantes. A fonologia organiza a estrutura abstrata dos sons da língua, desta forma, Fonologia e Querologia representam o emprego da articulação dos signos auditivos e visuais. Assim, Querologia é a ciência que trata da organização abstrata dos movimentos e posicionamentos das mãos nas línguas de sinais.

Ainda hoje se empregam os conceitos de fonética e fonologia nos estudos de Línguas de Sinais, para se evidenciar seu status linguístico por meio de “equivalências” com os estudos de línguas orais. Assim, ao

falar sobre a língua de sinais, embora esta não se manifeste por meio dos sons, para Stokoe⁹, pode-se falar de variação fonológica.

William Stokoe, propôs o termo “querema”¹⁰ segmento mínimo sinalizado para as unidades formadoras dos sinais. Esses segmentos são a configuração de mãos, a locação e o movimento; e aos estudos de suas combinações propôs o termo querologia (do grego, mão)¹¹.

Stokoe (2005; 1960) percebeu que os sinais possuem diferentes critérios, descreveu os queremas de acordo com a configuração, a localização e o movimento das mãos, se preocupando com os pontos de articulação. Pode-se acrescentar ainda à descrição dos queremas, a característica da orientação da palma das mãos, completando, assim o quadro do sistema querológico das línguas de sinais. A configuração diz respeito à forma que as mãos assumem ao realizar determinado sinal. Podem ser o alfabeto manual ou outras feitas com uma mão ou pelas duas mãos do emissor. A configuração de mão pode permanecer a mesma durante a realização de um sinal ou mudar.

No que diz respeito à localização das mãos, corresponde ao local onde será feito o sinal, tendo como referência o corpo. A localização do sinal é de extrema importância visto que dependendo da localização, o sentido pode mudar totalmente. Os sinais podem ser produzidos na região da cabeça, parte superior do corpo, na parte media, na região do tronco e inferior do corpo.

Quanto ao movimento das mãos pode-se dizer que é fundamental para a realização de diversos sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Para elas, na Língua de Sinais, as mãos do sinalizador representam o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza é a área em torno do corpo do sinalizador. A orientação das palmas das mãos mostra a direção para onde a palma da mão aponta na execução do sinal: para cima, baixo, dentro, fora, direita, esquerda, o que influencia bastante no entendimento do sinal executado.

Além das quatro questões mencionadas, existem autores como Friedman (1977) e Battison (1978), que incluem ainda as expressões

⁹ As línguas de sinais são, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem (Stokoe, 2005).

¹⁰ *Chereme*, em inglês

¹¹ No presente trabalho usa-se a grafia querema e querologia, para não se confundir com quirologia = arte divinatória das linhas das palmas da mão, derivado da mesma raiz grega.

faciais e corporais como mais um aspecto que deve ser levado em consideração para o completo entendimento e para a execução dos sinais. Pode-se fazer uso dos mesmos parâmetros de um sinal para diferentes significados, tendo-se como traço diferenciador a expressão corporal ou facial utilizada naquele contexto.

Assim, mais uma vez afirma-se que a fonologia estuda o aspecto abstrato do sistema sonoro de um dado idioma (línguas orais) e a querologia relaciona-se com o sistema manual / visual das Línguas de Sinais, ou seja, a forma como é realizada a produção de um sinal, essa produção possui especificidades e regras para que esta componha sentido. É importante ressaltar que o início dos estudos linguísticos das línguas de sinais ainda é muito recente, com início, apenas a partir de 1960, com os estudos de Stokoe é que se põe em discussão essa realidade apresentada pelas Línguas de Sinais.

A literatura especializada apresenta os estudos relacionados a essa temática que adotam na maioria das vezes o termo “fonologia” para descrever a Língua de Sinais, porém a modalidade de língua é significativamente diferente, a forma como elas se apresentam não traz relação com a forma de produção das línguas orais em questão. Existem especificidades e percepções que apenas uma língua de modalidade viso-espacial pode apresentar. Por isso, atualmente buscam-se termos mais adequados à área dos estudos de línguas de sinais, como querema, querologia, querológico, etc. Para ilustrar essas especificidades:

There are signs, for instance, whose articulation involves first contacting one part of the body, and then moving away from it, and there are others which require the opposite order of events. (BATTISON, 1974, n.p.). [Por exemplo, há sinais onde a articulação envolve primeiro o contato com uma parte do corpo, depois um movimento para longe desta parte; também há sinais que exigem a ordem inversa destes eventos]. (BATTISON, 1974, n.p., tradução Oliveira, 2015).

Compreende-se que o termo “fonologia” introduzido pelos pesquisadores das Línguas de Sinais da segunda metade do século XX na descrição de sua estrutura tem relevância histórica, já que possibilitou um debate mais aceitável entre as pesquisas da língua de sinais e orais, dando abertura ao diálogo entre as duas modalidades e ajudou a estabelecer o status linguístico das línguas de sinais em uma fase histórica importante. Porém, trata-se aqui da possibilidade de se analisar

puramente o sentido de uma língua visual cuja estrutura fundamental não faz relações com o mundo sonoro. Portanto, há necessidade de reafirmar um sistema terminológico que engloba conceitos diferentes em sua produção, embora organicamente as línguas se equivalham no sentido mais geral, na medida em que satisfazem as mesmas necessidades perceptivas, cognitivas e comunicativas, pode-se dizer que na forma e na modalidade, divergem bastante.

A distinção entre fonema (menor unidade sonora que pode diferenciar significado) e morfema (menor unidade que pode carregar significado) é mais clara nas línguas orais do que para as línguas de sinais. Usando o conceito de fonologia para Línguas de Sinais não apenas desvia sem necessidade o foco do nível visual para o sonoro (desvalorizando sem necessidade a Língua de Sinais), mas ao mesmo tempo leva facilmente à transferência dessa relação de fonema e morfema à língua de sinais onde a identificação de unidades que diferenciam e que carregam significado é muito mais complexa e ainda pouco pesquisada. Conforme declarou Oliveira (2015):

[...] assume-se a existência de um *continuum* entre dois níveis linguísticos – querológico e morfológico – para análise das LSs e propõe uma análise morfoquerológica, com intuito de definir descritores adequados para os dados coletados. Inevitavelmente, a análise concentrar-se-á, ainda, mais no nível querológico do que no morfológico visto que é necessário retomar a discussão dos parâmetros das línguas de sinais, tidos em geral, como elementos do nível querológico (OLIVEIRA, 2015, p. 41).

Os dicionários, por exemplo, tentam registrar a Língua de Sinais de maneira gráfica em forma de figuras e não têm como objetivo abordar a variação da forma que a língua é enunciada; já os vídeos registrados em Libras, por trazerem a imagem real do sinalizante, são o instrumento com os quais consegue-se identificar as variações da língua.

Por isso é importante analisar a querologia e a querética, já que são essenciais para se verificar as variações nas Línguas de Sinais e fazer assim uma relação direta com a Sociolinguística, respeitando as formas de uso da língua e suas possíveis variedades. As mudanças na língua quando respeitadas mostram uma língua viva, diversificada e rica.

Assim, a análise focada na ótica das línguas de sinais, a forma

que a mão assume para as produções lexicais, é um novo paradigma para o estudo destas línguas. É uma nova consciência que se estrutura, não há uma rota fonética, mas sim querética que compõe o pensamento e a enunciação das línguas de sinais.

2.1.2 Uma proposta sobre o conceito de Querética

Querética é uma terminologia utilizada nesse trabalho e é proposta aos estudiosos das Línguas de Sinais. Stokoe, em sua pesquisa, utilizou os termos querologia e querema, mas não trata sobre a querética (o morfema QUER significa MÃO), daí a necessidade de propor um conceito novo para completar essa abordagem de analisar a língua de sinais com conceitos terminológicos próprios.

A querética possui um correspondente em línguas orais, a fonética, entretanto, o termo fonética não consegue explicitar fenômenos que são pertinentes e característicos de uma língua de modalidade espaço-visual. A fonética é o estudo que se direciona ao uso de determinados sons fisicamente registrados e identificados, como base da estrutura fonêmica da língua oral, formalizando suas possibilidades na pronúncia. O uso da terminologia direcionada aos sons certamente não é cabível para estudar as articulações das produções visuais em Língua de Sinais devido ao fato de que a língua de sinais usa um universo de unidades visualmente perceptíveis muito maior do que os cerca dos 25 fonemas que cada língua oral em média emprega. A limitação do número de eventos mínimos nas línguas orais gera a necessidade de um sistema combinatório diferente das línguas de sinais para poder gerar as unidades lexicais.

Foi a partir de 1960, com os estudos de Willian Stokoe sobre a Língua de Sinais Americana (ASL – American Sign Language), que passou a circular uma proposição diferente para a análise e os estudos relacionados às línguas de sinais. Isso porque Stokoe apresentou evidências científicas acerca do status linguístico das Línguas de Sinais, antes consideradas apenas uma forma de mímica utilizada pelos surdos para comunicação. Essa visão pautava-se no mito de que os surdos, diferentemente dos ouvintes, não dispunham de uma língua complexa que pudesse organizar e expressar a realidade circundante.

O estudo conduzido por Stokoe, ao evidenciar que os sinais empregados na ASL apresentam uma organização interna, com unidades mínimas distintivas que se combinam e recombinaem para formar unidades maiores, portadoras de significado, abriu caminho não apenas para a queda do mito acima mencionado, bem como para o início de

uma tradição em pesquisas linguísticas cujo objeto de estudo são as línguas de sinais.

Tais unidades mínimas constitutivas dos sinais que compõem as línguas visuais são chamadas de parâmetros, conforme Ferreira Brito, (1995) os quais se subdividem em parâmetros primários (configuração de mão-CM, ponto de articulação-PA e movimento-M) e parâmetros secundários (direcionalidade da palma da mão, direcionalidade do movimento e as expressões não manuais).

Assim, a Querética seria o ramo da Linguística que se preocupa com a unidade mínima dos sinais, com a parte significativa do signo linguístico e não com o seu conteúdo ou significado. Trata-se da parte da linguística que estuda e classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (os parâmetros que formam queremas) em sua realização concreta.

Desta forma, as variações queréticas da língua de sinais (análogas às variações fonéticas das línguas orais) estão organizadas em seus parâmetros: Configuração de Mão, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação/Direção e Expressão Facial e corporal. Elas assumem no discurso do sinalizador formas mínimas e variáveis que não alteram o significado do sinal, apresentam em certas condições e contextos acentuação de parâmetros.

Nas produções em Libras é comum ter pequenas mudanças nas configurações de mão, mudanças essas que em suma não alteram nem a forma e nem o sentido do sinal, são intrínsecas ao que produz a fala. Por exemplo, a configuração de mão em C (nº 4 do quadro de nível fonético da língua de sinais brasileira apresentado abaixo, de Ferreira Brito e Langevin, 1995) dependendo do sinal, pode sofrer pequena variação de fechamento durante o movimento.

De acordo com Ferreira Brito e Langevin, (1995), a Libras apresenta quarenta e seis CMs (Configurações de Mão – vide Figura 2), mas nem todas as línguas de sinais partilham o mesmo número de configurações. As CMs da Libras foram descritas a partir de coletas de dados realizadas nos principais centros urbanos brasileiros, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança existente entre elas, mas sem uma identificação definida enquanto CMs básicas ou CMs variantes (QUADROS E KARNOPP, 2004).

Figura 2 – Configurações de mão na Libras



Fonte: Ferreira Britto e Langevin (1995).

Nas línguas de sinais observa-se que o movimento tem variações em seu uso, pois o mesmo sinal sofre alterações no movimento conforme o contexto, o momento de sinalização, o referencial, a idiosincrasia e o perfil do sinalizante também podem alterar a forma de realizar o movimento em Libras e principalmente o espaço, pois esse é determinante na produção de um sinal. O movimento possui uma lógica comum para cada sinalização. Conforme apresentam os estudos linguísticos da Língua de Sinais, há direcionalidade de movimentos gramaticalizados em Libras, e essa direcionalidade altera o significado da sentença. Os movimentos podem ser: unidirecional, bidirecional multidirecional, podendo esses ser realizados de diversas formas como: retilíneo, helicoidal, movimento circular, movimento semicircular, movimento sinuoso e movimento angular.

Cada sinal tem em seu extrato um movimento a ser seguido, as mudanças na direção do movimento quando possíveis são comuns, mas devem estar atreladas à sua forma base. Por exemplo, o sinal EXEMPLO pode ter movimentos mais ligeiros (bater 2x ou 3x no queixo) ou sem movimento (há apenas o movimento para a realização

do sinal, uma vez estando ele em seu ponto de articulação, o sinal é mantido, sem repetição de movimento). Porém essa mesma configuração não pode fazer o movimento diferente como um movimento retilíneo para baixo, se assim executado o seu significado muda por completo (nesse exemplo com a mudança de movimento o significado do sinal seria FICAR).

Essa variação do movimento também ocorrer por alterações históricas do sinal, como, por exemplo, o sinal CURSO, o qual apresenta atualmente, em comparação a seu uso mais antigo, uma variação diacrônica da ordem de economia linguística. Inicialmente, a mão em configuração de C realizava o movimento de deslizar sobre o outro braço, partindo do braço na direção do antebraço, chegando até o pulso. Atualmente, o sinal “CURSO” é executado com o movimento da mão configurada em C apenas sobre o dorso da outra mão fechada. Todo o movimento realizado ao longo do braço e do antebraço de apoio deixou de ser executado. Nesse caso, a querética aponta como está expressa a configuração de mãos (em C), enquanto a querologia identifica o significado de toda a execução do sinal e conseqüentemente a base de sua identificação lexical e de seu significado (CURSO). O querema CM “C” com a orientação da palma vertical para frente sozinho aqui não transporta significado. É o conjunto do movimento linear da mão dominante em CM “C” vertical e a mão participante em CM “B” orientando a palma da mão para baixo e com contato horizontal superior da mão atuante junto à orientação da palma horizontal para fora que formam o significado do sinal.

Assim como o movimento, a locação pode sofrer variação gramatical, principalmente nos verbos com concordância e verbos espaciais (+loc), verbos com afixos locativos e os verbos manuais (ou verbos classificadores). Essa variação gramatical se refere a variações na configuração das mãos e/ou no movimento e ou/ locativo, não modificando o sentido do sinal. Esses verbos têm regras, mas cada um é feito com sinal com mudança de parâmetros e no caso dos verbos com movimento, sempre têm uma ação de mudança, como por exemplo:

Verbos com concordância: DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR;

Verbos espaciais e Verbos com afixos locativos: sinalizante AJUDA¹², Verbos manuais (ou verbos classificadores): COLOCAR-BOLO-NO-FORNO, SENTAR-NO-MURO, PASSAR-ROUPA, PINTAR-PAREDE-ROLO, REGAR-PLANTAS-MANGUEIRA. Neste sentido, vale ressaltar o pensamento de Quadros, Pizzio e Rezende, 2009:

As marcas de concordância não estão relacionadas a palavras livres da língua e não são encontradas variações individuais na estrutura do sistema. Já o tipo seqüencial é diferente em todas essas formas. (QUADROS, PIZZIO, REZENDE, 2009, p. 31).

No entanto, a orientação da mão sofre variação conforme a idiossincrasia do sinalizante, podendo ter esse sinal pequenas alterações em sua orientação. Por exemplo, o sinal SEPARAR, a palma da mão pode estar completamente reta para a execução do sinal, ou levemente tombada, isso dependerá de quem sinaliza, essa mudança na orientação de mão às vezes é milimétrica, e ocorre de sujeito para sujeito. Como essa variação mencionada não causa alteração do significado, poderia ser caracterizada como aloquere¹³ (equivalente de alofone¹⁴ das línguas orais). A definição de aloquere de Stokoe é conceituada como “qualquer elemento de um conjunto de configurações, movimentos ou posições, ou seja, de queremas, que sinalizam de forma idêntica na língua¹⁵.” (2005, p. 33). Com relação à alofonia Mollica; Braga (2015) relatam o seguinte:

[...]definida em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e incorporada em reflexões de estudiosos de outras correntes teóricas, data dos teóricos estruturalistas que reconheceram as diversas realizações fonéticas de um fonema num mesmo



¹²

¹³ Allocher foi o termo proposto por Stokoe (2005/1960) para o conceito correspondente a alofone das línguas orais.

¹⁴ Alofone significa variante fonética de um fonema, levando em consideração seu contexto fonológico, ou variação de outra ordem, sem alterar o significado.

¹⁵ Citação original: “Any one of that set of configurations, movements, or positions, i.e. cheremes, which signal identically in the language”

contexto linguístico, os alofones¹⁶ em variação, como parte integrante da organização do subsistema fonológico. (MOLLICA; BRAGA, 2015, p.74).

Alofones (= som igual), na modalidade oral, é o item linguístico que é foneticamente divergente, porém fonologicamente ocupa o mesmo valor, ou seja, no caso de uma variação fonética sem mudança do valor fonológico, a variante é o alofone. São as diferentes realizações fonéticas de um mesmo fonema. Com foco no SOM, são várias formas de realizar o mesmo fonema, e não dois fonemas que sofrem alteração, depende de certa enunciação de traços distintivos. Ocorre assim, intensa comunicação dos falantes com a articulação de traços habituais favorecendo a expressão de diversos elementos suprasegmentais relacionados a dimensões como sentimentos, identidade, etc., além do conteúdo semântico codificado nos itens lexicais. Ao mesmo tempo, depende ainda do ambiente fonético em que o som vocal se encontra, do sotaque e da fala livre do falante da língua. Conforme declarou Mattoso Câmara:

Há, aliás, dois tipos muito diferentes de alofones. Um deles depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final). Esses alofones, ou variantes do fonema, são ditos posicionais. Já outro tipo é o da variação livre, quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala. São os alofones ou variantes livres, como

¹⁶A variação para os estruturalistas era “livre”. Um outro tipo de ocorrência dos alofones que foi detectado pelos estruturalistas são os alofones em distribuição complementar, isto é, as formas fonéticas associadas a um mesmo fonema possuem contextos fonético-fonológicos exclusivos de ocorrência. É o caso dos fones [tʃ] e [t] no português carioca, distribuídos em função da vogal que os segue na sílaba: [tʃ] ocorre diante de i e [t] diante das outras vogais. (MOLLICA; BRAGA, 2015 P.74).

sucedem em português com o /r/ forte, pronunciado, como vimos, pela maioria dos falantes como um som velar, ou uvular, ou mesmo com uma mera vibração faríngea, e por outros, em minoria, como uma dental múltipla (isto é, resultante de uma série de vibrações da ponta da língua junto aos dentes superiores) (MATTOSO CÂMARA Jr., 2011, p. 35).

Nas línguas de sinais, as expressões faciais estão atreladas aos demais parâmetros, sendo também variadas conforme o sujeito e a oração a ser expressada pelo sinalizante. Elas são importantes e assumem função lexical, gramatical e pragmática junto com os demais parâmetros, já que servem como aparato linguístico para a produção dos sinais, auxiliando assim, a compreensão do receptor. Essas expressões variam porque cada sujeito sinalizante tem um perfil diferente, podendo alguns serem mais sérios, outros mais expressivos. Não se exclui desse parâmetro o aspecto corporal, pois esse também possui função na língua, mas depende e varia de sujeito para sujeito.

A Língua de Sinais ocorre no corpo, portanto o quando o sujeito sinaliza (fala), envolve vários outros sentidos subjetivos que se apresentam em seu corpo durante a sinalização. A língua oral é presa em sua forma lexical, em sua forma consecutiva de fala. A língua de sinais possui maior liberdade na produção do seu material significante e aceita um maior grau de variação sem necessariamente mudar o sentido daquilo que se quer sinalizar. Segundo Stokoe (2001, p. 303) *“Languages depend on the human brain, not on the naked or electronically assisted human ear”* (as línguas dependem do cérebro humano, não do ouvido humano nu ou eletronicamente assistido).

Após observar esses parâmetros e a fim de salientar sua constituição visual, o linguista norte-americano propõe uma terminologia para o estudo dos níveis linguísticos das línguas de sinais que difere da empregada nas línguas orais. Assim, Stokoe chamou ao estudo das unidades mínimas sem significado constitutivas dos sinais de *cherology* (querologia) e atribuiu a essas unidades mínimas o nome de *chereme* (querema), como dito anteriormente.

Essa distinção terminológica, em grande parte, deve-se ao fato de que as unidades mínimas estudadas nas línguas orais são de natureza sonora. Em função disso se instaurou o uso do termo “fonologia” - para identificar o estudo desse nível de articulação da linguagem nas línguas orais, que pode ser compreendido como o “o estudo da sonoridade de

um idioma” (OLIVEIRA, 2013, p.148).

Apesar da intenção de Stokoe de ressaltar a natureza distinta que caracteriza a língua de sinais, já no nome da área do saber que ele inaugurava, a terminologia não se consolidou, visto que Battison, em 1974, foi o primeiro pesquisador a utilizar a nomenclatura “fonologia” para se referir ao estudo das unidades mínimas das línguas de sinais (OLIVEIRA, 2015). A falta de consenso entre a terminologia a ser adotada ainda é usual, visto que:

[...] o termo [fonologia] foi criado antes do reconhecimento de que, além das línguas orais, as línguas de sinais também são línguas, fazendo com que o termo ‘Fonologia’, seja usado para reconhecer tanto as unidades mínimas sem significado nas línguas orais quanto nas línguas de sinais. Há discussões sobre o uso do termo ‘Quirologia’ ao invés de fonologia, mas o termo ainda não foi aceito pela comunidade de pesquisa no Brasil e também fora do país (PIZZIO, 2011, p 38).

Cabe destacar que os nomes cunhados por Stokoe - cherology (querologia) e chereme (querema) - apresentam variação de sua forma escrita na tradução aplicada a trabalhos publicados em língua portuguesa. Nesse sentido, é “possível encontrar tanto “querologia” quanto “quirologia”, além de outros termos e conceitos correlatos, como “querema” (PÊGO, 2012; MENDONÇA, 2012; CASTRO Jr., 2011; ANATER, 2009; LEITE, 2008; ALDRETE, 2008) e “quirema” (PIZZIO, 2011; FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009; BARROS, 2008; QUADROS; KARNOPP, 2004)” (OLIVEIRA, 2015).

Na presente dissertação, os termos querologia e querema são adotados em detrimento das traduções quirologia e quirema para evitar associação com a palavra quiromancia/quirologia, que significa “leitura divinatória das linhas da mão”, e não guarda relação de sentido com o termo querologia, tomado para tratar dos fenômenos linguísticos relacionados à língua de sinais e seu uso.

Adotar o termo querologia é uma forma de legitimar termos que se relacionam a especificidade da língua de sinais, línguas de modalidade diferentes, que apresentam formas e necessidade próprias.

Conforme salientado anteriormente, traz-se o termo para o debate, para que assim a literatura possa introduzir essa perspectiva de análise da Língua de Sinais, com termos específicos e uma estrutura

própria. As terminologias devem assumir suas vozes na literatura, por isso não se desconsideram os termos das línguas orais, estes são apresentados trazendo também as suas implicações quanto ao uso empregado nas duas modalidades.

Apesar do desenvolvimento dos estudos linguísticos direcionados para a Língua de Sinais, ocorreu uma não-aceitação do termo querologia pelos outros estudiosos da área de linguística, porém mesmo com a indiferença da academia, Stokoe prosseguiu os seus estudos, focando e pesquisando como a Língua de Sinais era constituída e quais aspectos linguísticos formavam a construção desta língua.

A partir de uma análise minuciosa que abrangeu analisar a fonologia e a querologia, o linguista norte-americano pôde comprovar que para estudar uma língua espaço-visual, como a Língua de Sinais, era necessário especificar outros aspectos, que não fossem os mesmos estudados pela fonologia das línguas orais. Portanto é necessário que ocorra uma flexibilidade em relação aos estudos linguísticos voltados para a Língua de Sinais.

Para que a querologia ganhe destaque é necessário que continue temporariamente a incluir os termos “fonema¹⁷” e “fonologia” nos estudos linguísticos das línguas de sinais, proporcionando uma compreensão através desses estudos que utilizam tais aspectos linguísticos (fonemas e fonologia) dentro da Língua de Sinais, mesmo que não permitam um estudo aprofundado da Língua de Sinais por causa da limitação conceitual de uma terminologia focada nas línguas orais.

Termos como “fonema”, “fonologia” e “fonológico”, por exemplo, não são capazes de representar as características linguísticas das Línguas de Sinais por partirem de pressupostos de que as línguas são orais, há o som e a fala e a um inventário de articulação totalmente distinto. Isso não é apenas uma troca de termos, a transposição da realidade que é veiculada pelos termos pode limitar ou excluir a possibilidade de enxergar de forma completa e correta os respectivos fenômenos na língua de sinais.

Diante do exposto, têm-se que fonologia é a parte da gramática que estuda palavras sob o aspecto sonoro e querologia é a parte da gramática que estuda palavras e sinais sob o aspecto visual. Deste

¹⁷ **Fonema**: A unidade mínima da fonética que pode **diferenciar** significado é o fonema. O morfema é a unidade mínima que **carrega** significado.

modo, o uso do termo querologia tem no estudo das Línguas de Sinais o mesmo valor conceitual que fonologia para as línguas orais. Portanto, a assunção dos termos cunhados por Stokoe em detrimento dos já usados nas línguas orais significa também uma tomada de posição que, ao ressignificar as práticas assumidas no estudo das Línguas de Sinais, valoriza e ressalta seus aspectos constitutivos e distintivos. Segundo Ferreira:

Dessa forma, os estudos linguísticos estarão mostrando também as especificidades próprias de uma língua de sinais, o que impossibilita o seu uso concomitantemente ao de uma língua oral, apesar de se processarem através de modalidades distintas e exclusivas. A estrutura conceitual e subjacente a cada uma das línguas (oral e de sinais) é própria de distintas visões de mundo e constitui-se em distintos veículos do pensamento. Isto torna dificultoso o ato de concatenar e pensar ideias através de dois sistemas diferentes ao mesmo tempo (FERREIRA, 2010, p. 15-16).

Esses conceitos remetem à histórica imposição e supervalorização da cultura e da língua oral sobre a cultura surda e a Língua de Sinais. Quando se impõem que as análises sobre as línguas de sinais partam da perspectiva fonológica das línguas orais, embasada prioritariamente no som, têm-se uma forma de fonocentrismo sendo o som principal objeto de estudo da fonologia

Com a discussão apresentada é possível verificar que os conceitos propostos por Stokoe são, de fato, os mais adequados para tratar da compreensão da Língua de Sinais em suas unidades mínimas constitutivas. Entretanto, é importante ressaltar que se faz necessário aprofundar os estudos do autor norte-americano, propondo o início de uma conceitualização diferente e que parta da diferença linguística da comunidade surda sinalizante, que leve em conta a necessidade visual de comunicação que os surdos apresentam.

Aqui tal aprofundamento é buscado pela proposição do conceito de querética. Entende-se que querética e querologia seriam correlatas à fonética e a fonologia, a fonética estuda a realização concreta do significante linguístico e a fonologia estuda a representação mental, cognitiva desse significante.

Assim, o aprofundamento da pesquisa, bem como a formulação do conceito de querética, visa, portanto, abordar a questão da construção

de sentidos que ocorre nas Línguas de Sinais, a qual definitivamente não está ligada à perspectiva do som, tanto na audição quanto na emissão de voz. Na querética, tal como proposto aqui, parte-se da lógica da existência de uma “física da imagem”, ou seja, a reflexão ótica da configuração espacial dos diversos elementos articuladores que é transmitida através da luz, ao invés da informação transportada pelas ondas sonoras no caso das línguas orais. Como a fonética analisa todos os traços isolados que podem ser percebidos pelo ouvido (e a sua produção na fonética articulatória), a querética analisa todos os traços que podem ser distinguidos visualmente. Além disso, assim como assumido para as línguas orais, sabe-se que as Línguas de Sinais evoluem ao longo do tempo, posto que apresentam variações na maneira como essa física da imagem é realizada.

A presente pesquisa se propõe a abordar as diferentes maneiras de realização das unidades mínimas da Libras, compreendendo, em primeiro plano, que a querética aborda os traços que compõem os parâmetros das Línguas de Sinais, ao passo que a querologia busca analisar as formas como esses se agrupam para formar as unidades mínimas de significado, os queremas e as suas mudanças variacionais apresentadas na execução dos sinais da Libras.

É importante notar que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal se realiza multidimensionalmente e não linearmente, como acontece, em geral, com as palavras orais, e sua realização necessita da presença simultânea de seus parâmetros. (FERREIRA, 2010, p. 41).

Em outras palavras, querética se refere aos aspectos físicos de detalhes perceptíveis dentro dos parâmetros, tais como local, configuração de mãos, movimento, mas que não necessariamente criam diferença de significado. Já a querologia se dedica à análise dos elementos que carregam diferença de significado, como já mostrado anteriormente pela definição de aloquere de Stokoe.

A fim de encerrar esta seção, vale chamar atenção para o fato de que esses dois conceitos, querética e querologia, são duas áreas de reflexão que devem desenvolver-se de maneira conjunta, permitindo descrever a composição dos sinais da Libras e investigar os diferentes

modos como as unidades da querética variam numa dada organização querológica. A área da variação linguística é afetada pela insegurança conceitual que ainda existe na descrição das unidades mínimas onde ocorre essa variação nas línguas de sinais. Ainda que esse trabalho não consegue resolver o problema, ele propõe iniciar uma mudança conceitual com essa finalidade ao longo da discussão na área, incluindo pesquisadores Surdos.

2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA II

Este estudo enfoca duas áreas de variação, a social (diatrática) e a estilística (diafásica) como formas de variação querológica. Categorizando os três tipos de variação querológica têm-se: idioleto, mudança do registro (formal e informal) e a menos complexa – economia. Elementos que serão devidamente abordados, estudados e explicados no capítulo 4 desta pesquisa.

Esta seção do capítulo 2 tem como objetivo apresentar os pressupostos teóricos que embasam este trabalho, para tanto, serão aprofundados os conceitos a partir da perspectiva da Sociolinguística, tais como a variação linguística em Libras e a variação Querológica. Será analisada também a variação social ou diatrática e seus tipos, idioleto e economia; e ainda a variação estilística ou diafásica na perspectiva da mudança de registro formal e informal, conforme se verifica a seguir.

2.2.1 Sociolinguística

A sociolinguística é a parte da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. É o estudo descritivo do comportamento linguístico de uma sociedade e de como ele é determinado pelas relações sociais, normas culturais, expectativas, contexto e economia linguística. Leva em consideração a maneira como a língua é usada e seus efeitos na sociedade. Desta forma, “para o indivíduo não é fácil provocar mudanças deliberadas [numa determinada prática institucionalizada]. Se depender exclusivamente dos seus esforços individuais, as possibilidades de êxito num empreendimento desse tipo serão mínimas”. (Berger e Berger, 1977, p. 197). E, ainda, seguindo o pensamento de Uphoff, 2008, destaca-se o seguinte:

Como os sociólogos ressaltam, a legitimação costuma ser transmitida como conhecimento

socialmente objetivado, que produz “um corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade” e que faz com que “qualquer desvio radical da ordem institucional [tome] caráter de um afastamento da realidade”. (UPHOFF, 2008, p. 133).

Assim, a sociolinguística trata do estudo das formas linguísticas utilizadas de acordo com as influências e características do contexto social de uso da língua falada. A variabilidade é uma característica da sociolinguística considerando o momento no qual a sociedade se comunica levando-se em conta o contexto situacional e cultural e a história comunidades de fala. As pessoas de uma comunidade linguística interagem e compartilham conjuntos de normas com respeito aos usos linguísticos. O pesquisador em sociolinguística William Labov estudou o fenômeno da variação entre grupos de falantes divididos segundo variáveis convencionais, como sexo, idade, escolaridade, procedência, etnia, nível socioeconômico. A partir daí se iniciam os questionamentos, em termos empíricos e teóricos, sobre a sistematicidade do fenômeno da linguagem e a sua relação com o fato social.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja uma, uniforme e homogênea. O monolínguíssimo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, a apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2013, p.27).

Dentro dessa perspectiva de estudo e compreensão dos fenômenos linguísticos de um povo, diante dos fatores que ocasionam a variação linguística de uma dada sociedade, é possível observar a forte influência que as práticas sociais, especialmente atreladas ao contexto sociohistórico em que se vive, apresentam nessa área de conhecimento. Weininger, (2014), exemplifica as variáveis sociolinguísticas como:

Alguns exemplos clássicos dessas variáveis sociológicas que influenciam a variação

linguística são: idade, local de nascimento/residência, descendência étnica, religião, profissão, classe social, gênero, orientação sexual, orientação política/filosófica, escolaridade, afiliação com grupos culturais, grupos de atividades de lazer hobbies etc... Em geral, diferencia-se entre variação diatópica (decorrente do local geográfico), diastrática (causada pela segmentação ou estraficação hierárquica da sociedade em classes socioeconômicas) e diafásica (relacionada a adequação a um determinado contexto de comunicação).(WEININGER, 2014, p. 77)

A Sociolinguística é, portanto, a ciência que busca compreender a forma como as pessoas utilizam da língua no contexto social, sendo a existência de variações linguísticas compreendida como o modo pelo qual a língua se manifesta, além de suas variações internas, variações que dizem respeito principalmente a questões de diversidade social. As variações se configuram e são consideradas, nessa perspectiva, fenômenos qualitativos que enriquecem o uso e o desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, seguindo o pensamento de Silva e Scherre (1996), adota-se aqui o princípio metodológico que norteia o trabalho do pesquisador variacionista, que deve ter como procedimento:

- 1) identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua; 2) inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes; 3) levantar hipóteses que deem conta das tendências sistemáticas da variação linguística; 4) operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza linguística e não linguística; 5) identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado com a interpretação dos resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. (SILVA; SCHERRE, 1996, p. 39-40).

Os estudos sociolinguísticos encontram um vasto campo de pesquisa e análise em se tratando das línguas de sinais, pois estas têm seu reconhecimento social relativamente recente e estão inseridas em um contexto que subentende fenômenos diversos do que os observáveis

na comparação entre línguas orais. Como ilustração dessa afirmação, pode-se citar o caso dos surdos sinalizantes, em que a consolidação de uma comunidade linguística é algo vivencial, que necessita da materialidade do “ver” para constituir-se. Segundo explicita a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos:

COMUNIDADE LINGUÍSTICA - Toda sociedade humana que ocupa um espaço territorial, espaço social e funcional imprescindível para o desenvolvimento pleno da língua. GRUPO LINGUÍSTICO - Toda a coletividade humana que compartilha uma mesma língua e que está assentada no espaço territorial de outra comunidade linguística, mas sem uma historicidade equivalente, como acontece com os imigrantes, refugiados, deportados ou os membros de diásporas (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 26).

Tendo em vista a distinção acima relatada, vêm à tona as discussões acerca das políticas linguísticas adotadas (ou não) por alguns países no sentido de proteger, de legitimar e de fomentar o desenvolvimento de uma língua que, do contrário, correria o risco de ficar à margem, tornando, por consequência, seus usuários marginalizados. Logo, as políticas linguísticas são formas institucionalizadas que partem de decisões do poder para influir no uso da língua de um grupo ou de uma comunidade linguística.

Segundo Quadros (2012), são manifestações de políticas linguísticas: o planejamento linguístico (organização de corpus e comprovação do status linguístico), intervenções na forma e na estrutura da língua (para que assim possam equipará-las, desempenhando seu papel em um contexto determinado), normalização (intervenções perante a elaboração e fixação de normas linguísticas, sejam gramaticais, sejam léxicas, sejam ortográficas), padronização ou estandardização (estabelecimento de uma norma *standard* Frederick Winslow Taylor, 1911). Normalmente, uma língua é falada/sinalizada de maneira diferente por toda a extensão do território, elegendo modelos linguísticos a seguir em contextos de uso, modernização (aceitação e incorporação de novas formas de uso da língua) e representação gráfica (criação ou manutenção dos registros escritos da língua).

No que tange à Libras, é possível reconhecer muitas práticas pautadas pelas políticas linguísticas. Daí a relevância de se compreender

tais concepções no escopo deste trabalho, visto que a Libras ainda vive, apesar do reconhecimento de seu status linguístico em 2002, a necessidade constante de afirmação frente à sociedade brasileira, majoritariamente ouvinte e falante da língua oral portuguesa. Como consequência da preocupação em legitimar a língua de sinais de maneira institucionalizada, especialmente através da manutenção de políticas linguísticas, houve uma disseminação no uso da Libras, implicando não apenas o incremento de sinalizantes, mas também, e principalmente, a ampliação dos contextos sociais de uso da Libras. Devido a essa ampliação, a Libras passou a figurar como língua de comunicação em espaços e práticas sociais em que, antes da implementação das referidas políticas linguísticas, ela era inexistente. A própria luta dos surdos pelo reconhecimento linguístico da Libras, bem como as consequências – ainda em desenvolvimento – advindas desse reconhecimento, colocaram os surdos em situações mais formais de comunicação.

O aumento da demanda por usos mais formais da língua contribuiu, de um lado, para assinalar o empoderamento das comunidades surdas sinalizantes e, de outro, para o entendimento de que empregar o registro formal ou informal no uso da Libras implica na sua valorização e visibilidade. Contudo, mesmo com a ampliação do alcance e o uso frequente da língua de sinais nos mais variados contextos de convivência em sociedade, “ainda é necessário que os usuários da língua de sinais, bem como os interlocutores, conscientizem-se das variedades do registro da língua e da necessidade e possibilidade de sua adequação nos diferentes contextos comunicativos” (SILVA, 2013, p.65).

Esse conhecimento, amplamente discutido na perspectiva oral, precisa ser desenvolvido em patamar correlato quando se trata das questões que envolvem as mãos, ou seja, a língua de sinais. Neste ponto da discussão, convém recorrer à ideia de Saussure (2006), considerado o pai da Linguística Moderna, segundo o qual as línguas humanas devem ser vistas como produto social da comunidade linguística, de tal modo que a língua é instituída por um grupo de falantes, na sua coletividade e seu desenvolvimento acontece nesse grupo.

Recorrer a essa ideia importa à presente pesquisa na medida em que seu objetivo diz respeito à investigação sobre como o uso que os sinalizantes fazem da Libras, em contextos formais de comunicação, pode revelar diferentes modos de realização dessa língua, permitindo refletir em que medida essas diferentes realizações são fruto de variação linguística, bem como o que elas revelam sobre a evolução dessa língua na condição de produto social e coletivo.

Partindo, então, de conceitos mais amplos da linguística e da

sociolinguística, os quais embora pensados para as línguas orais, aplicam-se, como discutido até aqui, também às línguas de sinais, este trabalho assume ser possível uma definição mais abrangente e fidedigna das características da língua de sinais e das variações que esta apresenta em seu uso corrente, considerando especialmente as relações sociais que a língua é capaz de estabelecer e nestas se desenvolver, sem perder de vista que:

[...] indubitavelmente, o ser humano se torna humano através da linguagem e da consciência que permitem a autorreflexão, sendo que a primeira é, ao mesmo tempo, a condição e a consequência da segunda. Na relação entre ser humano e linguagem, desdobram-se inevitavelmente as dimensões individual e coletiva, cada uma nos dois planos. A linguagem e as línguas naturais sempre são um produto social e coletivo, são resultantes da interação de gerações de membros de uma comunidade de falantes. A fala organizada e estruturada - convencionalizada - só surge no plano coletivo (WEININGER, 2014, p. 72).

Um interessante exemplo do trabalho de construção social de fala organizada e estruturada, fruto da interação de gerações de membros de uma comunidade de falantes, é o que se encontra nos escritos de Labov (1972) sobre a comunidade de fala da ilha de Martha's Vineyard onde ele estudou o fenômeno da centralização da variação de pronúncia de /r/ e de ditongos. Há uma coincidência curiosa sobre Martha's Vineyard ser o local onde Labov elaborou uma parte de sua pesquisa sociolinguística. Local esse localizado na costa nordeste dos Estados Unidos, no estado de Massachusetts a ilha tem uma interessante história de convivência natural entre uma língua oral e uma língua sinalizada. Os primeiros colonizadores do local vinham de um povoado inglês onde havia uma alta incidência de nascimento de pessoas surdas. Esse fato ocasionou o uso de uma língua de sinais por todas as pessoas que viviam na ilha, destacando-se o fato de que para quem vinha de fora era comum não saber quem era surdo e quem não era, pois o uso da língua de sinais era indiscriminado, natural, entre os nativos do local. Porém, Labov (1972) curiosamente nem sequer menciona a existência da língua de sinais em Martha's Vineyard.

Foi a partir do estudo da comunidade de fala de Martha's

Vineyard, em 1963, e dos estudos voltados à cidade de Nova York, três anos mais tarde, que a “[...] possibilidade de se fazer inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas ganhou corpo na pesquisa linguística [...]”. (LUCCHESI; ARAÚJO, 2004).

A língua de sinais era tão aceita na ilha de Martha Vineyard, que um jornal se espantou em 1895 da forma em que o idioma era falado e sinalizado ao mesmo tempo e foi tão espontâneo, livremente usado e facilmente aceito pelos moradores surdos e ouvintes. As pessoas que se mudavam para Chilmark tinham que aprender língua de sinais para viver na comunidade. A surdez era tão comum que alguns moradores ouvintes pensavam realmente que era uma doença contagiosa. Porém, a surdez nunca foi considerada uma desvantagem dentro dessa comunidade. (BERKE, 1997-2007)¹⁸

Ainda com base em Lucchesi e Araujo (2004), é possível afirmar que Labov (1972) sustenta que averiguar e descrever a variação observada sincronicamente permite formular *insights* sobre um possível processo de mudança na língua, o qual, partindo dessa perspectiva, pode ser observado em seu curso. Ao sustentar tal posicionamento e enfrentar os estruturalistas americanos que supunham que a mudança linguística só era observável sob a lógica da diacronia, exigiu de Labov (1972) assumir e formular a variação linguística como um fenômeno sistemático, não aleatório, fruto da relação entre fatores linguísticos e fatores sociais. Conforme ressalta Lucchesi :

No modelo da sociolinguística, a situação é bem diferente, o que se oferece ao falante não é um sistema homogêneo, unitário e imutável, que se impõe de forma irredutível, mas um sistema heterogêneo sobre o qual o falante atua de acordo com as disposições estruturadas em que a prática linguística se atualiza. (LUCCHESI, 2004, p. 171)

¹⁸ Artigo original em inglês 1997-2007 Autor Jamie Berke. Texto traduzido do espanhol para o português por Vanessa Dagostim-janeiro de 2008. <http://blogvendovozes.blogspot.com.br/2008/01/ilha-de-mathas-vineyard.html>.

Diante do exposto, entende-se que a variabilidade é uma característica da sociolinguística considerando as influências e características do contexto social sofridas pela língua. Trata-se do movimento comum de uma língua, que varia principalmente por fatores históricos, geográficos e socioculturais.

O conceito de variação linguística, fundamental ao desenvolvimento da pesquisa delineada nesta dissertação, será aprofundado na sequência. Primeiro será apresentada uma perspectiva mais geral e, depois, a ênfase recai sobre sua manifestação nas línguas de sinais.

2.2.2 Variação linguística: conceitualização geral

Os estudos da Sociolinguística envolvem, principalmente, a reflexão sobre o desenvolvimento e os diferentes usos da língua e da linguagem humana, considerando o fluxo contínuo e ininterrupto no qual os seres humanos se apropriam e se utilizam das possibilidades comunicativas e reflexivas que estão ligadas a essa área do conhecimento.

Nesse sentido, investigar o uso de uma língua é também investigar a enorme variação linguística que decorre do uso particular da língua (cada indivíduo tem sua forma peculiar de apropriar-se e de utilizar-se da língua), bem como do uso coletivo, social dessa língua. Como uso difere na dimensão individual e na dimensão coletiva, muitos são os fatores que influenciam nas mudanças e variações observáveis em uma língua viva: classe social, faixa etária dos usuários (crianças, jovens, idosos), gênero, o contexto social de uso da língua, religião, minorias, entre outros.

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes - é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua

varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre as falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarização, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (BAGNO, 2013 p.16).

As questões relativas à variação linguística têm um lado individual e um lado social, dada a existência de pluriculturas e plurilíngues (convivência com mais de uma língua), além das diversidades encontradas em pequenos grupos socioculturais. A mudança linguística é fundamental para os estudos sociolinguísticos para se compreender as características da variação.

Da fala natural, como propõe Labov em seus estudos variacionistas, pode ocorrer variações. Variáveis linguísticas podem ocorrer em qualquer língua falada, por qualquer comunidade, fatos da língua estão sujeitos a variação. Segundo Alkimim, “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (2012, p. 23). A partir natureza da variação encontram-se fatores externos à língua, como sexo, etnia, escolarização, profissão, classe social, grau de formalidade, tensão discursiva, emprego de diferentes modos de falar, questões relativas ao comportamento dos grupos e etc. Chambers tem a seguinte definição de variável estável:

Variáveis estáveis são aquelas que estão bem estabelecidas como indicadores em uma comunidade e não estão passando por uma mudança. No padrão prototípico para uma variação estável, cada grupo de idade da mesma classe, gênero e formação étnica será similar nos grupos dos velhos e jovens, no uso das variantes e na mudança de estilo. (CHAMBERS, 1995, p. 107).

No contexto brasileiro, por exemplo, pode-se afirmar a existência de uma grande diversidade nacional – em termos de classe social,

extensão territorial, contato com línguas de outras nações. As formas em variação são chamadas de variantes linguísticas, sobre as quais fala Lucchesi e Araújo (2012):

Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, a aplicação da regra de concordância nominal, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as variáveis explanatórias ou independentes. (LUCCHESI; ARAUJO, 2012).

Ainda com relação às variantes e variáveis, vale ressaltar o exemplo apresentado por de Mollica e Braga (2015):

A atuação das variáveis fonológicas, a ocorrência das variantes de uma variável fonológica pode estar correlacionada a pressões ou efeitos da mesma natureza. Para entendermos como se dá os efeitos das variáveis independentes fonológicas e fonéticas, tomemos como exemplos dois processos que afetam as líquidas /l/ e /r/ em grupo consonantal, no dialeto carioca: a) variação na realização da líquida no grupo C/l; b) supressão da vibrante na realização do grupo C/r/, conforme os exemplos a seguir: *bicic/l/eta* – *bicic/r/eta* e *próp/r/io* – *proøio*. (MOLLICA; BRAGA, 2015, p.75).

No contexto desta pesquisa, a variação querológica constitui-se como variável dependente e os fatores que influenciam a coexistência das formas variantes é o que se busca averiguar. Como já explanado, em virtude do foco deste estudo ser a análise de variações em situações de uso formal e/ou informal da Libras, a discussão de uso formal e/ou informal é ainda incipiente e será tratada conforme o perfil de sinalização, a qual obedece aos parâmetros linguísticos e que materializado em registro segue determinadas normas a qual é possível identificar o caráter formal e/ou informal da tradução.

Assim, este trabalho trata da análise dos fenômenos da variação querológica em ambientes formais e informais. Esta pesquisa conta em considerar vídeos de matérias de aulas do curso de Letras Libras da UFSC, bem como vídeos públicos das páginas do Youtube, que diferentemente das vídeoaulas, o registro desses vídeos têm o pressuposto linguístico informal, permitindo a comparação entre o mesmo sinal em sinalizações cujo nível de formalidade e/ou informalidade pressuposto são distintos.

Dessa maneira, compreende-se que a forma culta de uma língua, aquela delimitada a partir de normas e parâmetros presentes na gramática tradicional, a qual pressupõe uma unificação da fala, uma fala normativa, sofre influência das vivências individuais e sociais de seus usuários, o que ocasiona uma infindável produção de variações decorrentes da sua classe social, de conceitos de mundo e de cultura, dos níveis de escolaridade, entre outros.

Estabelecem-se dois tipos básicos de variação linguística: a variação social, associada a diferenças sociais e a variação do registro do grau de formalidade que pode ocorrer dentro do mesmo grupo social ou de um mesmo sujeito. O estudo dos processos de variação, portanto, se fazem necessários, principalmente no âmbito desta pesquisa, no que concerne às variantes social e estilística nas línguas de sinais, conforme se verificará no item 2.3 deste trabalho.

2.2.3 Variação linguística em Libras

A variação linguística em Libras é um assunto muito complexo e apresenta diversas questões as quais deve-se analisar sobre esse fenômeno. Compreender sobre as variações linguísticas da língua de sinais requer uma visão histórica sobre os surdos enquanto minoria linguística, já que a Libras é uma língua de resistência da comunidade surda.

Atualmente, a Libras tem status de língua, mas mesmo antes desse reconhecimento positivado é necessária certa acuidade para verificar as mudanças linguísticas na língua de sinais, seu regionalismo e suas variações. Esse processo histórico tem que ser visto tanto da perspectiva temporal, quanto da perspectiva espacial, já que tempo e espaço são variáveis para uma língua. A urbanização, o espaço rural, os guetos surdos, os espaços de socialização, todos esses contextos são determinantes para se analisar as variações em Libras. O espaço territorial também deve então ser considerado nessa análise, já que as

diferenças geográficas interferem nos processos linguísticos.

As variações linguísticas em Libras acontecem, como em todas as línguas, de forma natural, quando seus usuários entram em contato com outras formas de sinalização e faz com que o repertório de sinais fique mais diversificado. Essa variação tem, como mencionado, influência de vários fatores. O fato de a Libras estar presente em um país onde a maioria das pessoas usam a língua portuguesa e esta língua circular em todos os espaços, faz com que o contato do sujeito surdo com a língua portuguesa interfira também em suas produções.

Nesse aspecto, observa-se que toda a variação linguística deve ser respeitada, tratada como um fenômeno natural dentro da língua, já que esse processo ocorre de forma natural e é atrelado a história que a língua traz consigo. Os novos sinais, ou sinais diferentes daquele habitual de uma determinada região, trazem a riqueza da língua, permitem que se partilhe experiências e conceitos que partem de pontos de vista diferentes para um dado sinal que embora diferente em sua forma possua um mesmo significado.

A comunidade surda é de grande importância para a socialização da língua e cultura, das experiências e forma de estar no mundo. A Língua é atrelada à cultura, Strobel (2009) apresenta características da cultura surda e a língua é um fator de elo, pois a língua de sinais é uma das principais marcas de identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda. A interação na comunidade surda produz mais sobre a língua, estabelece um fortalecimento de identidades compartilhadas lutando assim pelo resgate da sua língua e de tudo que foi negado historicamente aos surdos.

A Libras é uma língua que, assim como as demais línguas humanas, apresenta grande ocorrência de variações em seu uso, algo que é considerado natural uma vez que cada indivíduo e comunidade de fala, usuários da língua, imprimem nesta, suas marcas pessoais, subjetivas, expressando para além da cultura geral elementos que são especificamente do sujeito, sua identidade, suas vivências, seus contextos formais e informais de uso da língua. Portanto, para um tratamento mais específico do fenômeno da variação linguística no uso da Libras, abordam-se a seguir, a origem da língua de sinais da comunidade surda brasileira, sua evidente evolução, as contribuições à disseminação e especialização dessa língua, oriunda dos movimentos de seus usuários para o seu reconhecimento, entre outros aspectos relevantes ao modo como o uso da Libras vem influenciando sua variação e mudança.

A origem da língua dos surdos brasileiros está intimamente ligada

à história da educação de surdos no Brasil. Sofreu influência da cultura e da realidade local, transformando-se e ganhando novas formas para dar materialidade às necessidades de comunicação dos surdos brasileiros. Ainda nos dias atuais a língua de sinais utilizada no Brasil continua evoluindo e se transformando, apresentando variações de diferentes ordens. Não poderia ser diferente, já que se trata de uma língua viva e cada vez mais presente no cotidiano da população.

Em virtude disso, as mudanças lexicais que se podem observar na Libras estão em constante evolução, sendo que o reconhecimento da Libras como língua tem tido, papel preponderante na expansão e variação do léxico dessa língua. Indicar essa característica no percurso evolutivo da língua de sinais dos surdos brasileiros vem ao encontro da importância apontada por Labov (1972, 2008) no que concerne a considerar o desenvolvimento social e político dos sujeitos de uma dada época como fator que se relaciona a diferentes formas de variação linguística.

O reconhecimento, no Brasil, do status linguístico da Libras se deu por meio da publicação da Lei nº 10.436/2002, como um exemplo do desenvolvimento linguístico que ocorre intimamente relacionado ao contexto social e político de uma dada época, de um dado grupo social. A publicação da lei é um fator de fundamental relevância para o atual estado de evolução e disseminação da Libras.

Percebe-se que até os dias atuais houve muitos empréstimos de conceitos teóricos da área da linguística das línguas orais para tratar das questões da língua de sinais. Com o enfoque específico na Libras, novos sinais, novos conceitos, vêm sendo construídos, com crescimento dos estudos e pesquisas sobre o tema.

Pelas razões acima mencionadas, é possível afirmar que uma influência diferente na disseminação e no uso da Libras se deu, promovendo mudanças nas comunidades surdas. Esse fenômeno social e linguístico continua trazendo novos elementos de reflexão sobre a língua de sinais, devido ao número significativo de alunos interessados nessa área específica, em âmbito nacional, algo pouco observado anteriormente.

Outro aspecto interessante em termos de processos tradutórios se evidencia na necessidade de lidar com os impasses e diferenças linguísticas ao se traduzir da Libras para o português, pois há situações de uso de determinados socioletos, jargões, de sinais e expressões que existem no léxico da Libras, mas que não apresentam informação similar na Língua Portuguesa. Também a partir desse tipo de experiência é que os estudantes e tradutores têm refletido sobre os fatores que

podem interferir na composição de uma mensagem – da Libras para o português e vice-versa – e influenciar em sua compreensão.

Historicamente, o processo de consolidação de uso da língua por sua comunidade de usuários ocorre naturalmente, tanto em função do passar do tempo quanto em virtude de influências dos contextos sociais, políticos, bem como, ainda, pelo desenvolvimento linguístico e cognitivo de cada grupo. Esse é o processo que a comunidade de usuários da Libras vem vivenciando e que os pesquisadores interessados podem acompanhar tanto sincrônica como diacronicamente.

Assim, não apenas devido ao que a literatura aponta sobre as línguas em geral, mas também pela observação do percurso que a Libras vem trilhando, é possível perceber que, em um primeiro momento, no uso da língua, não há a preocupação com a formalização da mesma, com uma maneira padronizada de organização das formas e meios utilizados por seus usuários.

Com o passar do tempo, entretanto, as línguas passam a apresentar uma maior evolução nos sentidos e uso das informações nela contidas, resultando em um processo de formalização e normatização da língua.

Vista dessa forma, afetividade pode contribuir para uma variação positiva ou negativa da potência de agir, o que distingue do entendimento anterior de que a afetividade interferiria sempre de forma negativa no potencial de ação dos sujeitos (GLEIZER, 2005/ 1961, p. 33).

A fim de corroborar com tal processo de formalização, há uma busca pela organização de dados linguísticos na forma de gramáticas das línguas, normalmente depois da produção de dicionários como um meio de registro das informações. Trata-se, portanto, de um registro do padrão da língua, da norma. Esse registro é estático, não costuma sofrer alterações na mesma medida de tempo em que as variações que ocorrem no uso cotidiano da língua.

Tomando como exemplo o sinal TRABALHAR, esse registrado de forma gráfica, como figura em um dicionário, não dá conta de apresentar os diversos tipos de configuração de movimentos e espaços de realização que o mesmo sinal pode apresentar durante um diálogo.

A conversação em sinais pode se apresentar de forma mais tensa ou relaxada, isso dependerá da forma como for enunciado aquilo que se pretende transmitir. Partindo da concepção de formalidade, um aspecto

do uso linguístico que vai se estabelecendo com a evolução da língua, é possível ainda pensar as variações linguísticas como formas de uso que se distanciam daquelas apresentadas pelos registros formais¹⁹. Esse tipo de variação pode ocorrer por diferentes influências externas, mas também pode ocorrer atrelada aos diferentes dialetos, nos quais cada indivíduo emprega características individuais e subjetivas que podem modificar a forma como a informação é expressa.

A organização de materiais de registros sobre o uso da língua, tais como dicionários, videoaulas em Libras, vídeos publicados na Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras²⁰ e vídeos publicados em sites como o Youtube, além de permitirem a reflexão sobre a variação no que tange à formalidade ou à informalidade, permitem que se investiguem mudanças lexicais por meio da comparação entre materiais de diferente épocas e períodos, ou entre o uso corrente da língua em sua comunidade de usuários da língua.

Embora não sendo o foco deste estudo, cabe aqui um pequeno parêntese sobre a aquisição linguística, que consiste na realidade que se percebe na relação linguística que se firma entre pais surdos e filhos surdos, pais surdos e filhos ouvintes e pais ouvintes e filhos surdos. Neste aspecto, é fundamental a compreensão do que ocorre no período de aquisição linguística das crianças. Especialmente na relação de pais ouvintes e filhos surdos, a aquisição da língua de sinais pela criança costuma ser, na maioria dos casos, tardia. Nesse contexto é bastante comum que os pais, falantes da língua oral e com uma visão mais tradicional de língua – supondo que a norma é a língua oral e que outras modalidades linguísticas muitas vezes não são consideradas válidas –, não aceitem ou sejam resistentes a diferença linguística das línguas de sinais. Isso leva a uma aquisição tardia da língua de sinais e ocasiona uma variação da língua decorrente de uma aquisição da Libras de forma

¹⁹Um destaque precisa ser feito em relação ao uso de sinais em provas e avaliações de nível nacional (Prolibras, provas de vestibular, provas dos Cursos de Letras Libras a distância da UFSC, Enem, entre outros). Nestas avaliações busca-se uma padronização formal nos processos tradutórios, procurando-se alternativas para que sejam minimizadas ao máximo as diferenças de sinalização que manifestam variação linguística, possibilitando, desse modo, que a clareza da mensagem ocorra indiferentemente da localização geográfica dos candidatos.

²⁰O Grupo de Pesquisa Vídeo-Registro em Libras, instituído em setembro de 2010, se propõe a refletir e apresentar uma proposta de normatização da produção acadêmica de pessoas surdas. Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 16 fev 2017.

inadequada ou incompleta. Ressalta-se que a variação advinda de diferentes formas de aquisição da língua não faz parte deste estudo, mas apenas a variação decorrente do uso da Libras como primeira língua.

As variações linguísticas se disseminam com rapidez e evoluem qualitativa e quantitativamente principalmente por intermédio das tecnologias da informação e através das mídias, em especial, mídias abertas e redes sociais, nas quais os surdos têm interagido não apenas em âmbito local, mas globalmente.

A presente pesquisa verifica, portanto, a existência de variantes linguísticas na língua de sinais, Libras, de diversas maneiras. Estas reflexões teóricas ensejam assim a discussão acerca da variação querológica, como se segue.

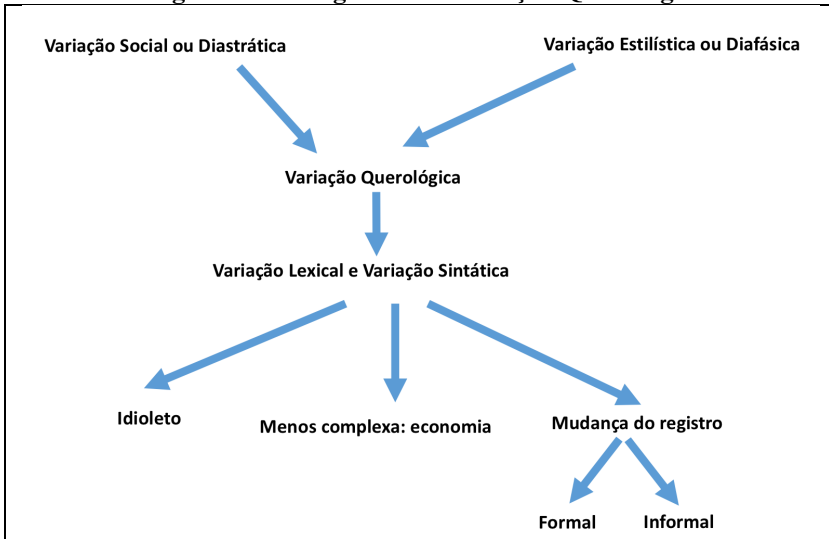
2.3 VARIAÇÃO QUEROLÓGICA

Os estudos linguísticos direcionados para a Língua de Sinais, começaram a ganhar força a partir de Stokoe que através de seus estudos pôde comprovar com a Querologia que a Língua de Sinais possui seus próprios parâmetros e que não deveria ser comparada as demais Línguas Oraís, visto que ela possui estrutura própria. Os parâmetros desenvolvidos por Stokoe, foram ganhando mais elementos enquanto a área da linguística dentro da Língua de Sinais foi ganhando mais força e mais estudiosos da área começaram a produzir mais trabalhos direcionados a estes estudos.

Ainda que a Língua de Sinais possua estes parâmetros que padronizam os sinais e dão a ela o status de língua. Como já estudado e pesquisado por vários autores da área, sabe-se que a variação linguística sempre estará presente na língua, ou seja, por mais que se queira padronizar os sinais eles sempre variarão de acordo com a sua região, aspectos sociolinguísticos, etc., uma configuração de mão nunca será reproduzida de maneira idêntica por todos os sinalizantes, por exemplo.

Segue abaixo um esquema sobre as categorias de Variação Querológica que podem ser encontradas nessa pesquisa:

Figura 3 – Categorias da Variação Querológica



Fonte: Elaborado pela autora.

As variações queréticas e querológicas encontradas podem ser categorizadas como variação diastrática e diafásica e podem ter consequências no nível lexical e sintático. Na base do gráfico acima estão algumas das possíveis hipóteses para a explicação da variação encontrada.

Essa discussão e análise tomam como fundamento os pressupostos da Sociolinguística acerca de variação e mudança linguística e espera-se que os resultados deste trabalho, o qual articula saberes de diferentes áreas, possa retratar a complexidade dos fenômenos linguísticos e tradutórios com os quais os atores-tradutores necessitam lidar em sua prática cotidiana de trabalho com e sobre a linguagem. Diante disso, Bisol e Collischonn, afirmam que:

A base da mudança ou da variação é o léxico para os difusionistas; é o som, para os neogramáticos. Mais se poderia dizer, mas fechemos essas considerações por ora com as palavras de Labov para quem a beleza destes trabalhos seja em uma linha seja em outra “não provém de sua simplicidade ou simetria, mas de sua firme conexão com a realidade”. (BISOL; COLLISCHONN, 2010, p.76).

Assim, a variação querológica traz algumas características específicas como: 1) sintonização da sinalização do locutor com o interlocutor (escolhas lexicais, forma de sinalização); 2) convenção de sinais, acordos no uso de vocabulários ainda não convencionados; 3) simultaneidade na sinalização e intensificador; 4) contexto de comunicação; 5) indivíduo nativo (produção natural) ou não; 6) variável social (classe social, idade, escolarização, profissão); 7) variável no grau de formalidade (registro formal ou informal). Por estes motivos são incluídos os classificadores em língua de sinais.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo discutir e analisar as produções em língua de sinais verificando sua variação querológica. A variação linguística é dividida em categorias e subcategorias. Existem teorias que focam nos parâmetros das línguas de sinais e nas formas que as mãos tomam na execução de um determinado sinal, por isso essa pesquisa visa o sinal quando ele se torna formal ou informal, por exemplo, com relação à variação na configuração de mãos, localização, movimento, orientação, número de mãos, marcações não manuais (expressões faciais).

Todas as características apontadas fazem parte do que se analisa nas produções de vídeo dos atores-tradutores surdos, os objetos deste estudo. Pode-se ter como forma de comparação o sinal SUPERMERCADO que pode ser sinalizado com a configuração de mão em “Y” ou em “S”. A variação e orientação da letra Y não influencia na sua colocação linguística, independente da sua execução.

A variação linguística pode ocorrer também na mudança do movimento ao longo do tempo. Por exemplo, na execução do sinal do número OITO: antigamente era executado com movimento, mas sofreu alterações no decorrer dos anos e atualmente pode ser executado sem movimento. Essa mudança pode ter relação com o reducionismo (ou redução do sinal). Essa variação também ocorre quando o reducionismo do sinal está atrelado à expressão facial, como por exemplo, o sinal ESTADO UNIDOS da AMÉRICA, o sinal pode ser feito por apenas uma das mãos, sem a bochecha inflada, mas o sentido do movimento não muda.

Outra hipótese de variação linguística encontrada dentro dos estudos linguísticos está relacionada à localização do sinal. O sinal pode ter uma variação de locação dependendo do modo como o sinalizante quer que o receptor receba a mensagem. Pode-se fazer uma comparação ao se analisar o verbo QUERER, quando sinalizado, dependendo da sua localização e intensidade ele pode dispor o quanto o sujeito almeja o

objeto que está sendo referenciado na sentença, ou seja, a localização do verbo QUERER²¹ influencia na intensidade do verbo, como em QUERER MUITO. O mesmo ocorre com esse sinal quando executado com uma ou duas mãos: não sofre alteração. Este sinal está também atrelado ao reducionismo e não possui variação de sentido.

Seguindo esta mesma lógica os movimentos provocam uma mudança linguística na construção das sentenças na Língua de Sinais. Ao empregar o sinal TRABALHAR, pode-se através do movimento demonstrar se é pouco ou muito trabalho, o movimento é que dará a intensidade na frase, com a orientação da palma da mão para baixo e movimentos alternados lineares das duas mãos ou com as palmas das mãos apontando para o peito e movimentos alternados de rotação dos pulsos e antebraços.


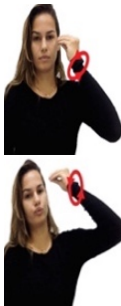
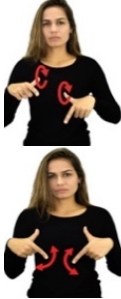

As variações ocorrerão de acordo com o ambiente em que este indivíduo está inserido, além do repertório linguístico que ele adquiriu durante a aquisição da linguagem.







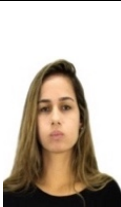
A variação linguística ocorre tanto com uma pequena mudança na execução do sinal como com uma grande modificação na execução, podendo ser retirada a simetria do sinal ou até mesmo tirando algum parâmetro na execução. O mais importante dentro desta construção, por mais que existam variações querológicas, é que a mensagem que está sendo passada seja recebida e entendida de maneira clara e coesa.


Partindo dos pressupostos empregados por Xavier (2006; 2014), busca-se aprofundá-los na medida em que se incluem nesta proposta de análise aspectos não considerados pelo autor. Assim, o resgate e o aprofundamento dos critérios de análise arrolados por ele são apresentados no quadro abaixo e subjazem a análise da variação querológica, encontradas no material analisado e codificadas no programa ELAN (Eudico Linguistic Annotator), conforme descrito na metodologia deste trabalho (veja item 3.3). As indicações de páginas no quadro abaixo referem-se ao trabalho de Xavier (2014) onde ele expõe esses exemplos. Segue abaixo quadro explicativo com relação aos parâmetros variantes na querologia:



Quadro 1 – Exemplos de parâmetro variante

Tipo	Descrição	Exemplos	Figura
Variação na configuração de mãos	A configuração de mão é a forma a qual a mão assume ao sinalizar um sinal durante a construção de uma sentença em Língua de Sinais.	Ex: supermercado – configuração de mão Y; mudança CM S.	 <p>p. 69</p>
Variação na localização	A variação na localização das mãos pode influenciar na intensidade de um sinal.	Ex: EXPERIÊNCIA - mão realizando um círculo vertical, tocando as pontas dos dedos na bochecha; ou tocando as pontas dos dedos no alto da bochecha e soltando com intensidade, formando um círculo vertical maior.	 <p>p. 69</p>
Variação no movimento	Os movimentos ajudam a dar o tom de intensidade durante a fala, podendo ser movimentos mais moderados ou movimentos mais rápidos.	Ex: TRABALHAR – movimento reto alternado; mudança: movimento circular alternado.	 <p>p. 69</p>
Variação na orientação	Este parâmetro auxilia na forma como o sinal deve ser realizado e em que direção ele deve ser sinalizado.	Ex: PROIBIDO (mão participante) – palma e indicador para o lado; mudança da palma para baixo e indicador para a diagonal; ou	

		mudança da palma orientada para dentro e indicador apontando para o lado.	 <p>p. 69</p>
Variação no número de mãos	A variação do número de mãos refere ao sinal realizado com uma ou com as duas mãos.	Ex: QUERER O sinal pode ser realizado só com uma mão, mas pode também ser realizado com duas mãos.	   <p>p. 42</p>
Variação do número de mãos para a expressão de intensidade	A variação da quantidade de mãos dará o tom de intensidade que o sinalizante quer dar durante a sua fala.	Ex: CHUVA. Normalmente esse sinal é realizado apenas com uma mão, mas quando quer se passar a ideia de intensidade, isto é, CHOVER MUITO, o sinal pode ser feito com duas mãos.	  <p>p. 55</p>
Variação nas marcações não manuais.	Na língua de sinais nem sempre é necessário a utilização das mãos para demonstrar intensidade. As marcações não manuais como as expressões faciais auxiliam na	Sinal de GORDO pode ser realizado com ou sem bochecha inflada.	

	intensidade que se que passar durante a fala do sujeito.		 <p>p. 20</p>
--	--	--	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Xavier (2014).

A variação sociolinguística agrupa indivíduos que usam as mesmas formas de produção do sinal, mas pouco diferencia em cada enunciado a sua forma de sinalizar, mas sim, compartilham as mesmas normas a respeito da língua, porém em sua enunciação o sinal mostra leve variação.

Alguns dos parâmetros sofrem alterações conforme o sinalizante, isso está intrínseco a forma como aquele sujeito enuncia e compreende a língua, o mesmo sinal pode sofrer alteração conforme a idiosincrasia do sujeito ou o contexto daquele determinado assunto. As variações, conforme o quadro apresentado, podem ser identificadas em todos os parâmetros da Língua de Sinais (CM, L, M, O/L, ENM).

Ressalta-se mais uma vez que essas alterações não interferem na compreensão daquele que recebe a mensagem, pois se trata de variação e não de distorção da mensagem.

2.3.1 Variação social ou diastrática

As variações sociais são as diferentes formas de manifestação da fala dentro de uma língua, a partir dos diferentes traços que a condicionam, eles podem ser: sociais, culturais, regionais e históricos de seus falantes. A variação social agrupa alguns fatores de diversidade, como o nível socioeconômico, o grau de educação, a idade e o gênero do indivíduo. Essa variação não compromete a compreensão entre os indivíduos, o uso de certas variantes pode indicar qual o nível socioeconômico de uma pessoa, por exemplo, são correlatas aos grupos sociais.

A identidade social é produto da construção social e cultural do grupo a que pertence o indivíduo. O grupo social recebe influência linguística, de vocábulos e sinais, de diversas comunidades que convive. Cada pessoa possui seu repertório linguístico, adapta sua linguagem às diferentes situações vividas e apresenta variações de elementos gramaticais, fonéticos e lexicais. Os grupos compartilham uma cultura produzida, a vivência social dos indivíduos e o modo de comunicação.

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TARALLO, 1997, p.8).

Diante do exposto, variações sociais podem ocorrer devido ao modo particular de uso da língua numa determinada localidade, devido à variedade linguística de um determinado grupo de usuários que partilham os mesmos traços e experiências socioculturais, ao modo particular de cada indivíduo expressar-se através de sua língua, ou ainda quando o indivíduo pertencente a uma determinada faixa etária, ou seja, modo próprio de cada geração se manifestar.

2.3.2 Tipos de variação social ou diastrática

Na variação social, estão presentes fatores sociais de variação linguística como o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/ gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes. Fenômenos em variação não devem ser considerados isoladamente, mas levando em conta a mudança do indivíduo e a mudança da comunidade, bem como os demais fatores sociais. (LIMA; FREITAG, 2010).

A variação diastrática é um tipo de variação não vista como desviante, se refere a grupos sociais, como é o caso do jargão e da gíria. Variação diastrática corresponde ao estrato social, à camada social e cultural do indivíduo. (CASTRO JÚNIOR, 2014).

2.3.2.1 Idioleto

O Idioleto é o modo particular de cada indivíduo expressar-se, está atrelado ao sujeito e na maneira como ele executa o sinal. O socioleto é a variedade linguística de um determinado grupo de falantes que partilham os mesmos traços e experiências socioculturais, é a forma que determinado grupo da sociedade vai reproduzindo a mesma maneira de executar o sinal.

Assim, com relação à variação social que ocorre na língua de sinais, o idioleto, da mesma forma que na fala, é a maneira com que

cada pessoa, em sua peculiaridade, sinaliza, já o socioleto é a maneira como determinado grupo interage e sinaliza mediante ao costume e a cultura do grupo.

Em um agrupamento de indivíduos que não usam as mesmas formas e cada pessoa enuncia de forma diferente, pode ocorrer uma mudança com a interação desses indivíduos provocando mudança dos itens lexicais. Essa mudança leva heterogeneidade para a língua do sinalizante/falante individual, que junto com sua realidade psicológica e suas relações sociais, seu vernáculo fica estável e sua língua homogênea e abstrata.

[...] se as relações sociais dentro de uma determinada comunidade não são simples, a língua refletirá essa complexidade e será, obviamente, heterogênea. Entretanto, essa heterogeneidade pode ser sistematizada, e um dos grandes méritos da Teoria da Variação foi demonstrar que a variação linguística, existente em todas as épocas, em todas as comunidades de fala e em todos os níveis do sistema linguístico – fonético, lexical, sintático e semântico –, ocorre de forma organizada e regular. Outra grande contribuição dessa corrente foi o desenvolvimento de técnicas que permitiram sistematizar essa variação. (PERES, 2006, p. 39).

Os sujeitos surdos, apesar de diferenças nas variantes nos léxicos que usam, têm acesso a um conjunto compartilhado em comum, que é a padronização na Libras, ou seja, o primeiro passo da variação é na constituição de algo que pode ser variado. Esse processo é uma via de mão dupla. Cada participante de uma comunidade linguística ao mesmo tempo recebe e contribui no todo, é influenciado e em alguns pontos influencia o todo, ao contribuir ou ao difundir variações ou novos usos. Ao lado da sua interação com o todo da comunidade linguística, o indivíduo pode desenvolver variantes características pessoais dentro desse universo, que não são compartilhadas por outros falantes, o que se denomina de idioleto.

A noção de idioleto acentua certos caracteres particulares dos problemas da geografia linguística: todo ‘corpus’ de falares, dialetos ou línguas só é representativo na medida em que

emana de locutores suficientemente diversificados; mas é, pelo menos no início, sobre bases não lingüísticas que são escolhidos esses locutores e os enunciados que eles produzem. Mesmo se o pesquisador levanta, para um dado falar, enunciados em número suficiente de todos os locutores encontrados na área estudada, ele postula implicitamente que esses locutores têm o mesmo falar. A noção de idioleto implica, ao contrário, que há variação não somente de um país a outro, de uma região a outra, de uma aldeia a outra, de uma classe social a outra, mas também de uma pessoa a outra. (DUBOIS, 1997, p. 329-330).

Idioleto, como já mencionado, refere-se à forma, ao jeito e à maneira como cada pessoa produz as suas falas; inclui a forma de construção textual, escolhas lexicais e também a maneira de articular cada sinal, mudando um pouco a forma da mão ou outros parâmetros.

A mão que o sinalizante vai efetuar o sinal não é uma variação, isso é apenas uma mudança de lado, essa mudança ocorre se a pessoa é destra ou canhota.

A variação pode ocorrer dependendo até da situação emocional da pessoa, se a pessoa está mais agitada a maneira como ela vai sinalizar pode mudar sem nem mesmo perceber.

Essa mudança ocorre também na perspectiva da pessoa que vai ver a sinalização. Por exemplo: Eu tenho a minha forma de me expressar da maneira como eu me entendo. Eu sinalizo e a pessoa entende a minha ideia – essa variação também é feita quando a pessoa cresce sinalizando, mas após ter contato com outra pessoa ela passa a ter essa pessoa como modelo e começa a sinalizar parecido com seu modelo. Essas características das pessoas que compõem diferenças na hora de sinalizar, da mesma forma que as pessoas possuem corpos e mãos diferentes, também existem diferenças na hora de se expressar em Libras.

Não existe uma maneira concreta e uniforme de sinalizar, cada pessoa vai sinalizar com pequenas mudanças nas configurações das mãos e até mesmo nas expressões faciais, cada pessoa tem uma forma de se expressar, a forma em que cada emissor vai expressar suas ideias vai haver uma pequena diferença, existe uma variação biológica em cada pessoa e isso faz com que a maneira de sinalizar não seja homogênea. Essa variação é dada devido à influência do grupo em que o sinalizante se encontra, ele recebe influência do grupo familiar, do

grupo de amigos e até mesmo da maneira que ele sempre sinalizou.

Já o socioleto é a forma como um grupo definido por critérios sociológicos usa a língua. Assim, temos diferenças entre o uso em áreas rurais ou urbanas, entre faixas etárias, homens, mulheres e mesmo diferenças de acordo com a orientação sexual dos falantes²².

Pelo menos de um ponto de vista sociolinguístico, é muito mais útil imaginar uma pessoa dominando em sua competência linguística um conjunto de dialetos parcialmente isomórficos, cada um dos quais ela compartilha com seus companheiros de um ou outro grupo social, do que considerar o que normalmente chamamos de dialetos como conjuntos de idioletos que se sobrepõem. Variação linguística do indivíduo e variação linguística na comunidade são dois lados da mesma moeda (LYONS, 1981, p. 251).

A Libras é um importante meio de comunicação, possibilita às informações serem passadas em todos os lugares na comunidade surda, essa interação é constante. Os surdos têm sua subjetividade que possibilita essa miscigenação de sinais. A variação linguística é uma característica das línguas, não é possível padronizar uma língua, pois sempre vão existir variações. Dentro da comunidade são os próprios sujeitos surdos que tem essa identidade de trocar sinais e modificá-los quando acham conveniente.

O grupo precisa sempre dessa interação conhecendo políticas e a cultura para fazer essa troca de sinais, um sujeito sozinho não é capaz de fazer essa transformação, mas quando existe coletividade essas modificações ocorrem normalmente.

Dentro do ambiente escolar essa interação cultural é ainda mais forte, sempre existem críticas e sugestões que constroem o sujeito e sua língua, cada um tem sua subjetividade e isso é compartilhado nesse ambiente disseminando mais informação.

A variação linguística na Libras também ocorre entre cidades e estados (é a chamada variação diatópica). Essa mescla de sinais é devido aos meios de comunicação que a comunidade surda utiliza, por exemplo, espalhando – ou em termos do contexto online – viralizando um sinal novo em pouco tempo. Essa variação passa de pessoa para pessoa quando um locutor utiliza um sinal que o interlocutor se

²²Veja Weininger (2014, p. 77)

identifica, o mesmo passa a usá-lo e disseminá-lo também, assim, existe uma troca de sinais e uma contribuição de cada sinalizante complementando o léxico de cada um.

Essa contribuição é constante entre a comunidade, sempre se depositam sinais e se recebem também, quando se acha um modelo de sinalização que agrada, a pessoa tende a copiar e se apropriar de alguns sinais utilizados pelo seu modelo. Sempre existe uma pequena mudança de movimento e de orientação ou até mesmo na configuração de mão. O sinal se espalha rapidamente e cada sinalizante se apropria do sinal e vai reproduzindo da maneira que lhe agrada, é apenas uma pequena mudança, nada que altere o significado do sinal, mas que contribui à forma única de cada usuário da língua de se expressar, refletindo a sua experiência de vida e personalidade única.

Variação é uma constante no uso real da língua. Pode-se exemplificar com uma pessoa que sinaliza de forma que um grupo consiga entender, visual, mas da maneira dela, usando um sinal mais relaxado. Esse grupo compreende a informação, mas não necessariamente vão passar a usar a mesma forma de sinalizar, é uma variação normal do cotidiano.

Existe também a questão do tempo em que a pessoa aprendeu Libras, se a pessoa sabe Libras há pouco tempo, sinaliza mais devagar, se a pessoa sabe Libras há muito tempo, sinaliza mais rápido ou normalmente.

Também existem pessoas que sinalizam com as configurações muito bem-feitas e outras não, mas não se despreza os sinalizantes que se expressam de maneira mais informal, pois o importante é a comunicação.

Existem comunidades extremamente tradicionais que utilizam sinais muito próprios e são fechadas impossibilitando essa troca de itens lexicais.

Variações também existem nas diferentes faixas etárias. Crianças tem uma variação dos adolescentes que tem uma variação dos adultos que diferenciam da sinalização dos mais velhos e assim por diante. Variações são encontradas em todos os grupos sociais que possuem interação entre si. A tecnologia tem possibilitado mais essa troca através dos meios de comunicação utilizados pelas pessoas da comunidade surda.

Conforme Lyons (1987), uma pessoa pode ter diversas variantes dialetais em seu repertório e mudar de uma para outra quando lhe for

conveniente. Do ponto de vista sociolinguístico, é importante reconhecer a competência linguística do falante para os usos diferenciados que pode fazer da língua. (Linguística II: sociolinguística: Letras Vernáculas- EAD, 2010, p. 85).

A maneira de sinalizar sofre várias mudanças no discurso, podendo ser formal ou informal, isso depende de vários fatores como, por exemplo, o momento/ situação da enunciação, o psicológico do sujeito e até influência de outros sinalizantes, como será abordado adiante. A intensidade também tem relação com os idioletos, à maneira como se expressa, o jeito como se sinaliza.

Mas o cerne dessa pesquisa é estudar essas pequenas variações como, por exemplo, o sinal POR QUE, porque mesmo com os polegares destacados ou com polegares abaixados essas formas estão corretas, não se trata de formal ou informal, mas sim de uma pequena variação que não altera seu significado. A mesma coisa acontece com o sinal MOSTRAR e o sinal EXEMPLO, existe uma pequena variação regional, mas não altera o significado do sinal.

A execução de sinais produzidos de diferentes modos individuais de expressão, bem como por modos sociais, constitui a variação idioletal e socioletal. (WOODWARD, 1983).

Esse fenômeno linguístico de variação acontece, por exemplo, com o sinal TRABALHAR, conforme verifica-se na figura 4 abaixo:

Figura 4 – Variação do sinal TRABALHAR



Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo do sinal TRABALHAR verifica-se que todos os sinais expressam o mesmo verbo – TRABALHAR- mas há variação do movimento, que pode ser retilíneo ou curvo. O quadro a seguir dá uma visão resumida dos diferentes tipos de variação encontrados nessa pesquisa.

Quadro 2 – Resumo dos diferentes tipos de variações encontradas

VARIÇÃO LINGÜÍSTICA	DESCRIÇÃO
Canhoto/Destro	O uso de uma das mãos como atuante preferencial na sinalização de um determinado léxico pode apresentar uma mudança no sinal que não altera o sentido. Acontece inclusive que uma pessoa altere a lateralidade dentro de seu discurso.
Idioleto	Cada sujeito possui sua forma e jeito de sinalização, é uma construção feita desde a infância formando sua identidade e trejeitos, isso é peculiar a cada um.
Relaxado x Tenso	Pessoas que apresentam fluência na língua sinalizam de forma mais leve e relaxada, de forma natural, mostrando segurança e fluidez na sinalização. Pessoas que estão aprendendo a língua geralmente sinalizam de forma mais tensa e rígida, isso pode comprometer o entendimento.
Tradicionalismo	Gerações mais velhas possuem formas de sinalizar diferentes de gerações mais novas. Há também na língua de sinais um conservadorismo quanto o uso da língua. Geralmente há uma manutenção desses sinais por parte de gerações de famílias surdas, onde os parentes são surdos e conservam certos sinais repassando às proles.
Idade e variação diacrônica	Sinais que circulam com mais variação tem grande ocorrência entre jovens sinalizantes, esses têm influências de diferentes espaços da comunidade. Os recursos tecnológicos têm possibilitado verificar essas diferentes produções que hoje podem interagir.

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada falante possui uma identidade própria no seu ato de sinalizar, isso se deve a uma identidade própria que é construída e internalizada subjetivamente nas relações com o seu grupo de convívio, com isso o falante demonstra características próprias no seu ato de comunicação.

2.3.2.2 Economia

Nas línguas de sinais também pode ocorrer variação motivada pelo princípio da economia linguística, interferindo na articulação de alguns sinais. Com o passar do tempo o léxico pode sofrer mudança ou alteração em um ou dois parâmetros da querética, havendo assim mudança em seu uso, onde a emancipação dominante pode ocorrer ou

não. Trata-se do léxico com a realização dos sinais com ocorrência de execução de forma menos complexa, apresentando certa “economia” na consolidação dos parâmetros (BRENTARI, 2001).

As sinalizações menos complexas da Libras são atreladas à economia de esforço de articulação durante a realização de algum léxico, com possível reducionismo de determinado parâmetro da língua e sua adaptação. Essa economia é vista como uma forma de variável dentro da língua, jamais vista como um desvio. Tem relação com a mudança lexical, embora a mudança lexical seja mais direcionada aos aspectos da querética da língua de sinais.

A economia linguística faz com que um sinal que tenha sua estrutura de determinada forma, possa ser modificado e sinalizado apenas com a mão atuante, retirando a mão participante (erroneamente chamada de passiva ou mão de apoio) da execução.

Estas variações mostram que, com o passar do tempo, um sinal pode sofrer alterações ou mudança.

A economia do sinal ocorre na esfera querológica da língua, quando há uma mudança na estrutura do sinal, podendo essa ocorrer com omissão de uma das mãos que realiza o sinal. Nessa economia há duas categorias de sinais: simétrica e assimétrica²³.

A simetria²⁴ corresponde ao uso simultâneo das duas mãos como atuantes, que utilizam ao mesmo tempo os mesmos parâmetros, de modo especular. Muitos sinais são executados dessa forma, porém é comum que os usuários da língua de sinais se abstenham de usar uma das mãos durante a sinalização, já que com apenas uma é possível passar a mensagem sem interferência de sentido, salientando que o sinal referente tem uma marcação sólida na enunciação, essa dispensa da segunda mão é, portanto, uma economia do sinal. Assim, na simetria, a maioria dos sinais podem ser realizados apenas com uma mão, sem a necessidade da segunda mão. A mão atuante única tem importante

²³ Optei por esses termos por eles serem comumente empregados na literatura (BATTISON, 1978). Diferentemente desses últimos, os termos sinais equilibrados e não equilibrados não fazem referência à configuração de mão dos sinais, implicando, assim, que sinais dos dois tipos podem apresentar as mãos igual ou diferentemente configuradas. Xavier (2014, p. 30)

²⁴ Battison denomina essa restrição de hierarquia de simetria e, baseado nos resultados de seu estudo, reporta que, para o primeiro tipo de sinais, o apagamento da mão passiva é agramatical, dado que, com isso, se perde a informação fonológica expressa por essa mão e o sinal se torna ininteligível (apesar da existência de exceções). Xavier (2014, p. 39)

função, quando ela traz sentido completo, não se faz necessária uma referência com a segunda mão participante, dispensa-se o uso dela.

Isso pode acontecer principalmente quando o contexto já esclarece o significado ou quando o sinalizante está com uma mão ocupada, por exemplo, carregando objetos, ou dirigindo um automóvel ou então, sinalizando com apenas uma mão pela câmera do celular que está sendo segurado com a outra. Na maioria dos casos, trata-se de um registro mais informal que permite essas modificações do usual.







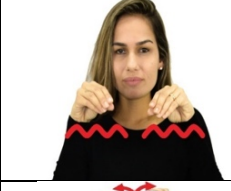

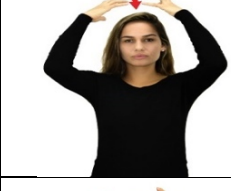


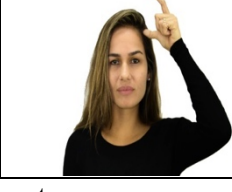
A condição de simetria pode ter variação em qualquer um dos seus parâmetros (CM, PA, M, O/D e EX não manuais). A realização desses sinais simétricos com apenas uma mão pode ocorrer de forma natural, porém dependendo do sinal pode haver prejuízos ao receptor. Muitas vezes, quando não há a segunda mão para a execução do sinal, o mesmo pode não ser compreensível para quem vê o sinal. No quadro abaixo têm-se alguns exemplos de sinais com simetria atuante e omissão. São exemplos de sinais que podem ser feitos apenas com uma mão atuante:

Simetria: AGORA, ACEITAR, BURRO, ASSIM, ASSUSTAR, TERRA/AREIA, TOMAR BANHO e etc.

O contexto é fundamental para que haja uma compreensão dos sinais que apresentam essa alteração na sua estrutura, mas os aspectos de referência são também determinantes para que o discurso seja passado.

Quadro 3 – Simetria: atuante – omissão

Léxico	Duas mãos atuantes	Uma mão atuante
AGORA		
VAMOS		

BURRO		
ASSIM		
ASSUSTAR		
AREIA		
BANHAR		
DEMÔNIO		

Fonte: Elaborado pela autora.

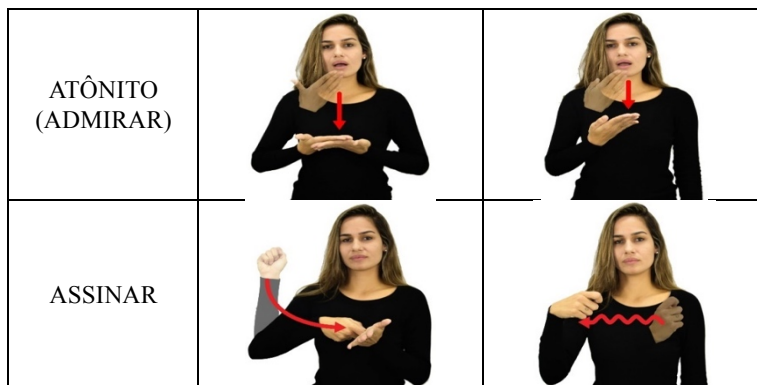
A condição assimétrica²⁵ de um sinal, na qual as mãos assumem diferentes parâmetros durante a execução de um sinal, também pode ter uma das mãos ocultadas durante a sinalização. Embora o sinal possua o mesmo movimento e a mesma configuração de mão para sua execução, a retirada de uma das mãos não altera necessariamente o sentido do sinal. Essa mudança na estrutura do sinal é possível em sinais menos complexos, onde é possível fazer uma economia de sinais. Essas economias de sinais devem ser executadas também dentro de um contexto, para que assim o interlocutor possa compreender, um sinal reduzido. O mesmo sinal de forma isolada, pode não fazer sentido e parecer inexistente na língua. No quadro abaixo têm-se exemplos de sinais que podem ser feitos apenas com uma mão atuante, sem uma mão participante:

ALTO, ANDAR, ARANHA, ASSINAR, CABELO/CACHOS, MÚSICA, ADMIRADO (boca aberta) e etc.

Quadro 4 – Assimetria: participante - omissão

Léxico	Com mão participante	Sem mão participante
ALTO		
ANDAR-PESSOA		
ANDAR-ANIMAL OU ARANHA		

²⁵ ...Forma assimétrica com que as mãos participam tanto no estabelecimento de contrastes quanto em processos coarticulatórios. Xavier (2014, p. 119)



Fonte: Elaborado pela autora.

Em língua de sinais há ocorrências de variação no uso de um mesmo léxico, essas ocorrências acontecem na interação e na troca de sinais entre os usuários. É comum que uma forma de sinalização de um determinado sinal seja adotada pelo remetente da mensagem. Essas influências podem ser também coletivas, já que a circulação do sinal pode ser compartilhada e acatada por demais usuários.

As várias formas de sinalização dos usuários da língua de sinais, as recombinações, adaptações fazem com que ocorra o compartilhamento de novas possibilidades da língua. A interação e as formas de expressar o conceito visual sobre algo, emana uma diversidade de traços visuais que dialoga com os pares sinalizantes.

Há também sinais que são unificados, ou seja, sinais que são produzidos com apenas uma mão, e com traços visuais diferentes, por exemplo: IR EMBORA (que possui mais de três variações), LIVRE, PRECISAR/NÃO-PRECISAR, QUERER/NÃO-QUERER. Nas videoaulas do curso Letras Libras e nos vídeos do Youtube utilizados para esta análise, foram encontrados os seguintes sinais unificados: EXPLICAR (sempre executado com a mão atuante) e COLOCAR (executado com a mão participante ou sem participante).

Assim, os sinais assimétricos, também podem sofrer alteração e redução do sinal com a retirada da mão participativa. O sinal AMAMENTAR, por exemplo, é sinalizado com as duas mãos, uma mão com sub-rogada representando o bebê (mão participante), e a outra realizando o sinal mamar (mão atuante).

O não uso da mão participante não altera a compreensão do sinal, como também se verifica no quadro abaixo.

Quadro 5 – Assimetria: atuante – omissão

Léxico	Com mãos atuantes	Sem mão atuante
Influência = Ameaça		
Amamentar		

Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação à variação livre do número de mãos na realização de um sinal, afirma Xavier:

As primeiras evidências da ocorrência de variação livre no número de mãos envolvidas na articulação de certos sinais da Libras vieram da análise do dicionário de Capovilla e Raphael, (2001). Observa-se que tanto a forma de duas mãos quanto a de uma de alguns sinais são documentadas e semanticamente descritas como idênticas. (XAVIER, 2014 p. 67).

Na variação das marcações não-manuais nem sempre é necessária a expressão facial ou corporal na realização de um sinal. Há variantes de sinais que podem ser produzidos com ou sem marcações não manuais. Variação na articulação de sinais em relação a esse parâmetro consiste na realização ou não de uma dada atividade não-manual. “Tal fato pode ser ilustrado pelas duas formas possíveis do sinal ESTADOS UNIDOS” (XAVIER, 2014), representadas pelas imagens abaixo.

Figura 5 – Variação do sinal ESTADOS UNIDOS

Fonte: Xavier (2014, p. 21).

Conforme se pode observar na figura 5, é possível articular o sinal ESTADOS UNIDOS inflando ou não a bochecha, na qual a lateral do dedo indicador faz contato. Parâmetros articulatórios, orientação, número de mãos e marcações não-manuais, são os padrões de variação observados e esperados nos dados, consistem, respectivamente, em apresentar a palma orientada para o lado ou para frente, ser realizado com uma ou duas mãos e exibir ou não alguma atividade da face no sinal ESTADOS UNIDOS (XAVIER, 2014). Pode ocorrer omissão da expressão facial e o valor semântico do léxico continua da mesma forma, com ou sem a expressão facial o léxico pode ser utilizado nas duas variações.

A variação no número de mãos, conforme já foi explanado, se refere à quantidade de mãos que serão utilizadas para produzir o léxico, as duas ou apenas uma mão, o que dá ao léxico a mesma forma e não muda o seu significado, podendo ser variantes dos sinais que podem ser produzidos com uma ou duas mãos, como por exemplo, em ACEITAR, abaixo. Alguns exemplos como: CAFÉ, PRECISAR, QUERER, entre outros, ocorre variação quando produzidos com apenas uma mão.

Figura 6 – Variação do sinal ACEITAR

Fonte: Xavier e Barbosa (2014 p.41).

Figura 7 – Variação do sinal QUERER

Fonte: Xavier (2014, p.73).

Além desses, existem outros sinais assimétricos, realizados com as duas mãos, a atuante e a participante, que estão na fase de perder a mão participante, ou seja, variação de economia e mudança diacrônica ao mesmo tempo. E também existe o contrário, onde um sinal normalmente articulado apenas com uma mão (atuante) seja produzido com as duas mãos, de forma simétrica. Não se sabe se é possível formular a hipótese de que estes sinais estão em processo de duplicação de articulador manual. É mais comum que esse léxico continue sendo produzido com uma mão apenas, se for com as duas mãos, significa que a intensidade é maior.

Um sinal que sofreu mudanças no decorrer dos anos, foi o sinal E-MAIL, que era reproduzido com a letra E emprestada do português e com o decorrer dos anos esse sinal foi modificado usando a letra C, talvez em referência ao sinal de COMUNICAÇÃO. Diniz (2010, p. 47), também cita esse sinal como exemplo de mudança linguística, por neologia.

Figura 8 – Variação do sinal E-EMAIL

Fonte: Diniz (2010, p.47).

Essa transformação diacrônica ocorreu também no sinal de

CAFÉ, tradicionalmente ele era feito como se o sujeito estivesse tomando o café com um pires de apoio, mas sofreu transformação social e hoje em dia as pessoas não usam mais o pires, agora é executado diretamente com uma mão sem o auxílio de uma mão de apoio que faria referência visual a um pires, conforme se verifica na figura 9.

Segundo o pensamento de Strobel e Fernandes (1998), as mudanças históricas são aquelas que com o passar do tempo, um sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que o utiliza, como é o caso do sinal CAFÉ, ora estudado.

Figura 9 – Variação do sinal CAFÉ



Fonte: Xavier (2014, p.73).

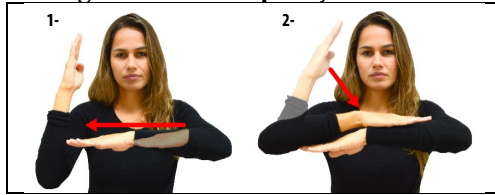
O sinal AZUL também sofreu essa mudança, antigamente era soletrada a palavra inteira por influência do português, mas no decorrer dos anos ela foi sendo abreviada e as letras ZU foram apagadas, (figura 10).

Figura 10 – Variação do sinal AZUL



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando se fala em recursos visuais e incorporação de personagens nas narrativas, altera-se a estrutura em uma forma de mutação e compilação da frase em apenas um cenário visual, devido à simultaneidade característica da língua de sinais, é possível adicionar no mesmo tempo, várias informações referentes à mensagem a ser passada. Na frase CARRO BATER ÁRVORE CAIR EM CIMA DO CARRO pode-se verificar conforme figura 11 abaixo a multiplicidade de informações em uma única perspectiva:

Figura 11 – Incorporação do sinal

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que no mesmo cenário é possível localizar o sinal de CARRO, ARVORE. Além disso, o movimento do carro batendo na árvore produz a ação do acontecimento. Na figura em sequência, o sinal da árvore caindo no carro produz apenas as mudanças nos movimentos dos sinais.

Como outro exemplo de uma maior flexibilidade na língua de sinais também é possível citar a incorporação de numerais em seus léxicos. A incorporação de numeral é um processo que consiste na alteração da configuração de mão de alguns sinais para expressar quantidade. A incorporação de numeral é um processo no qual os morfemas de numeral são afixados a outros morfemas.

Assim a incorporação de numerais para sujeitos é outro recurso que pode identificar quem são os personagens em uma respectiva mensagem, esses sujeitos assumem uma marcação no espaço e podem sofrer durante um diálogo a incorporação, reproduzindo assim um subrogado para fazer os processos anafóricos durante a conversa.

Nas narrativas em Libras é possível representar pessoas dispostas na fala trazendo elementos visuais variáveis para a representação durante a sinalização. É possível também fazer a incorporação de animais, representando seu formato, a forma como anda, etc. Personagens também são incorporados durante uma narrativa em Libras, sua idiossincrasia, seus trejeitos e características são apresentados durante a sinalização.

2.3.3 Variação Estilística: Tipos de variação estilística ou diafásica

As variações podem ocorrer ainda devido aos níveis de fala, formal ou informal, de acordo com características ligadas a cada situação em que o indivíduo se encontra, como o ambiente (familiar ou profissional), tema ou tipo de assunto tratado, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os falantes e quem são os receptores.

Esse tipo de variação chama-se diafásica e refere-se às diferentes circunstâncias de comunicação em que se coloca o indivíduo.

Os limites extremos de estilo são o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia-a-dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Segundo Camacho “não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação” (1988, p. 29-41).

Funções sociais alteram as situações comunicativas, como o grau de intimidade das relações que ocorre entre locutor e interlocutor, por exemplo mãe e filho; a relação de poder entre eles, como patrão e empregado. Esses são fatores relacionados à variação estilística de fala e ao contexto geral em que se encontram, podendo variar diante de situações de maior ou menor formalidade.

Como características da linguagem informal têm-se a despreocupação relativa ao uso das normas gramaticais, uso de vocabulário simples, expressões populares, uso de palavras abreviadas ou contraídas, sujeitas a variações culturais e sociais, como verifica-se nas conversas cotidianas, mensagens de celular e etc. Uma mesma pessoa varia o estilo de fala dependendo do contexto em que se encontra. Um professor universitário, por exemplo, utiliza um estilo mais formal durante uma palestra ou um simpósio, enquanto que quando está em um ambiente mais descontraído, como num jantar com amigos, o seu estilo fica mais informal. Na criança, por exemplo, se percebem influências estilísticas de variação, como a variação na concordância verbal, resultado do contexto e convívio familiar, mais informal, onde há familiaridade entre os interlocutores da comunicação.

[...] uso informal da língua está, sobretudo, interligado a situações em que o falante, durante o ato de fala encontra-se em contexto familiar, descontraído, entre amigos, este empregará uma linguagem mais informal, como expressões normalmente não aceitáveis na linguagem formal (palavrões, gírias), palavras com um sentido figurado que apenas os elementos do grupo conhecem, ou simplesmente uma linguagem menos rebuscada, termos e concordâncias que são característicos de convivência social em que o falante faz uso da língua apenas com o objetivo de

se comunicar, expressão, pensamentos, sentimentos, sem se preocupar com formalismo. Por exemplo, na sentença: A gente vai à festa Dany? A gente é informal, do mesmo modo, que Danny também faz parte de um contexto informal. Da mesma forma que em: Tu gosta de jogar futebol? Tu gosta concordância usada em ambiente informal independente do grau de letramento do falante (PRIMO, 2013, p.12).

Já a linguagem de registro formal usada entre os interlocutores da comunicação, possui a característica como normas gramaticais padrão, utilização de vocabulário rico e diversificado, registro complexo e erudito, como, por exemplo, o discurso do professor em sala de aula, conferências, palestras, seminários, exames e concurso públicos, reuniões de trabalho e entrevistas de emprego.

Um importante estudo sobre variação em que se perceberam influências estilísticas é o trabalho clássico de Labov a respeito da variação do /r/ no inglês. Ele realizou cinco coletas de dados distintas, que apontaram uma gradação entre, num extremo, um estilo menos monitorado/informal e, noutro, um mais monitorado/formal, nessa ordem: conversa informal, entrevista com o informante, leitura de um texto, leitura de palavras e leitura de pares mínimos. Labov atestou a correlação entre o emprego das variantes de prestígio nos estilos mais formais e das variantes de menos prestígio nos estilos mais causais. (COELHO; GÖRSKI; SOUZA; MAY; 2015, p..47).

Com relação à Libras, esta possui um conjunto normativo, gramática e regras de significado próprios, é uma língua com variante padrão, transmitida pelos ambientes e contextos formais de enunciação. Esta pesquisa aborda, em casos delimitados, a Libras formal e a informal, dependendo do contexto em que o sinalizante se encontra.

A Língua de sinais é uma língua natural, na qual pode-se observar variantes formais e informais de acordo com a necessidade e contexto da fala. Da mesma forma que ocorre nas línguas orais, nas línguas de sinais também acontecem situações contextuais e funcionais em seu uso, dependendo da situação, dos lugares e necessidades do sinalizante,

conforme a cultura sociolinguística, as variações também estão presentes.

Apesar da Libras não ter um padrão linguístico prestigiado, não significa ser inferior, pois seu fenômeno histórico e cultural deve ser respeitado, contudo seus usuários surdos devem respeitar regras de português em situações padrão com escrita formal, em provas, concursos e na escola, por exemplo.

Fenômenos com variação lexical e fonológica existem com relação à gramática e a natureza de suas variantes. Variação lexical perceptível diz respeito ao nível do léxico das palavras associadas à variação social e regional e estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos; já a variação fonológica está relacionada à representação das línguas naturais, a partir de membros de uma mesma comunidade de fala, que compartilham as mesmas regras de avaliação e podem ter diferentes realizações fonéticas dependendo do contexto linguístico.

Assim, tanto para as línguas orais como as de sinais, as variações podem ocorrer devido a: a) fatores sociais, de acordo com características individuais (idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, classe econômica, local de residência); b) níveis de fala/registros, formal ou informal, de acordo com características ligadas a situação (ambiente, tema, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os falantes), como afirma (PRETI, 1997).

2.3.3.1 Mudança de registro: formal e informal

As variações estilísticas ou diafásicas são aquelas que variam de acordo a situação que a pessoa vivencia, se precisa usar uma fala mais formal ou não, em determinado contexto, como anteriormente explanado.

No uso do léxico, com relação à variação de registro formal e informal, Joos (1968) (*apud* BACHMAN, 2012) pesquisou sobre os cinco estilos de comunicação: íntima, informal e/ou casual, consultiva, formal e hierárquica e/ou congelada. Sua pesquisa tem como foco a garantia da transmissão da informação. Existem na produção do léxico, variações formais e informais em relação ao idioleto de cada sujeito.

A clássica discussão de estilo é ainda a proposta por Joos (1967), que distingue cinco níveis diferentes de estilo ou registro no uso da língua: frio, formal, consultativo, casual e íntimo. Esses

cinco estilos são caracterizados fundamentalmente em termos das relações que se estabelecem entre os participantes no contexto de uso da língua, de tal modo que o emprego de um estilo inadequado pode ser interpretado como pedunçoso ou até rude (BACHMAN, 2012, p.104).

Quando se fala de variação, a noção de sociolinguística considera a sensibilidade do registro, a sua naturalidade e as referências culturais, como situações distintas, onde cada indivíduo terá sua própria percepção e influência maior ou menor desses fatores individualmente, dependendo dos contextos sociais em que estão inseridos, é o que entende-se da explanação abaixo:

[...] desenvolveram uma bateria de testes lingüísticos que incluíam competência gramatical (morfologia e sintaxe), competência pragmática (vocabulário, coesão e organização) e competência sociolingüística (sensibilidade ao registro, naturalidade e referências culturais). Os resultados desse estudo sugerem que os componentes do que eles chamaram de competência gramatical e de competência pragmática estão intimamente associados uns aos outros, enquanto que os componentes que eles descreveram como competência sociolingüística são distintos (BACHMAN, 2012, p.104).

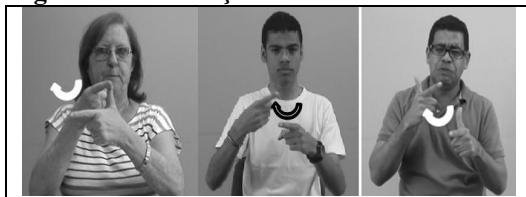
A análise da variação linguística no presente trabalho identifica entre outros aspectos as mudanças dos sinais e suas variantes, quando um sinal transforma sua característica de formal para informal ou vice-versa. Essa variação pode ser leve ou profunda. Uma mudança, por menor que seja pode alterar o registro do sinal, sendo formal, devido a uma pequena variação, o mesmo migra para categoria informal.

O formato da configuração de mão, o local de realização, o tipo ou tamanho do movimento, podem alterar o registro do sinal, de informal para formal. Por exemplo, o sinal PROBLEMA, quando destacado o polegar ele se torna um sinal formal, mas quando ambas as mãos estão com os polegares abaixados esse sinal se torna informal. Então a forma que o sinalizante for executar o sinal é o que vai definir se o sinal será formal ou informal.

Com relação à descrição dos sinais e mudança da utilização de

Letras, em conformidade com o parâmetro variante de Xavier (2014) considera-se aqui a *Variação na configuração de mãos*: a variação na configuração de mãos, pode ser usada para formar o sinal de PROBLEMA, com diferentes variantes, possui variação em outros parâmetros e é produzido com diferentes configurações na mão participante.

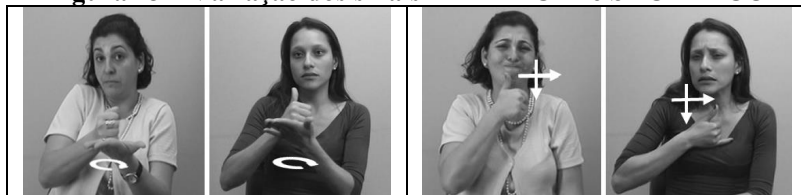
Figura 12 – Variação do sinal PROBLEMA



Fonte: Xavier (2014, p.25).

“Além da configuração de mão, Xavier 2011 reporta a ocorrência de variação motivada pelo contexto fonético-fonológico envolvendo outras unidades sublexicais dos sinais”. (XAVIER, 2014, p.25).

Figura 13 – Variação dos sinais FARMÁCIA e SACRIFÍCO



Fonte: Xavier (2014, p.18).

“A configuração de mãos de alguns sinais varia por estes apresentarem ou não distensão do polegar (cf. FARMÁCIA) ou do dedo mínimo (cf. SACRIFÍCIO)” (XAVIER, 2014, p. 18). Ainda com relação à descrição dos sinais e mudança da utilização de Letras, conforme com os parâmetros variantes de Xavier (2014) considera-se agora a variação na localização: trata-se do ponto de articulação principal, para marcar referenciais de espaço de sinalização, que pode ser no corpo ou no rosto do sinalizante, para se saber onde se localizam os sinais realizados. Podem variar sua localização (centralização; lateralização), apesar de originalmente não serem previstos para variar nesse parâmetro.

Essa variação linguística pode ser notada na localização onde o sinal será executado, por exemplo, no sinal ALÍVIO, quando executado

no meio da testa ele se torna um sinal formal, porém quando deslocado para a têmpora ele se torna informal. Há “[...] possibilidade de se produzirem certos sinais no centro ou na extremidade ipsilateral do rosto (cf. ALÍVIO – Lateral/Centro)” (XAVIER, 2014, p.19).

O sinal pode ser executado em ambas localizações, a alteração será apenas no plano do registro (ou apenas na forma do sinal e no emprego de um registro linguístico formal ou informal), mas não altera a semântica, a ideia principal e nem o sentido pragmático do sinal. Conforme se verifica na figura 14 abaixo:

Figura 14 – Variação do sinal ALÍVIO.



Fonte: Xavier (2014, p.19).

Outro exemplo é o sinal ENTENDER quando executado na têmpora é considerado formal, quando ele é feito na maçã do rosto ele se torna um sinal informal, sua execução se torna mais relaxada em conversas coloquiais. Essa mudança ocorre principalmente quando o sinalizante está em um diálogo mais rápido e informal no qual resume a sua ideia e executa o sinal mais relaxadamente, economizando no movimento.

O sinal ENTENDER está representado na figura 15 abaixo. Podem haver diversas variantes em relação a localização, porém sem distinção semântica do verbo.

Figura 15 – Variação do sinal ENTENDER.



Fonte: Xavier (2014, p.19).

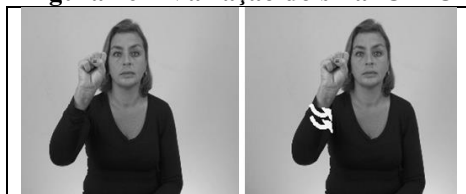
Já o segundo padrão consiste em realizar certos sinais em localizações mais baixas em relação à localização em que tipicamente

são produzidos (cf. ENTENDER - localização mais baixa). Como mostram as imagens acima, o sinal ENTENDER pode ser realizado na região ipsilateral da testa, mas também pode ser produzido em um ponto mais baixo, ou seja, na lateral da bochecha. Pode ocorrer variação na localização, alguns centímetros ou até bem mais em baixo, apesar disso, o léxico pode ser entendido da mesma forma como no primeiro sinal ENTENDER, sem mudança do significado.

Ainda em conformidade com os parâmetros variantes levantado por Xavier (2014), verifica-se neste ponto, a *Variação no movimento*: variação no movimento sempre acontece, é necessário o espaço e objeto, espaço em que o movimento é feito em torno do corpo, e direções internas das mãos, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço ou sem movimento que podem ser produzidos com ou sem movimento e podem ser realizados com diferentes formas de movimento.

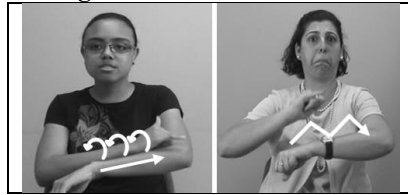
Esta variação linguística ocorre na mudança do movimento ao longo do tempo como, por exemplo, na execução do sinal do número OITO, que antigamente era executado com movimento, mas sofreu alterações no decorrer dos anos e atualmente pode ser executado sem movimento. O que também pode ter relação com o reducionismo (redução do sinal): “[...] consiste na possibilidade de realizar certos sinais sem ou com movimento (cf. OITO)” (XAVIER, 2014, p.19).

Figura 16 – Variação do sinal OITO



Fonte: Xavier (2014, p.20).

O sinal GORDO é um bom exemplo para examinar a diferença de intensidade que o sinalizante quer exprimir e também pode determinar se o sinal é formal ou informal. “Caso em que se pode articular um mesmo sinal com, pelo menos, dois tipos diferentes de movimento” (XAVIER, 2014 p. 20), o que ocorre também em: SHOPPING, TEM/TÍTULO, TRABALHAR, LÍNGUA DE SINAIS, casos que podem ocorrer com diferentes tipos de movimentos.

Figura 17 – Sinal GORDO

Fonte: Xavier (2014, p.20).

Nos exemplos mostrados na figura 17, ocorre variantes de uma mesmo sinal, com alteração do movimento. Na figura da esquerda o sinal corresponde a gordo e na direita a muito gordo.

Ainda com relação à descrição dos sinais e em conformidade com os parâmetros variantes de Xavier (2014) considera-se agora a *Variação na orientação*: a variação na orientação de sinais produzidos com a palma da mão, com direcionamento da mão para cima e/ou para baixo, para dentro e/ou para fora, para a esquerda e/ou para a direita. Variantes dos sinais que apresentam diferentes orientações/faces, por exemplo, o sinal da letra A, conforme a figura 18 abaixo:

Figura 18 – Variação do sinal A

Fonte: Xavier (2014, p. 20).

Apresenta-se o sinal com mudança na orientação, realizado com uma mão apenas, a atuante, a variação na orientação aqui demonstrada, ocasiona apenas uma mudança querética, onde nos dois casos, a configuração de mão em “A”, pode ser executada.





O parâmetro do movimento em língua de sinais é complexo, pois envolve uma vasta gama de movimentos na realização dos diversos sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Esses movimentos podem variar na sua execução, eles assumem uma frequência (mais intensa ou menos intensa), e/ou um grau de repetição variado.

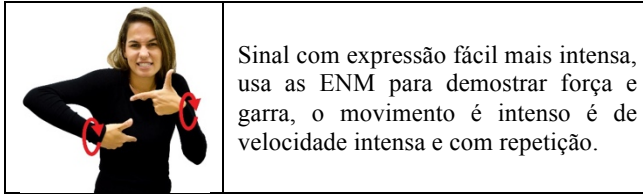
2.3.4 Exemplos de variação em LIBRAS

Cabe aqui deixar registrado algumas variações existentes em Libras, uma língua com um universo tão extenso e com inúmeras possibilidades de variação.

O sinal TRABALHAR, por exemplo, a partir de seu sinal base, pode ser sinalizado com movimentos simétricos ou assimétricos, direcional ou bidirecional com orientação do dorso da mão podendo ser para cima ou para frente e sempre atrelado a expressões corporais e faciais diversas, o movimento das mãos pode ser linear ou com rotação dos pulsos/antebraços. Conforme o quadro 6 abaixo:

Quadro 6 – Movimento do sinal TRABALHAR I

SINAIS	DESCRIÇÃO DO MOVIMENTO
	Sinal base.
	Sinal com expressão facial e corporal relaxado. Observa-se que o movimento também sofre alteração.
	Sinal com expressão facial mais cansada, dando a ideia de martírio. Observa-se mudança no Movimento e na direção da CM.
	Sinal com expressão facial mais contida e tristonha. Muda-se as ENM e concomitantemente o Movimento e a sua direção.



Fonte: Elaborado pela autora

A repetição dos sinais é também um dado importante, uma vez que esse aspecto pode ocasionar a alteração da intensidade do movimento e da expressão facial:

Quadro 7 – Movimento do sinal TRABALHAR II

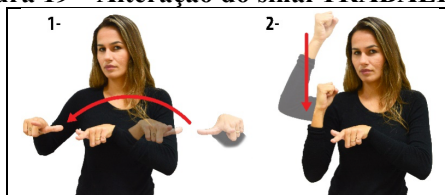


Fonte: Felipe (2013, p.80).

Os movimentos também sofrem com a diacronia da língua de sinais. Nota-se que houve uma tendência em compactar no espaço e, os sinais. Uma mesma sinalização era executada de forma mais branda, ocupando mais o espaço de enunciação, observa-se que os sinais no discurso são mais reduzidos, podendo produzir mais elementos em um espaço.

Esse fenômeno acontece, por exemplo, com o sinal TRABALHAR, que de acordo com o indivíduo, pode ser produzido de forma diferente. Essa ideia diacrônica abordava o sinal material e corporal em baixo e com o passar do tempo ocorreu a mudança do sinal sincrônica facilitando o entendimento do sinal TRABALHAR com CM e L (duas mãos). Com o sinal de trabalho a redução foi em sua estrutura, já que o sinal era composto com dois sinais (com CM e M) diferentes, o mesmo sinal sofreu uma redução em sua estrutura e uso do espaço, pois antes era feito com movimentos laterais na horizontal com polegar e indicador em L, com o passar do tempo ocorreu a mudança do sinal, facilitando seu entendimento, TRABALHAR com CM e L (duas mãos):

Figura 19 – Alteração do sinal TRABALHAR.



Fonte: Elaborado pela autora



Neste caso, se mantém as mesmas CM no primeiro sinal, porém o M é com direcionalidade lateral; o segundo sinal compõe com a primeira CM, altera seu movimento e direcionalidade. Um mesmo sinal sofre então alterações no momento de sua enunciação, e vão sendo produzidos e modificados conforme a época e a realidade de cada sujeito e comunidade de fala.

Os parâmetros articulatórios, orientação, número de mãos e marcações não-manuais, os padrões de variação observados, e esperados nestes dados, consistiam, respectivamente, em apresentar a palma orientada para o lado ou para frente, ser realizado com uma ou duas mãos e exibir ou não alguma atividade da face (cf. LETRA A) (XAVIER, 2014). Dessa forma, evidencia-se que pode ocorrer de a letra A ser produzida para frente ou ser produzida para a esquerda, ambas são semelhantes.

Na variação com relação à duplicação ou unificação do número de mãos, o sinalizante vai executar o sinal, por exemplo, ACEITAR, que pode ser sinalizado com as duas mãos ou apenas com uma delas, mantendo sua ideia original e continuando a ser formal. Isso decorre quando o sinal que for executado tenha a mesma configuração nas duas mãos, sendo assim uma das mãos pode ser retirada.

Desta forma, “Esse fenômeno também é documentado por Johnston e Schembri (1999) na língua de sinais australiana (Auslan), na qual sinais tipicamente articulados com uma mão podem, às vezes, ser produzidos com uma” (XAVIER; BARBOSA, 2014, p. 31) e sinais normalmente feitos com duas mãos podem ser, por vezes, produzidos com uma.

Quadro 8 – Duplicação e unificação do número de mãos

	DUPLICAÇÃO
	UNIFICAÇÃO

Fonte: Adaptado pela autora com base em Xavier (2014 p.33).

Ao descrever sobre esse processo “os autores designam o primeiro como duplicação (doubling) e o segundo como unificação (singling)” (XAVIER 2014, p.33). A duplicação relaciona-se com o grau de intensidade que o sinalizador que produzir. A unificação tem sempre a omissão de uma das mãos, no caso a mão atuante sendo forte, não há necessidade da mão participante. Contudo, esses processos podem ou não alterar o sentido do sinal, assim:

Com base nos dados documentados por Xavier (2011) e Xavier e Barbosa (2013), na Libras, esses processos podem ou não alterar o significado do sinal. Entre os sinais em que a mudança no número de mãos altera o significado do sinal, os autores só identificaram casos de duplicação. Porém, entre os sinais em que essa mesma mudança não altera o significado do sinal, eles identificaram tanto casos de duplicação quanto de unificação (Xavier 2014, p. 33).

A duplicação de uma das mãos para um sinal dado como monomanual foi encontrado nas videoaulas e nos vídeos do *youtube*, objetos deste trabalho. Para as videoaulas é possível que a duplicação também esteja atrelada a pluralidade, além de enfatizar a informação, já que, por tratar-se uma aula a distância a quantidade de alunos que a assiste é significativa. Nos vídeos do *youtube* os sujeitos apresentam um caráter mais distraído e informal no processo de sinalização, mas a reduplicação de uma das mãos também está presente.

Por exemplo, o sinal ENTENDER, realizado com uma mão significa que o sujeito entendeu, compreendeu a mensagem, ou uma pergunta: ENTENDEU? Assim como ocorre com a duplicação do número de mãos, significa que tudo está entendido, que a mensagem foi

compreendida por completo, mas também pode ser uma pergunta: ENTENDEU?, segundo afirma Xavier, “Já o sinal ENTENDER teve seu número de mãos duplicado pela expressão da ideia de completude da ação de entender e puridade de seu sujeito.” (XAVIER, 2014, p. 52). Desta forma, a mudança de registro tem dois diferentes significados, como ilustra a figura 20:

Figura 20 – Variação do sinal ENTENDER



Fonte: Xavier (2014, p.53)

Desta forma vale ressaltar, que cada exemplo, pode ocorrer com frases afirmativas, interrogativas e negativas faz parte de diferentes contextos, a realização do sinal dependerá sempre da pergunta e da resposta e consequentemente a variação do mesmo sinal, de acordo com a figura acima.

A mudança registro dos sinais pode ocorrer ainda no nível lexical com a duplicação de uma das mãos, como por exemplo, no sinal AVISAR:

Quadro 9 – Expressão Facial 1



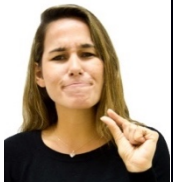
	<p>O sinal de avisar é realizado normalmente com apenas uma mão; importante que o mesmo sinal pode ser feito com apenas uma mão e com essa alteração dá-se nos níveis do movimento ou expressão facial/corporal.</p>
	<p>Sinal de avisar com duplicação do número de articuladores manuais. Além disso, houve alteração na expressão facial e aumento na força do movimento das mãos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a produção dos sinais com suas possibilidades de alteração no que compõe seus constituintes é importante ressaltar que o contexto no qual o sujeito se encontra é determinante para tal escolha, já que a enunciação é relativa ao ambiente e a situação em qual aquele sinal em questão é realizado. O grau de intensidade está ligado à emoção do contexto como, raiva, tristeza, alegria, nervosismo.

Os Advérbios também possuem intensidades variadas na sua produção:



Quadro 10 – Expressão Facial 2

	<p>Sinal empregado para POUCO;</p>
	<p>Sinal realizado para MUITO POUCO, nota-se a diminuição da configuração de mão e o uso da expressão facial, além disso o uso da língua como intensificador do sinal.</p>
	<p>Aqui, o mesmo sinal para MUITO POUCO, nota-se a diminuição da configuração de mão e uso da expressão facial mais contida, observa-se também que a boca fica retraída para expressar algo pequeno.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Há variação na realização de um sinal na Libras para demonstrar o tamanho de algo, como por exemplo no sinal casa, demonstrado no quadro 11 a seguir:

Quadro 11 – Expressão facial 3 e corporal

	<p>Aqui para o sinal de CASA, enfatiza-se que a casa é grande, com uma expansão da CM e o uso da expressão facial;</p>
	<p>Para a sinalização de uma CASA pequena diminui-se a configuração de mão e mantém uma expressão facial mais contraída.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses recursos contribuem também para a ausência de necessidade do uso de itens lexicais que demonstrem intensidade como: muito, pouco, pequeno ou grande, pois verifica-se que esses intensificadores lexicais estão incorporados na própria estrutura do sinal em questão.



Para os substantivos e adjetivos a mesma lógica do grau de intensidade é empregada na realização dos sinais, compondo também em sua produção todas as características (alteração de CM, M, ENM etc.), como já explicado anteriormente.

Nos marcadores de pluralidade o uso da intensificação do sinal também está presente, como para o sinal de CASA, para enfatizar MUITAS CASAS é necessário o sinal de CASA e uma sequência de repetição do sinal com movimentos acelerados CASA++, assim como para CARRO onde o marcador do classificador CARRO duplica o e intensifica a CM e o M para apontar pluralidade.

Tratando-se de comparativos o grau de intensidade apresenta-se também na expressão corporal, já que se opõe duas ideias de intensidade diferentes para demonstrar hierarquia.

A repetição dos sinais é também um dado importante já que esse altera a intensidade do movimento e a expressão facial, como mostra o quadro 12:


Quadro 12 – Expressão facial 4

	<p>Sinal AVISAR com movimentos repetitivos. “disse várias vezes”</p>
	<p>Sinal FALAR com movimentos repetitivos. “falei várias vezes”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse contexto, a reduplicação do sinal também é observada (quadro 13):

Quadro 13 – Expressão facial 5

	<p>Para o sinal de avisar além da repetição do movimento pode haver a duplicação de uma das mãos.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Existem vários tipos de marcação de mudança registro de sinais na Libras, pode-se verificá-los na expressão facial e corporal, nos movimentos dos sinais, nas configurações de mão, nos advérbios, nos substantivos, nos adjetivos, várias classes gramaticais podem se beneficiar do recurso de intensificador durante a enunciação.

Dessa forma, foram encontradas as seguintes recorrências nesta pesquisa:

Intensificador de Movimento: altera o sentido do sinal: ELA ANDANDO / (intensificador no verbo andar ++) sentido de ELA CORRENDO. Também na Configuração de Mãos (acréscimo de configuração de mão): EU FALAR (sinal realizado com uma mão) / EU FALAR+++ (acréscimo da segunda configuração de mais intensidade), ocorre a duplicação do verbo. Os Intensificadores em Libras também fazem relação com o nível morfológico já que alteram no campo lexical,

o sentido.

Adjetivos também sofrem intensificação: BONITA (sinal com expressão fácil suave) / BONITA++ (sinal com expressão facial intensificado podendo ter maior velocidade no movimento do sinal ou menor velocidade, delongando o movimento, porém mantendo sentido) / BONITINHA (sinal com expressão facial amena e configuração de mão reduzida). Aqui, vale ressaltar que BONITA-MUITO BONITA-BONITINHA têm sentidos diferentes, por mais que estejam envolvendo a palavra bonita.

Intensificadores em Libras podem também fazer relação direta com o plural: Singular - AVISAR / Plural - AVISAR++ (duplicação do sinal + expressão facial + movimento intensificado). Singular - COMPRAR / Plural - COMPRAR++ (expressão facial + movimento intensificador, aqui o movimento pode assumir referências no espaço também).

Além desses intensificadores já gramaticalizados da Libras, nas videoaulas do curso de Letras Libras, verificou-se também a variação bimanual do sinal SÓ ou APENAS, sinal esse que normalmente é realizado com apenas uma mão, mas que no vídeo a ideia é expressada com as duas mãos para intensificar seu sentido.

Apenas a título de ilustração, na língua de sinais também é possível notar a incorporação de numerais em seu léxico. A incorporação de numeral é um processo que consiste na alteração da configuração de mão de alguns sinais para expressar quantidade. A incorporação de numeral é um processo no qual os morfemas de numeral são afixados a outros morfemas. Assim a incorporação de numerais para sujeitos é um outro recurso que pode identificar quem são os personagens em uma respectiva mensagem, esses sujeitos assumem uma marcação no espaço e podem sofrer durante um diálogo a incorporação reproduzindo assim um sub-rogado para fazer os processos anafóricos durante a conversa. Nas narrativas em Libras é possível representar pessoas dispostas na fala trazendo elementos visuais variáveis para a representação durante a sinalização. É possível também fazer a incorporação de animais, representando seu formato, a forma como anda, etc. Personagens também são incorporados durante uma narrativa em Libras, sua idiosincrasia, seus trejeitos e características são apresentados durante a sinalização.

Ao final deste capítulo, com a abordagem dos conceitos de sociolinguística e variação linguística, caracterizados na literatura referente à área de estudo desta pesquisa, verificou-se que da mesma forma que nas línguas orais, onde os fonemas podem ter mais de uma

realização fonética possível, em um mesmo ambiente linguístico, nas línguas de sinais também ocorre essa variação no uso dos queremas, o que equivale a dizer, que ambas situações constituem uma variável linguística. A realização das variantes está relacionada, portanto, à influência do ambiente, de uma maneira geral.

Vale ressaltar, que alguns exemplos dados nesta pesquisa não constituem variação linguística, mas sim, um fenômeno fonológico ou morfológico que alteram o sentido do sinal, não se tratando exatamente de variação.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo será apresentado o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa. O procedimento da pesquisa se dá da seguinte maneira: a primeira etapa considera os pressupostos metodológicos, a segunda etapa mostra como foi efetuada a seleção dos vídeos do curso de Letras Libras de 2006 e os vídeos do Youtube, bem como o perfil dos sujeitos atores-tradutores escolhidos para este estudo; a terceira etapa demonstra o trabalho de anotação dos sinais feito com auxílio do programa ELAN e por fim, o Corpus selecionado.

Nesta investigação, a variação é entendida como diferentes realizações de um mesmo sinal no que concerne os parâmetros que constituem esse sinal. Assim, seguindo os estudos linguístico de Xavier (2006; 2014), assume-se que um sinal pode variar inter-sujeito e intra-sujeito²⁶ quanto a realizações distintas de: (i) configuração de mão; (ii) localização; (iii) movimento; (iv) orientação; (v) número de mãos e (vi) marcações não manuais.

A fim de poder identificar se há variação na realização dos sinais no material das vídeo-aulas do curso de Letras Libras da UFSC, Instituição Federal selecionada, optou-se por fazer o recorte da pesquisa por sujeitos, focando a análise nos textos sinalizados por dois atores-tradutores surdos.

A sinalização dos atores-tradutores surdos foi observada e comparada, tanto entre os diferentes sujeitos, isto é, na diferença das respostas inter-sujeito (diferenças individuais, sensibilidades, suscetibilidade, experiência e treinamento) quanto entre os diferentes momentos de sinalização do mesmo sujeito, isto é intra-sujeito (diferença nas respostas de um mesmo indivíduo, em situações diferentes). Foram coletados apenas os sinais produzidos de modo diverso nestas situações.

Para considerar essas diferentes realizações como formas variantes de um mesmo sinal, recorreu-se a entrada léxica do referido sinal no Dicionário Ilustrado Trilíngue da Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2006²⁷), sem portanto considerar o registro no dicionário

²⁶Ressaltando que esta composição sofre de variabilidade intra- e inter-sujeito presente nos dados, conforme o estilo utilizado e a taxa de elocução (lenta normal, rápida). Moraes (2006).

²⁷O Dicionário Ilustrado Trilíngue da Libras é um dos mais importantes materiais científicos produzidos no Brasil para o registro dos sinais em Libras, cujos estudos envolveram conhecimentos da linguística e da neurociência

como “padrão” e a variação como “desvio”.

Esse material simplesmente permite verificar como o dicionário registra a realização do sinal (o que Saussure chamou de forma) com os diferentes modos de concretização desse potencial (a substância segundo a concepção saussuriana) nas sinalizações dos atores-tradutores surdos. Vale ressaltar que a presença do termo atores para identificar os tradutores surdos é visto na literatura como algo que abrange e se adequa mais na atividade desempenhada por esses tradutores surdos profissionais, pois

[...] por um lado, são tradutores, justamente por serem responsáveis pela re-textualização de um conteúdo emitido em uma versão gráfica de uma língua oral para a versão oral em sinais de uma língua espaço-visual, constituindo assim, um texto visual em sinais; e por outro, são atores, pois, esse procedimento tradutório do texto em língua de sinais é permeado de incursões cênicas e performáticas visuais marcada de expressões faciais, corporais e gestuais típicas de realidade de atuação cênica diante de câmeras (SOUZA, 2013, p. 180).

A ideia de propor um dicionário como instrumento de referência, no caso, o Dicionário Ilustrado Trilíngue, para a pesquisa se deve, principalmente, ao fato de não ser possível identificar de outra forma como instâncias de sinais únicos e idênticos as variações linguísticas e nem os idioletos, alofones e as performances concretas apresentadas em Libras no corpus da pesquisa.

A identificação dos sinais variantes é uma etapa necessária à realização do objetivo principal desta pesquisa: levantar hipóteses sobre a motivação da variação percebida nas sinalizações. Para tanto, a pesquisa procedeu, primeiramente, ao estudo da bibliografia sobre

cognitiva, apresentando o expressivo número de 9.828 sinais. O uso desse dicionário como apoio para a comparação entre as variantes encontradas deve-se ainda ao fato de ele ser visto, em instituições formais de ensino, como referência no registro dos sinais da Libras, já que, desde 2001, ano de sua primeira publicação, ele é distribuído em nível nacional por meio de programas do Governo Federal, voltados ao desenvolvimento e a disseminação da Libras em todo o país.

diferentes tipos de variação linguística na Libras. Entre os diferentes tipos de variação apontados em pesquisas anteriores, o presente trabalho se interessa em aprofundar a questão da variação querológica, entendida aqui como uma forma de variação que não implica mudança de significado.

Assim, acreditando na relevância do corpus da presente pesquisa, para o aprofundamento e para o detalhamento da análise das variações dos parâmetros constitutivos da Libras, busca-se identificar as variações apresentadas no uso dos sinais, no corpus, tomados para análise, categorizando-as como um tipo específico de variação linguística, variação querológica, que não implica nuance de significado.

As análises propostas baseiam-se, portanto, nos vídeos produzidos pelos atores-tradutores surdos do Curso de Letras Libras da UFSC e vídeos do Youtube, com produções espontâneas desses surdos. Foram escolhidos sinais específicos (que serão demonstrados no capítulo 4) como objetos de análise, uma vez que eles conseguem apresentar a língua de uma forma mais direcionada ao fim que se pretende (atingir os discentes do curso como público-alvo no caso dos materiais de aula traduzidos, e os espectadores online, no caso do Youtube), percebendo-se, assim, os tipos de variação presentes.

Utilizando os vídeos como objeto de análise, não há grandes perdas da essência da língua e da forma como ela é articulada durante a enunciação autêntica, assim, tais objetos podem ser comparados e podem ser extraídos os sinais que se categorizam como variação no seu respectivo contexto. Isso só é possível com objetos similares que registrem a língua em seu uso, diferente de dicionários impressos que se referem à forma de citação, descontextualizada, e não possibilitam visualizar a língua em sua percepção espaço-visual, dentro do contexto de um diálogo, por exemplo.

Nesse sentido, o registro do dicionário é apenas uma abstração que procura determinar quais os parâmetros e como eles se combinam na constituição de um dado sinal. Ocorre que essa tentativa de registro, justamente por se tratar de uma abstração, não leva em consideração o contexto concreto. Por isso, a concretização do sinal envolve a sinalização e as variações em seus parâmetros que podem ser também relativas ao contexto semântico, sintático e pragmático concreto do uso do sinal. Diante disso, Gomes afirma que:

[...] concreto é pelo fato de possibilitar a comunicação entre as pessoas, pois a língua não é concreta, pelo contrário, ela envolve pontos como

sons, notações acústicas, gestos, notações visuais e significados, que se unindo formam o chamado signo linguístico. (GOMES, 2015, p. 17).

Convém destacar que, no âmbito desta pesquisa, as entradas do dicionário como abstrações, em relação as quais as concretizações podem se manifestar de diferentes aspectos (os diversos parâmetros constitutivos dos sinais), como alguns exemplos utilizados por poucas pessoas em algumas regiões, não podem ser tomados como uma abstração válida para toda a língua, como no caso dos regionalismos. Isso permite discutir, ainda que secundariamente, que a fluência em uma língua não se limita ao domínio dos vocábulos listados em dicionários e que, no caso das línguas de sinais, o usuário desse recurso deve ter claro que os sinais listados em dicionários são uma abstração, apresentando o sinal isoladamente, sem considerar, por exemplo, a implicação do uso do espaço na constituição dos sinais/enunciados das Línguas de Sinais.

Essa discussão é relevante, porque o uso do espaço serve não apenas à constituição das unidades lexicais (condição em que se assemelha a um elemento fonológico), mas também ao estabelecimento de relações com funções sintático-semânticas-pragmáticas entre essas unidades lexicais dentro do contexto de uso real desse sinal. Assim, os sinais extraídos dos vídeos do curso de Letras Libras e do Youtube analisados nesse trabalho, representam sempre a forma concreta, contextualizada nos vários níveis acima mencionados, apesar de terem passado pela etapa metodológica da averiguação do respectivo sinal no Dicionário Ilustrado Trilíngue da Libras de Capovilla.

Os dicionários que tentam registrar a Língua de Sinais de maneira gráfica em forma de figuras, como já foi dito, não conseguem dar conta da variação da forma que a língua é enunciada. Os vídeos de registros em Libras, por trazerem a imagem real do sinalizante, são o instrumento pelo qual consegue-se identificar as variações que ocorrem nos contextos reais de uso da língua.

Considerando as contribuições do atualmente denominado Círculo de Bakhtin, surge uma nova perspectiva para os estudos linguísticos, fundada na dialogia da linguagem, de forma que o ser humano, enquanto falante de uma língua, passou a ser analisado como sujeito, em sua incompletude, na medida em que a completude do enunciado desse sujeito só se concretiza por meio da relação dinâmica da compreensão responsiva do seu/s

interlocutor/es. (FELIPE, 2013, p. 67-89).

Assim, rompe-se com as lógicas apresentadas pelo sistema de línguas orais e compreende-se que a análise deve ser focada na ótica das Línguas de Sinais. A forma que a mão assume para as produções lexicais, é um novo paradigma, porém mostra diferença com os sistemas das línguas orais, pois não há uma organização fonológica, mas sim querológica que compõe o pensamento e a enunciação em língua de sinais. Os estudos saussurianos discutem a forma e a abstração que um determinado signo é pensado, esse signo apresenta seu significante.

3.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para efetuar a análise dos fenômenos da variação querológica com foco em ambientes formais, esta pesquisa baseia-se em vídeos de matérias de aulas do curso de Letras Libras da UFSC, bem como nos vídeos públicos das páginas do Youtube, sendo os primeiros mais formais e os segundos em contextos informais, sendo possível estabeleceu uma comparação para a análise. A UFSC, instituição que produziu os materiais nos quais os dados foram coletados, é referência na pesquisa e na produção científica em estudos linguísticos e tradutórios relacionados à Libras, o que naturalmente ocasiona uma circulação intensa de surdos e de outros usuários dessa língua em nível acadêmico e, portanto, onde o uso da Libras se encontra num contexto em que o registro formal no emprego da Libras é favorecido, já que se trata da tradução de textos escritos institucionais em nível acadêmico.

Apenas por meio da comparação do uso do sinal variante nos dois contextos – registro formal versus registro informal é possível elaborar hipóteses sobre o motivo da variação. Esses dois momentos de comunicação evidenciam níveis de variação como de expressões não manuais, como de movimento da língua, formando em alguns casos indícios de um idioleto, uma performance única apresentada em vídeo registro e que mostra a diversidade de trejeitos de sinalização que compõe o conjunto da língua de sinais. Analisa-se, portanto, essa variação apresentada pelos atores-tradutores surdos. Desta forma, esta pesquisa estuda as variações querológicas e seus tipos, ocorridas nos dois ambientes de sinalização, formal e informal. Vale ressaltar que mesmo nos ambientes mais formais ocorrem sinais formais e informais.

Para a análise dos sinais investigados, a pesquisa foi realizada em duas fases. A primeira trata-se da pesquisa exploratória dos sinais dos vídeos analisados do curso de Letras Libras, fazendo a comparação com

a realização dos mesmos sinais pelos mesmos sujeitos, nos vídeos do Youtube. Ao se estudar os sinais em situações concretas de produção, com suas variações e especificidades, facilita-se o entendimento o alcance do resultado que se almeja neste trabalho.

O segundo momento constitui a avaliação qualitativa desses sinais, divididos em categorias de variação linguística com o intuito de levantar hipóteses sobre o uso dos mesmos.

Para esta análise, foram escolhidos dois atores-tradutores surdos que adquiriram a Libras desde a primeira infância e que possuem seu entendimento em todos os níveis, querológico, morfológico, sintático e pragmático. Ambos são tradutores surdos e, por isso, legitimam a língua, devido a sua história, experiência, cultura e herança sociolinguística. Trata-se, portanto, de um estudo de variação de um mesmo sujeito sendo avaliado em dois espaços de produção diferentes, um mais formal e um mais informal.

Essas variações são relativas aos parâmetros constitutivos dos sinais conforme procedimento de análise pela perspectiva do grupo:

Os procedimentos adotados na análise consideraram tanto uma análise conduzida pela perspectiva do grupo, nos moldes sugeridos pela metodologia da Teoria da Variação (Labov, 1972, 1994), quanto uma análise conduzida a partir da perspectiva do indivíduo. Os resultados indicaram que a variação em estudo é um processo condicionado lexicalmente, mas que ainda apresenta resquícios de condicionamento estrutural, especificamente o de cunho morfológico. (SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009. p. 10).

Observa-se importância de se ter os atores-tradutores surdos para se fazer uma pesquisa qualitativa sobre as videoaulas do curso de Letras Libras e também a comparação destas, com os vídeos do canal Youtube, que são produzidos pelos mesmos sujeitos.

No próximo item têm-se a explanação sobre o processo de seleção dos vídeos supracitados, bem como os perfis dos atores-tradutores surdos escolhidos para a realização deste trabalho.

3.2 A SELEÇÃO DOS MATERIAIS DE VÍDEO E O PERFIL DOS SUJEITOS ATORES-TRADUTORES

A coleta de dados foi feita por meio das videoaulas do curso de Letras Libras da UFSC que estão sediados no site da instituição e por meio de vídeos públicos na página do Youtube. Foram analisados materiais gravados em vídeos, em Libras, por atores-tradutores surdos.

Sobre os vídeos das videoaulas do curso de Letras Libras, pode-se dizer que tal curso foi pioneiro em Letras Libras, realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade à distância, de acesso público. Nesse curso estão presentes os materiais em Libras no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), bem como materiais em DVDs ofertados para os alunos, com acesso fácil e gratuito através do link <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104525>.

Este curso integrou 9 polos na primeira turma, de 2006 e depois mais 15 polos na segunda turma, de 2008. O motivo da seleção destes vídeos é a procura por sinais que possam apresentar variáveis no contexto de um curso acadêmico, com foco nos primeiros vídeos acadêmicos, de 2006 e 2008. Além disso, esta pesquisa conta com atores-tradutores surdos, pois pretende focar nos sujeitos surdos, que possuem a Libras como primeira língua. Estes sujeitos são atores-tradutores, como disse Quadros e Souza, conforme segue abaixo:

Os textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais são filmados, pois, é uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões faciais, é uma língua que depende da presença material do corpo do “tradutor”, por isso, também “ator”. (QUADROS; SOUZA, 2008: 175).

Assim, foram coletados os vídeos do curso de Letras Libras da UFSC, materiais que foram distribuídos aos alunos durante a graduação, que ocorreu nas turmas de 2006 e 2008. O olhar sobre o material teve o objetivo de identificar, nas traduções sinalizadas, nos materiais disponíveis em Libras, o uso ou o registro dos possíveis sinais variáveis.

Desta forma, foram escolhidos dois vídeos das disciplinas Fonética e Fonologia do curso de Letras Libras. A justificativa de seleção das videoaulas destas disciplinas se dá por conta do tema, que mantém uma certa relação com o assunto analisado nesta pesquisa.

O primeiro vídeo, da primeira turma do Letras Libras, possui tempo de duração de 1 hora, 14 minutos e 16 segundos, com o ator-tradutor Nelson Pimenta e o segundo da mesma disciplina, na segunda turma do Letras Libras, com tempo duração de 1 hora, 11 minutos e 59 segundos, com o ator-tradutor Rimar Segala. Segue quadro explicativo sobre os dados dos vídeos do curso de Letras Libras dos atores-tradutores Nelson Pimenta (primeira e segunda edições) e Rimar Segala (segunda edição):

Quadro 14 – Videoaulas

Disciplina	Fonte	Tempo	Ator-tradutor
Fonética e Fonologia - Edição 1	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104758	1h 14min 16seg	Nelson Pimenta
Fonética e Fonologia - Edição 2	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104525	1h 11min 59 seg	Rimar Segala e Nelson Pimenta

Fonte: Elaborado pela autora.

A observação das videoaulas das disciplinas de Fonética e Fonologia em duas edições, mostra a possibilidade da pesquisa de identificar os sinais que possuem variação linguística e compará-los.

Após anotar os sinais variáveis das videoaulas, foram analisados vídeos do Youtube dos mesmos sujeitos atores-tradutores para encontrar realizações dos mesmos sinais em ambiente supostamente informal, com a intenção de compará-los à realização dentro do contexto acadêmico, supostamente mais formal. A forma de produção dos vídeos do Youtube pelos mesmos sujeitos não está em um contexto de sinalização formal, mas sim uma produção natural, direta de sua língua, a Libras, assim esta pesquisa pretende apenas focar nos sinais variáveis e compará-los.

Neste procedimento de duas etapas a pesquisa encontrou 31 sinais coletados nos dois tipos de vídeos com indicadores de variação linguística e gramatical incluindo, mudança do registro: formal e informal, economia, idioleto, mudança diacrônica, assimilação, movimento, boia²⁸ dêixis e boia anáfora, intensidade e incorporação.

²⁸ Uma outra forma de trazer dêixis em Libras é o termo Boia ou “Pointer buoy” classificado por Liddell (2003). Esse tipo de marcação de dêixis utiliza-se de uma mão como auxiliar para enumerar seus referentes. A mão auxiliar irá quantificar o número de sujeitos (ou objetos) que o locutor narra.

Entretanto, para análise aprofundada, o presente trabalho escolheu colocar o foco nestes aspectos da produção da língua em apenas três categorias da variação querológica: idioleto, menos complexa: economia e a mudança do registro: formal e informal, sempre tendo em vista os processos linguísticos determinantes para a análise desses objetos.

Assim, seguem abaixo algumas características encontradas nos materiais selecionados que compõem o corpus de análise e a seleção dos sinais variáveis das videoaulas para se categorizar a variação com os procedimentos metodológicos deste trabalho:

- 1) O sentimento que traz o estado emocional do dia (natural do ser humano);
- 2) Características do sinalizante, se esse é mais rígido, com pouca expressão, etc;
- 3) A faixa etária de aquisição da língua de sinais, o repertório linguístico do sujeito, com aspectos mais tradicionais, ou mais relaxados;
- 4) O público-alvo, que interfere diretamente no psicológico do sinalizante;
- 5) As escolhas lexicais e a forma de sinalização do locutor;
- 6) Convenção de sinais, acordos no uso de vocabulários;
- 7) Simultaneidade na sinalização e intensificador;
- 8) Descrição da imagem, uma condição subjetiva, visto que parte necessariamente da percepção do interlocutor;
- 9) Acréscimo da segunda mão, mesmo quando o sinal deve realizado apenas com uma mão.

Diante disto, dos 39 sinais coletados apenas 20 deles se adequaram a proposta de trabalho desta pesquisa, com ocorrência nos dois meios (videoaula e Youtube), com foco no idioleto, na economia e na mudança do registro. Alguns dos sinais variáveis selecionados acontecem em quantidades repetidas, como por exemplo: TER-3, ENTENDER-2, QUE-2, EXPLICAR-3, PODE-2, OBRIGATÓRIO-2, COMO-5, PRECISA-2, EXEMPLO-2.

Abaixo seguem sinais coletados de vídeos feitos por Nelson Pimenta e Rimar Segala. Selecionou-se os sinais variáveis nas videoaulas que possuem produção lexical diferente, mas de mesmo parâmetro e significado, contudo sem a querética padrão, com quebra de regras de gramática, com interesse na variante de parâmetros, para facilitar o acesso aos materiais das videoaulas acadêmicas; os atores-

tradutores são profissionais de tal qualidade, que entendem profundamente a cultura surda, pois são nativos e possuem identidade surda.

Das vídeoaulas foram extraídos 39 sinais para análise, dos quais 20 eram do sinalizador Nelson Pimenta e 19 do Rimar Segala. Dos vídeos do Youtube foi extraído um total de 37 sinais, dos quais 24 foram produzidos por Nelson Pimenta e 13 por Rimar Segala.

Depois de anotados no software *ELAN* os sinais variáveis executados pelos atores-tradutores das disciplinas de Fonética e Fonologia em duas edições, sente-se a necessidade de confirmar os sinais variáveis de outra forma, assim, buscou-se os vídeos do canal Youtube que possui diversos temas em mídia de vídeos e fácil acessibilidade de pesquisa aos produtos, inclusive aos vídeos em língua de sinais, produzidos pelos mesmos atores-tradutores da primeira etapa para analisar e comparar.

Então, nesta segunda etapa, buscou-se os vídeos públicos nas páginas do Youtube, selecionado-se vídeos com os mesmos dos atores-tradutores Nelson Pimenta e Rimar Segala. Identificando os mesmos sinais variáveis dos sujeitos atores-tradutores encontrados nas vídeoaulas do curso de Letras Libras, para confirmar e analisar tais variações.

Nelson Pimenta e Rimar Segala produziram vários vídeos, mas foram escolhidos apenas oito de cada sujeito para identificar os sinais variáveis. Veja abaixo o tema dos vídeos do Youtube, segue quadro de Nelson Pimenta:

Quadro 15 – Nelson Pimenta

N	Tema	Sinais	Tempo	Fonte
1	Língua natural?	POR QUE	01'49''	https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxkk
2	Cine visual em Libras	ESTUDAR	02'49''	https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U
3	Cine visual em Libras	EXEMPLO	01'06''	https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U
4	Língua natural?	EXEMPLO	07'35''	https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxkk
5	Cine visual em Libras	OLHAR	01'47''	https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U
6	1 Ser Surdo,	EXPLICAR	05'01''	https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY

	Deafhood e Orgulho Surdo			
7	10 anos de LIBRAS!!! !!	COMO	0'07''	https://www.youtube.com/watch?v=CbdOXDcdZZU
8	Pedagogia surda precisa acordar	HOJE	03'30''	https://www.youtube.com/watch?v=eVmgdFWK3jg
9	Língua natural?	TER	1'24''	https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxxk
10	10 anos de LIBRAS!!! !!	TER	02'11''	https://www.youtube.com/watch?v=CbdOXDcdZZU
11	1 Ser Surdo, Deafhood e Orgulho Surdo	NÃO PODE	3'25''	https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY
12	Oficina de Configuração de mãos	EVITAR	02'08''	https://www.youtube.com/watch?v=2J8EoIF1UHM
13	Sociedade em Libras	ENTENDER	01'37''	https://www.facebook.com/nelson.pimenta.5/videos/1229785640384710/
14	Nelson Pimenta Poesia Cinco Sentido em	ENTENDER	01'13''	https://www.youtube.com/watch?v=xmOnY1B2jEI
15	Sobre escola	ENTENDER	01'26''	https://www.youtube.com/watch?v=18AEFhBQE7A
16	Cine visual em Libras	PRATICAR	00'47''	https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U
17	A Sociedade em Libras	IMPORTANTE	01'35''	https://www.facebook.com/nelson.pimenta.5/videos/1229785640384710/
18	Cine visual em Libras	QUE	00'12''	https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U
19	União é forte	QUE	3'11''	https://www.youtube.com/watch?v=mfsI9uxFQI8

20	1 Ser Surdo, Deafhood e Orgulho Surdo	QUE	06'22''	https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY

Fonte: elaborado pela autora.

Como critério de seleção adotou-se a forma aleatória de escolha dos vídeos do Youtube produzidos pelo mesmo autor, já que se percebe a existência dos mesmos sinais variáveis encontrados nas videoaulas, para assim comparar e confirmar os dados coletados nas videoaulas. Importante ressaltar que a produção da língua de sinais possui diversos contextos naturalmente compostos de acordo com sua enunciação, como verifica-se. Agora segue o quadro outro autor, Rimar Segala, veja abaixo:

Quadro 16 – Rimar Segala

N	Tema	Sinais	Tempo	Fonte
1	Saber e conhecer - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho	EXPLICAR	0'47''	https://www.youtube.com/watch?v=MNO7PMv2-_Y
2	Fazenda: Papagaio - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho	EXPLICAR	01'03''	https://www.youtube.com/watch?v=o4WIrAArnDI
3	Fazenda: Vaca - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho	COLOCAR	07'55''	https://www.youtube.com/watch?v=NtN98y67ukM&app=desktop
4	Saber e conhecer - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho	PODE	2'33''	https://www.youtube.com/watch?v=MNO7PMv2-_Y
5	Fazenda: Vaca - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho	PODE	3'18''	https://www.youtube.com/watch?v=NtN98y67ukM&app=desktop
6	Para Izabela	PODE	04'54''	https://www.youtube.com/watch?v=dW_rmgwRSc

7	Para João Filho	OBRIGATORIO	02'36''	https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiV1CHE
8	Para João Filho	OBRIGATORIO	02'41''	https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiV1CHE
9	Para João Filho	PRECISAR	00'58''	https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiV1CHE
10	Leland McCleary - Tradução de Rimar R. Segala	PRECISA	05'11''	https://www.youtube.com/watch?v=nDsr0qaL_H0
11	Para Nelson e para TODOS	COMO	0'15''	https://www.youtube.com/watch?v=8VifwuwE3CQ
12	Para Nelson e para TODOS	COMO	0'20''	https://www.youtube.com/watch?v=8VifwuwE3CQ
13	Para João Filho	COMO	0'57''	https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiV1CHE
14	Professores surdos	COMO	01'14	https://www.youtube.com/watch?v=q5eaTd3uFfg
15	Fazenda: Pinguim - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho	TER	2'54''	https://www.youtube.com/watch?v=_0BFJgyHViE
16	Professores surdos	TRABALHAR	01'23''	https://www.youtube.com/watch?v=q5eaTd3uFfg
17	Leland McCleary - Tradução de Rimar R. Segala	QUE	01'08''	https://www.youtube.com/watch?v=nDsr0qaL_H0
18	Leland McCleary - Tradução de Rimar R. Segala	QUE	01'31''	https://www.youtube.com/watch?v=nDsr0qaL_H0
19	Fazenda: Pinguim - Rimar	SÓ	02'51''	https://www.youtube.com/watch?v=_0BFJgyH

	R. Segala e Sueli Ramalho			ViE
--	---------------------------	--	--	-----

Fonte: Elaborado pela autora.

Na busca de observar a ocorrência de variações na execução dos sinais verifica-se que a realização de um mesmo sinal pode variar na comparação entre si e na comparação dos registros desse sinal. Nas videoaulas do curso de Letras Libras, analisadas nessa pesquisa, os profissionais atores-tradutores possuem uma forma de sinalização própria nas quais os sinais podem alterar sua forma de realização, mas não seu significado. Ressalta-se que os vídeos aqui coletados são todos registrados em Libras e que esta pesquisa considera a possibilidade de variação intra-sujeito dos sinais variáveis presentes neste trabalho.

Com o final da coleta dos dados e antes de apresentar o perfil dos sujeitos atores-tradutores é importante compreender o motivo da escolha destes profissionais, bem como esclarecer a forma de produção dos vídeos pelos atores-tradutores nas videoaulas do curso de Letras Libras, que são um tipo de tradução de língua fonte, como a língua portuguesa, para a língua alvo, a Libras. Conforme Segala (2010) salientou:

As traduções domesticadoras necessitam de “embelezamento”, ou mais propriamente, um trabalho com o estilo no ato de tradução. O tradutor tem de se preocupar em adaptar a fluência, o ritmo, as imagens para a língua do texto traduzido. Assim, o leitor vai se sentir confortável, inserido no seu universo linguístico e cultural. A tradução vai parecer natural, pois o ritmo, a fluência, as imagens e as marcas culturais e sociais são as da língua do leitor e não da língua original; o autor e o tradutor ficam invisíveis na tradução. (SEGALA, 2010, p.46).

Assim em conformidade com este entendimento, Oliveira e Silva (2014), afirmam que “uma equipe de tradutores prioritariamente surdos, fluentes em Libras e em língua portuguesa, conhecedores das realidades culturais que permeiam os falantes dessas duas línguas” se fazem necessários em um bom processo de tradução. Salientam ainda as mesmas autoras sobre o início das traduções,


Os primeiros tradutores se autodenominavam atores/atrizes do Curso Letras Libras, pois

inicialmente acreditava-se que encenariam o texto diante das câmeras, assim como a equipe era denominada “equipe de filmagem”. (OLIVEIRA; SILVA, 2014. p. 94)

Como já mencionado acima, o primeiro critério adotado é que todo o corpo de atores-tradutores seja surdo, o segundo é que tenham trabalhado na tradução dos textos instrucionais do curso de Letras Libras, que possuam total compromisso na tradução das videoaulas. A pesquisa optou por restringir a análise da variação somente a esses dois sujeitos, esse foi o recorte possível para uma pesquisa de mestrado, com atores-tradutores que pertencem à terceira geração de uma família de surdos.

Esses dois sujeitos cursaram Letras Libras em 2006, possuindo, convivência com a comunidade surda nacional e internacional e experiência como autores-tradutores, apresentando também vídeos no Youtube, com prática na gravação de vídeos em Libras.


Diferentemente das videoaulas, o registro linguístico dos vídeos do Youtube têm o pressuposto linguístico informal, permitindo a comparação entre o mesmo sinal em sinalizações cujo nível de (in)formalidade pressuposto são distintos²⁹. As diferenças histórica, geográfica e social entre os atores-tradutores, enriquecem a análise dos vídeos do Youtube para a comparação dos mesmos sinais de acordo com o idioleto, a influência do ambiente ou a prática do discurso em vídeo. Abaixo estão, em detalhe, o perfil dos dois sujeitos, Nelson Pimenta e Rimar Segala:

 Nelson Pimenta de Castro é surdo de nascença, tem 53 anos, nasceu em Brasília, é casado, atualmente mora na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Formado em Cinema de Faculdade (Universidade Estácio de Sá), licenciatura e Letras Libras, possui mestrado na área de tradução pela UFSC, feito em 2010, atualmente é aluno do doutorado na UFSC e é professor de Libras da INES do Rio de Janeiro. Estudou na escola INES quando tinha 12 anos. Tem familiares surdos, avós surdos, pais ouvintes e irmã surda. Seus avós paternos são surdos e não dominam a Libras, a família usa um código de

²⁹ Na prática, como mostrarão os resultados desta pesquisa, a divisão entre subcorpus formal de videoaula e subcorpus informal de Youtube prevista no desenho desta pesquisa não é tão rígida. Veja capítulo 4 Análise dos dados.

sinais específico, sem contato com outros surdos no estado de Goiás. Sua irmã, primogênita, e ele tiveram como primeira língua o mesmo código de sinais da família, após 5 anos de idade foi para escola aprender a Língua de sinais com outros surdos, facilitando seu desenvolvimento nesta língua. Trabalhou muito tempo com surdos, na associação de surdos teve contato com vários movimentos sociais, fez trabalho voluntário, já foi presidente do Centro de Integração de Arte, com curso para surdos, trabalhou na Feneis, e ainda é autor de diversas produções literárias em Libras, bem como, traduções para a Libras de textos literários.

(www.escavador.com/sobre/3368981/nelson-pimenta-de-castro).

 Rimar Ramalho Segala é surdo de nascença, tem 36 anos de idade, nasceu em São Paulo capital, atualmente mora em São Carlos-SP. Formado em Matemática de faculdade (Centro Universitário Assunção) e Letras Libras, possui mestrado na área de tradução pela UFSC, atualmente é aluno do doutorado em linguística na UNESP (Universidade Estadual Paulista) e é professor de Libras da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Aprendeu Libras nos primeiros anos de vida, faz parte da terceira geração de uma família de surdos, que possui por volta de 16 surdos. Já trabalhou como voluntário em várias instituições como hospitais, escolas, associações e etc. Também é autor de produções literárias importantes em Libras. Trabalha no teatro com a irmã Sueli Segala, com a empresa Cia. Arte e Silêncio. (www.escavador.com/sobre/4353206/rimar-ramalho-segala).

Os perfis de cada sujeito mostram que é forte a convivência e o contato com a comunidade surda de cada um deles, bem como o estudo e a pesquisa acadêmica na área de língua de sinais, além de suas experiências como docentes.

A fim de identificar se há variação na realização dos sinais no material das videoaulas do curso de Letras Libras da UFSC e com a comparação com os vídeos do Youtube, a sinalização dos dois atores-tradutores surdos foi observada e comparada tanto entre os diferentes

sujeitos (inter-sujeito³⁰) quanto principalmente entre os diferentes momentos de sinalização do mesmo sujeito (intra-sujeito), sendo tomados para análise os sinais produzidos de modo diverso pelos sujeitos. Isso significa que a identificação de sinais variantes foi feita através do modo exploratório, pela técnica de levantamento de dados e análise querológica no software ELAN.

A opção por essa metodologia de levantamento de dados para análise diz respeito à tentativa desse estudo de apontar hipóteses explicativas para as variantes encontradas. Portanto, se se partisse da procura de um tipo específico de variação (idioleto, por exemplo), não se poderia cumprir o objetivo de mapear, neste corpus, as hipóteses explicativas por trás das variantes observadas.

Nesse sentido, o estudo é exploratório, pois seus resultados, embora não possam ser generalizados, apontam direcionamentos para pesquisas futuras acerca da variação linguística na Libras, permitindo reconhecer que as questões estudadas interessam à área dos estudos da tradução, estimulando sua discussão.

O processo de anotação sobre os sinais variáveis das videoaulas e dos vídeos do Youtube no programa ELAN serão explicados no próximo item.

3.3 ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO COM A AJUDA DO PROGRAMA ELAN

A transcrição de videoaulas e de vídeos do Youtube na forma de anotações manuais das imagens e dos sinais, em se tratando de língua de sinais, acontece de forma lenta e dificultosa, visto que se utiliza a pausa e a repetição muitas vezes e alguns sinais podem passar despercebidos, daí a necessidade na coleta dos sinais, da utilização da tecnologia. Foi utilizado o programa ELAN³¹ (*Eudico Linguistic Annotator*).

O ELAN é um programa de software desenvolvido com objetivo de facilitar as anotações de sinais relacionadas às gravações em vídeo, contribuindo na prática para facilitar o entendimento das traduções em Libras.

³⁰ Em alguns casos, ocorreu comparação do mesmo sinal realizado por diferentes sujeitos. Veja sobre variação intra- e inter-sujeito também: Velasco et.al. (2010)

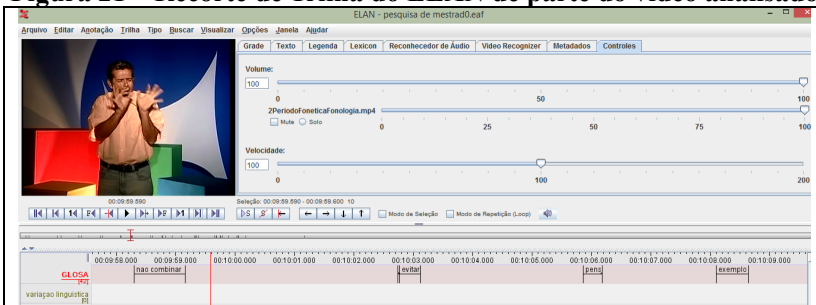
³¹ Encontrado no site <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>. O ELAN é um programa desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, Nijmegen, da Holanda.

As ocorrências de execução diferenciada de sinais coletadas nos materiais em vídeo e seus respectivos trechos, foram codificadas com o auxílio do programa ELAN, o que permitiu a posterior análise quantitativa, qualitativa e descritiva dos dados. Essa é a vantagem do programa para viabilização deste estudo, facilitando a criação de trilhas de acordo com o interesse desta pesquisa.

O programa ELAN é considerado uma das ferramentas fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas envolvendo o uso de línguas de sinais, pois ele possibilita, após a etapa de codificação dos dados, o uso de recursos que calculam automaticamente a quantidade de variações em cada vídeo.

Para tanto, é preciso que se criem trilhas de transcrição, nas quais, por meio do uso de glosas, o pesquisador identifica o sinal realizado. Cada trilha, no contexto desta pesquisa, diz respeito à variação querológica, os quais se constituem como fatores de natureza distinta que levam à variação dos parâmetros dos sinais da Libras. Segue abaixo exemplo da anotação e codificação dos dados no programa, com um recorte de parte do vídeo analisado:

Figura 21 – Recorte de Trilha do ELAN de parte do vídeo analisado



Fonte: Captura do vídeo selecionado para a pesquisa, realizado pela autora.

Pela imagem acima, é possível perceber que a utilização do software ELAN se configura como uma ferramenta que permite registrar os dados de modo a identificá-los facilmente, para a própria etapa de transcrição (glosa) e codificação para uma análise descritiva desses dados.

Outra vantagem do programa é que ele permite a sincronização entre as trilhas e o vídeo, permitindo ao pesquisador o rápido acesso a diferentes dados por meio de ferramenta de busca de diferentes itens

lexicais, bem como possibilita a visualização em maior ou menor velocidade dos recortes relativos aos dados, o que é muito importante para o pesquisador na medida em que ele pode observar as minúcias de localização, configuração de mão, ponto de articulação, orientação do movimento etc., ou seja, as minúcias dos parâmetros que constituem os sinais da Libras.

Utiliza-se neste trabalho duas trilhas de transcrição sobre a variação querológica no programa *Elan* para fazer a anotação e a observação das quantidades dos mesmos sinais variáveis.

Na primeira trilha, o objetivo é registrar as glosas, inserindo o nome de vocábulos da língua portuguesa que representam o enunciado feito em Libras, mantendo a estrutura gramatical da língua de sinais. Aqui a glosa é apenas uma ajuda, um recurso metodológico utilizado para auxiliar na transcrição da Libras, anotando e identificando os sinais variáveis que foram produzidos pelos atores-tradutores, para facilitar, por exemplo, a rápida localização de suas ocorrências no corpus do vídeo transcrito.

A segunda trilha trabalha as anotações das variações linguísticas que possuem etiquetamento mediante o recurso vocabulário controlado (VC)³² do *ELAN* com uma lista com as seguintes opções: idioleto, economia e mudança do registro: formal e informal, identificando assim os sinais variáveis das videoaulas e dos vídeos do Youtube.

Verificou-se que as variações mais frequentes nos vídeos analisados foram justamente o idioleto, a economia e a mudança do registro formal e informal. Embora existam outras subcategorias de variação, estas foram escolhidas, pois produziam ocorrências suficientes para se obter dados consistentes, visto que fica claramente evidenciado a existência de variação querológica nas traduções em Libras, fato este que é inerente à língua em constante mudança, e que ajuda a contribuir para seu estudo, entendimento e divulgação.

As duas trilhas codificadas no *ELAN* facilitam e contribuem para a análise dos dados como se percebe no resultado final da pesquisa.

Entende-se que o corpus da pesquisa é o cruzamento da problemática com a fundamentação teórica e os dados coletados. Dessa forma, o quarto capítulo apresenta a discussão dos resultados da análise

³²A maior parte das trilhas é constituída por um repertório fechado e/ou restrito de possibilidades de anotação – exceto quando a trilha apresenta uma gama muito grande de possibilidades, como é o caso das glosas. Esse repertório de entrada é denominado “vocabulário controlado” no *ELAN*. (LEITE, 2008).

sobre os itens lexicais considerados nesta pesquisa e o recorte feito para classificar o corpus encontrado na variação existente na Libras, para tanto faz-se uma descrição dos aspectos de variação querológica nos dados coletados, apresentam-se hipóteses dos tipos de variação e quais os procedimentos utilizados na coleta dos dados para a pesquisa, bem como a análise dos dados das videoaulas e dos vídeos do Youtube.

O corpus da pesquisa refere-se, portanto, à coleta de dados, que são as evidências da realidade, que permitirão avaliar os fatos reais, a partir das amostras coletadas, as quais colaborarão na composição do texto. Assim, foi proposto que a investigação dos dados ocorresse por meio de produções lexicais sinalizadas e o recorte da pesquisa mostra as suas hipóteses nos resultados dos dados coletados, com base nos fenômenos de variação dos exemplos apresentados.

Diante disso, o corpus desta investigação permite a análise das variações querológicas em determinados sinais presentes em duas videoaulas produzidas para o curso de Letras Libras (licenciatura) da UFSC, retiradas das disciplinas de Fonética e Fonologia, de 2006 e 2008; e nos vídeos do Youtube, sinalizados pelos mesmos sujeitos atores-tradutores surdos.

A preparação dos dados de pesquisa forneceu a possibilidade de analisar a variação real ocorrida nesses dois contextos por meio do levantamento de dados extraídos da produção de vídeos das matérias do curso de Letras Libras da UFSC e de vídeos do Youtube dos dois sujeitos atores-tradutores escolhidos. A utilização do programa ELAN foi de fundamental importância para a extração dos dados dos vídeos e a seleção do tipo de variação a ser analisado, ajudando ainda na análise dos exemplos selecionados do corpus da pesquisa.

Como já mencionado na introdução, a UFSC é referência na pesquisa e na produção científica em estudos linguísticos e tradutórios relacionados à Libras, o que, naturalmente, ocasiona uma circulação intensa de surdos e de outros usuários dessa língua em nível acadêmico e, portanto, onde o uso da Libras se encontra num contexto em que o registro da variação no emprego da Libras é favorecido, já que se trata da tradução de textos escritos instrucionais em nível acadêmico.

Acreditando na relevância do corpus da presente pesquisa para o aprofundamento e para o detalhamento da análise das variações dos parâmetros constitutivos da Libras, busca-se identificar as variações apresentadas no uso dos sinais, tomando-as para análise, categorizando-as como variações querológicas, que não implicam nuances de significado lexical. Como exposto anteriormente com mais detalhes, na introdução deste estudo, a identificação dos sinais que apresentam

variantes e a apresentação de uma classificação das variantes é o objetivo principal desta pesquisa.

Finaliza-se esta etapa do trabalho para prosseguir, no quarto capítulo, com a análise dos dados e a apresentação dos resultados encontrados por meio de exemplos que demonstrem as hipóteses levantadas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a discussão dos resultados da análise dos itens lexicais considerados nesta pesquisa, bem como as descrições dos aspectos de variação querológica da Libras encontrados nos dados coletados.

Para a organização e discussão dos resultados encontrados a respeito da variação em Libras, foi levada em consideração a proposta de classificação para os tipos de variação histórica, geográfica, social e estilística apenas, feita por Labov (1960), como descrito no capítulo 2.

Foram apresentadas as variedades socioculturais ou variação social (diatráticas), que levam em consideração o registro sociocultural e as variedades estilísticas ou variação situacional (diafásicas), que se importam mais com o modo situacional, como a fala pode se mostrar formal ou informal, dependendo do momento da enunciação.

Há várias maneiras de usar a mesma língua, usuários integrantes da mesma realidade sociocultural podem apresentar variação da língua sobre as categorias de classificação dos tipos de variação querológica, que possuem subcategorias.

Desta forma, foi proposto que a investigação dos dados ocorresse por meio de produções lexicais sinalizadas e o recorte da pesquisa mostra as suas hipóteses nos resultados dos dados coletados, com base nos fenômenos de variação dos exemplos apresentados.

Os resultados foram feitos a partir da análise de duas videoaulas retiradas das disciplinas do curso de Letras Libras da UFSC, uma de 2006 e outra de 2008, como descrito no capítulo 3. Os resultados apontam para a importância da discussão acerca da variação querológica para a Libras, bem como a necessidade de análise dos itens lexicais variantes.

Os estudos sobre sociolinguística, efetuados a partir da produção de sinalizantes, contribuem para aumentar e aprofundar as pesquisas neste sentido, a partir das variações encontradas, o que é importante para o desenvolvimento dos conhecimentos relativos à Libras. Esta pesquisa considera os tipos de variação em que a análise se baseia, como fenômenos próprios de uma língua viva.

4.1 DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS DE VARIAÇÃO QUEROLÓGICA NOS DADOS COLETADOS

A análise dos dados coletados, de acordo com o nível de variação querética e querológica, é caracterizada pelas diferentes

maneiras que a palavra é enunciada, com acréscimos, duplicação, omissão de parâmetros, utilização de dois morfemas, decréscimo, etc. As variações acontecem na enunciação, espontaneamente no processo de produção do sinalizante. Este, muitas vezes, não percebe a ocorrência dos fenômenos de variação.

O estudo apresentado envolve as videoaulas do curso de Letras Libras da UFSC e vídeos do Youtube de dois atores-tradutores surdos, Nelson Pimenta e Rimar Segala, onde se identificam os itens lexicais variantes. Eles foram produzidos com uma sequência completa de sinalização e as imagens necessárias foram captadas com a ajuda do programa ELAN.

Desta forma, como resultado, foram encontrados sinais variantes, dos quais apenas 39 com variação querológica serão estudados e analisados nesta pesquisa, devido ao fato destes se repetirem nos dois contextos e ao tempo que é necessário para se concretizar uma análise acadêmica relevante.

4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DOS DADOS: VARIAÇÃO QUERÉTICA-QUEROLÓGICA

Apresentam-se aqui os resultados da análise da variação querética/querológica dos dados estudados. Ao se analisar a constituição e a evolução dos sinais verifica-se que estão presentes as variações e dependendo do contexto que ocupam, encontram-se alguns fenômenos recorrentes que são responsáveis por um grande número de variações querética/querológicas, tais como a mudança, redução, duplicação e omissão.

No idioleto a pessoa possui uma produção de variação particular, cultural, se refere a um certo modo de sinalizar, inerente de cada indivíduo. São características próprias para efetuar seu registro. Por exemplo: mudança querética das formas de configuração de mão em “1” mudança para “L”; movimento de “LENTA” mudança para “RAPIDO”; ponto de articulação “TESTA” mudança para “BOCHECHA”; expressão facial “COM BOCHECHAS INFLADAS” mudança para “SEM” e “COM BOCA SEMI ABERTA”; orientação do braço “HORIZONTAL DISTENDIDO” mudança para “CURTO HORIZONTAL DISTENDIDO”.

A mudança para menos complexa, quando ocorre a economia linguística, trata da mudança econômica das formas dos parâmetros em CMs, por exemplo, se há a simetria, o mesmo sinal pode ocorrer só com uma mão, daí há omissão; se o movimento ocorre duas vezes,

pode ocorrer uma única vez; se o parâmetro PA ocorre na parte superior do braço, com a mudança da economia, passa para parte de baixo do braço; a orientação horizontal para cima, mais longe, pode ocorrer com a orientação horizontal para cima, mais curta.

Com relação à mudança de registro, que pode ser formal ou informal, existem produções com variedades diferentes de estilos de linguagem e de estilos de prosa.

Por exemplo, as mudanças querológicas das formas do parâmetro de CM em “S”, “A” e “O” são semelhantes, bem como a locação de um sinal na “testa” ou “bochecha”; ou ainda o movimento com mão e braço em curvas, pode ser ondulatório, para direita, para esquerda, para baixo, para cima, para dentro, para frente ou para trás, todas essas são mudanças curtas, relaxadas e rápidas, não mudam o sentido do sinal; ao dobrar as mãos pelo pulso e girar pode ocorrer a variação, sem girar ou ao girar com menos movimento; ao se modificar a intensidade do movimento, a velocidade ou a frequência pode ocorrer mudança de redução do sinal, entre outras formas de variação que serão mais especificamente abordadas nos itens seguintes, com seus devidos exemplos.

Como em alguns casos as imagens extraídas dos vídeos não ficam suficientemente claras, a autora reproduziu os mesmos sinais com a respectiva variação para ajudar a percepção do leitor desse trabalho.

4.2.1 Idioleto

Como dito anteriormente, o idioleto identifica a fala de cada usuário da língua, a língua única de cada indivíduo, a maneira e o sentido por ele expresso. Assim, aqui ao se produzir uma mudança, uma variação querética da estrutura do léxico, se produz uma mudança natural de elementos linguísticos. Segundo Labov (1972), são marcas pessoais da fala, existem traços linguísticos e variações particulares a uma certa pessoa e gênero do indivíduo, em relação a variação social em cada caso.

Uma pessoa pode ter diversas variantes dialetais em seu repertório e mudar de uma para outra quando lhe for conveniente ou de acordo com o contexto/interlocutor. Do ponto de vista sociolinguístico, é importante reconhecer a competência linguística do falante para os usos diferenciados que podem fazer da língua (LYONS, 1987).

Foram encontrados nesta pesquisa quatro sinais considerados

com variação idioletal, são eles: POR QUE, ESTUDAR, EXEMPLO e OLHAR. Com esses dados, observa-se que a variante utilizada por todos os sinalizantes, para diferentes usos, foi o idioleto, visto que, são marcas pessoais, variações linguísticas particulares da fala de cada sujeito, que em cada caso observado serve para dar um melhor entendimento do que está sendo dito. A tabela abaixo apresenta o contexto em que sinal PORQUE aparece nos vídeos³³:

Tabela 1 – Variação Querológica “POR QUE”

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. NÃO PODE <u>PORQUE</u> ERRADO (MÃO ESQUERDA) E ERRADO (MÃO DIREITA) LIBRAS</p>	<p>2. LETRA DENTRO NATURAL LIBRAS EU <u>PORQUE</u> ME VISUAL EU...</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia 1 Edição Tempo: 10'53'' e 2 Edição Tempo: 09'07''</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxxk Tempo: 01'49''</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O processo de variação do idioleto retratado na tabela acima, apresenta à esquerda a realização do sinal com a mão direita CM em L com o polegar estendido, inclinadas para dentro, mão direita acima da esquerda. O sinal representado à direita apresenta a mão na horizontal para direita em D (fechado)³⁴ e mão esquerda L com o polegar, palma a palma, inclinadas para dentro, batendo indicador direito no indicador esquerdo. O sinal POR QUE tem variação em sua CM e em alguns tradutores (dependendo do contexto) em sua idiosincrasia. Essa

³³ Em cada exemplo da análise será reproduzido o contexto sintático próximo do sinal analisado (em negrito e sublinhado) numa transcrição mediante GLOSAS simplificadas.

³⁴ CM: 

variável individual pode ser natural ou mesmo inconsciente, são estruturas produzindo evidências subjetivas. Mas, claro que há uma motivação fonológica, com o intuito de facilitar a compreensão, juntamente com a expressão facial.

Assim, diferentemente de uma pesquisa vocabular que poderia focar apenas nos itens lexicais dos sinais em Libras, esta busca averiguar como esses sinais são produzidos por tradutores surdos. Os vídeos analisados mostram pequenas variações que não são encontradas nos dicionários. Na tabela 2 abaixo observamos o sinal ESTUDAR:

Tabela 2 – Variação Querológica “ESTUDAR”

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. ESTUDAR QUE ESTUDAR F-O-N-É-T-I-C-A (DEIXIS) OUTRO F-O-N-O-L-O-G-I-A..</p>	<p>2. PRÁTICA NA HORA ESTUDAR VOU ENSINAR MAIS..</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia - 1 Edição Tempo: 00'25'' Outro exemplos: 09'00'', 11'28''...</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U Tempo: 02'49''</p>

Fonte: Elaborado pela autora

No processo de variação idioletal retratado acima, os dois casos apresentam a realização do sinal executado com as duas mãos atuantes na forma aberta, incluindo os dois dedos distendidos (dedos mínimos aberto e polegares abertos), inclinados para dentro e dedos inclinados para os alunos, batendo duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos.



Assim, o sinal ESTUDAR também sofre alteração em sua CM no ato de fala do tradutor analisado, como podemos observar na imagem à direita da tabela 2: o mesmo é realizado na altura da boca. Nesse contexto, as variáveis constitutivas de individualização do sujeito são evidentes, visto que, as diferenças de realização do sinal

são mínimas (pouca mudança querética) e muitas vezes inconscientes, se configurando como uma variação livre do sinal.

A tabela abaixo mostra as diferentes formas de variação do sinal EXEMPLO:

Tabela 3 – Variação Querológica “EXEMPLO”

VIDEOAULA			
1. AGORA TER <u>EXEMPLO</u> FRASE OLHAR C..	2. UAU <u>EXEMPLO</u> SURDO SENTAR ALMOÇAR..	3. PESQUISAR ENTÃO <u>EXEMPLO</u> REGIONAL SURDOS...	4. PENSAR O QUE MAS <u>EXEMPLO</u> CASAMENTO. ..
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1Edição Tempo: 47’49”	Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1Edição Tempo: 01°06’37”	Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1Edição Tempo: 16’22”	Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 11’55”
YOUTUBE			
5. ANTROPOMORFISMO QUE MOSTRA <u>EXEMPLO</u> INDICAR (IMAGENS)...		6. IGUAL <u>EXEMPLO</u> ABACATE..	

	
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U Tempo: 01'06''	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxkk Tempo: 07'35''

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de variação do idioleto retratado na tabela acima, todos apresentam a realização do sinal executado com a mão mais aberta, palma para frente, com os dois dedos distendidos (dedos anelar e mínimo) palma para a esquerda, tocando a unha do polegar no queixo duas vezes. Os seis exemplos seguem a mesma forma. Ressalte-se ainda que as videoaulas e os vídeos do Youtube são realizados pelos mesmos sinalizantes.

Verifica-se que há uma mudança significativa no parâmetro da CM, salientando que a variação desse sinal se repetiu nas videoaulas e nos vídeos do *youtube*. Nas imagens, a realização do sinal no queixo com a mão em Y, com o dedo anular, produz uma sinalização individual mais relaxada de construção fluida, de cada momento da comunicação.

Abaixo as diferentes formas de variação do sinal OLHAR:

Tabela 4 – Variação Querológica “OLHAR”

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. TEM FRASE ESTRUTURA OLHAR C-C-V-C-C-C SEMPRE PESQUISA	2. QUE EXEMPLO OLHAR COMO OLHAR INDICAR
	

<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia - 1 Edição Tempo: 47'51" Outro exemplos: 11'28", 23'55", 47'06", 56'07"... 2 Edição Tempo: 54'16", 58'15"</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U Tempo: 01'47"</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A variação idioletoal acima, primeiro apresenta a realização do sinal executado com a mão atuante direita na configuração de mão em L com o polegar estendido (aberto para dentro), tocando a ponta do indicador abaixo do olho direito. No segundo exemplo, acrescenta-se a segunda mão participante, aberta para cima.

Nesse contexto, observa-se que o sinal "OLHAR" é realizado com o polegar aberto, produzindo um enunciado comumente empregado com variante, num sentido relaxado, característico do sinalizante.

Diante do exposto até o momento, verifica-se que a variação querológica classificada como idioleto nos estudos científicos de Labov (1972), é uma variação social que pertence a cada sujeito sinalizante, que entende e sente o mundo que lhe cerca de uma maneira própria, individual e é influenciado por inúmeros fatores e que por tudo isso mostra diversas formas de aplicação de um mesmo sinal, sem, contudo, mudar sua essência ou dificultar seu entendimento por parte dos que desejam um aprofundamento maior da Libras, uma língua tão rica de significados, pelo contrário, engrandece ainda mais e fortalece sua disseminação como língua viva, e em constante evolução.

Desta forma, as variações analisadas até aqui foram consideradas idioletos, principalmente porque os sinalizantes são professores e como tais se esforçam para que o conteúdo ministrado por eles seja completamente compreendido e assim, cada um, com suas influências pessoais e com suas variações linguísticas particulares, trabalha a Libras da melhor forma possível.

4.2.2 Estrutura querológica menos complexa: economia de articulação

A economia de articulação é a categoria na qual o sujeito realiza uma estrutura querológica menos complexa, utilizando uma quantidade menor de elementos cognitivos, em relação à variação

social da língua. A omissão ou redução é uma das formas de variação mais utilizada aqui, onde alguns sinais são feitos apenas com uma mão. Destacam-se alguns exemplos, como: BURRO, DEMÔNIO, ALTO, nos quais é possível usar apenas uma mão atuante, sem a mão participante.

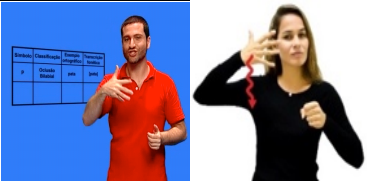



As variações lexicais que ocorrem na categoria da economia são as menos complexas com relação aos parâmetros, a omissão ou redução mostra que, com o passar do tempo, um sinal pode sofrer alterações ou mudanças, pode evoluir de acordo com as necessidades sociais dos seus usuários, em conformidade com os usos e costumes de uma sociedade.

Os sinais simétricos podem também ocorrer de forma mono-manual, ou seja, realizados apenas com uma mão atuante. Pode ocorrer só com uma mão, apenas utilizando a mão atuante, não sendo necessária a utilização mão participante como ocorre na versão padrão(versão de citação, como aparece no dicionário, por exemplo) desse sinal. Isso pode acontecer principalmente onde o contexto já esclarece o significado ou quando o sinalizante está com uma mão ocupada, por exemplo, carregando objetos, ou dirigindo um automóvel ou então, sinalizando com apenas uma mão pela câmera do celular que está sendo segurado pela outra. Na maioria dos casos, trata-se de um registro mais informal que permite esses desvios.

A variação social menos complexa está atrelada a economia na articulação dos parâmetros da língua, onde a sinalização é produzida com o reducionismo ou omissão de uma mão. A utilização de duas mãos para a realização de um sinal permite uma economia na emissão e percepção da mensagem, quando já se tem uma mão de referência como atuante, pode-se retirar a mão participante. Nessa pesquisa não foram investigadas quais condições existem para poder retirar uma mão.

Foram encontrados sete sinais com variação de economia, são eles: EXPLICAR, COLOCAR, PODER, OBRIGATÓRIO, PRECISAR, COMO, HOJE. Com esses dados, observa-se que a variante utilizada por todos os sinalizantes, para usos diferentes, foi a economia de léxico, conforme mostra a tabela abaixo para o sinal EXPLICAR:

Tabela 5 – Variação Querológica “EXPLICAR”

VIDEOAULA	
<p>1. NOME LEMBRA PASSADO EXPLICAR (omissão um atuante) JÁ O-C-L-U-S-I-V-A....</p>	<p>2. LISTA 3 ESTE(1) [BOIA] EXPLICAR ESTE (2) [BOIA] EXPLICAR, ESTE (3) [BOIA] EXPLICAR,</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 34’32”</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia– 2 Edição Tempo: 18’06”</p>
YOUTUBE	
<p>3. CONHECER DIFERENTE EU JÁ EXPLICAR CONCEITO...</p>	<p>4. HOJE EU EXPLICAR QUE CONTINUAR (só uma mão)+BOIA ...</p>
	
<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=MNO7PMv2-_Y Tempo: 0’47”</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=o4WIrAArnDI Tempo: 01’03”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.



No processo de variação social querológica, na categoria da economia, no exemplo retratado na tabela acima, primeiro apresenta-se a realização de dois sinais que foram executados com uma das mãos, eliminando uma mão de um dos sinais ou de ambos e em composição com os dois itens lexicais, mãos horizontais, palma para dentro para baixo, uma mão abrindo os dedos a iniciar pelos mínimos, enquanto antes sinalizou “PASSADO”. Apesar uma mão fica em “S” e continua a sinalizar “EXPLICAR”, com omissão da mão atuante oclusiva: o segundo exemplo apresenta a omissão da mão atuante, incluindo o número 3 enquanto sinalizou “EXPLICAR”: a terceira

figura apresenta a omissão da mão atuante, incluindo o sinal “JÁ”: a quarta apresenta a sinalização “EXPLICAR”, com duas palmas para dentro, baixando as mãos e abrindo os dedos, um a um iniciando pelos mínimos.

Já nas figuras 5 e 6, representadas na tabela 6 abaixo, só uma mão fica em “A” e “S” e continua sinalizando “EXPLICAR”, com omissão da atuante já fechada, em conjunto com a expressão facial.

A realização do sinal é executada em composição com dois itens lexicais e omissão da mão atuante, incluindo a configuração: A (esquerda) e S (direita) e a omissão de uma mão em simetria e atuante. Sendo todos estes exemplos de variação linguística menos complexa.

Tabela 6 – Variação Querológica “EXPLICAR”

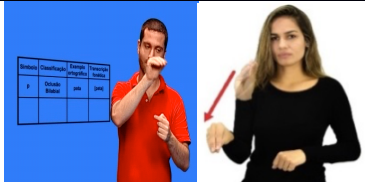
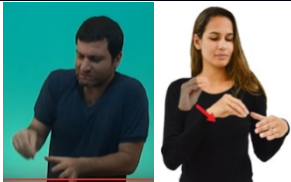
VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. F-O-N-O-L-O-G-I-A “A” ESTE(direita) e ESTA(esquerda) <u>EXPLICAR</u>, DIFERENTE..</p>	<p>2. PROVOCAR DEFESA DEPOIS <u>EXPLICAR</u> ORDEM (primeiro mão defesa enquanto depois explicar).</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia– 1 Edição Tempo: 00’34” 2 Edição Tempo: 18’11”</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY Tempo: 05’01”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Acima a realização do sinal é executada em composição com dois itens lexicais e omissão da mão atuante, incluindo a configuração: A e S (esquerda) e a omissão de uma mão em simetria e atuante.

Cabe aqui uma pequena observação. Quando o sinalizante quer dar continuidade a uma oração, percebe-se que se mantém na soletração a última letra do alfabeto realizada, utilizando essa como referencial para a continuação da frase. Mantém-se a última letra estática enquanto se realiza o sinal subsequente.

Tabela 7 – Variação Querológica “COLOCAR”

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. NOME <u>COLOCAR</u>(sem participante) ESTE P...</p>	<p>2. COMEÇAR FOME TRABALHAR PENSAR DECIDIR MELHOR SACRIFÍCIO <u>COLOCAR</u> PLANTAR VENDER...</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia - 2 Edição Tempo: 34'39" Outro exemplos: 34'50", 35'20"...</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=NtN98y67ukM&app=desktop Tempo: 07'55"</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os sinais em Libras podem ser realizados com as duas mãos atuantes, com uma atuante e uma boia ou com dois morfemas, pode ainda ocorrer a reduplicação ou pode ser realizado apenas com uma mão atuante. O sinal de COLOCAR, por exemplo, é um sinal que é realizado com a mão dominante (CM em formato de concha) e a mão participante (CM em com a palma fechada). O não uso da mão participante é comum e presente na fala dos sinalizantes. Nos vídeos analisados neste trabalho, foi possível então constatar que esse sinal também sofre economia durante as falas em língua de sinais, isso também mostra a solidez que há na CM, pois ela é suficiente para o correto entendimento do sinal, mesmo sendo executada em parte (sem o uso da mão participante).

Desta forma, no processo de variação querológica, com relação à economia, retratado na tabela acima, o termo “COLOCAR”, no primeiro item, apresenta a sinalização realizada com dois sinais. Uma mão com o verbo “COLOCAR” para frente com os dedos unidos pelas pontas e tocando a mão esquerda com a ponta dos dedos uma vez e a outra sem a mão participante marcante, ocorrendo variação da mão esquerda, sem participante.

O segundo item apresenta a sinalização o verbo COLOCAR executada igualmente, com a mão para frente, dedos unidos pelas pontas tocando a mão esquerda com as pontas dos dedos, movendo a mão direita para baixo colocando as pontas dos dedos unidos dentro do

C esquerdo, uma vez, no entanto a outra mão se mostra participante na construção do conceito do verbo colocar.

Assim, ao sinalizar o termo “COLOCAR” com a mão atuante e sem a mão participante, trata-se de uma relação correspondente a economia dos sinais e concomitantemente a alteração de sua estrutura, mas nunca do seu sentido. Assim a variação linguística ora estudada é a variação menos complexa, a economia.

Segue abaixo o estudo sobre a variação querológica do termo “PODER”, conforme a tabela:

Tabela 8 – Variação Querológica “PODER”

VIDEOAULA	YOUTUBE	
1. PALAVRA PREFIXO E SUFIXO (INDICAR) <u>PODE</u> SEMI VOGAL..	2. EVITAR MEXER NÃO <u>VERIFICAR+PODER</u> MEXER NAO...	3. POR FAVOR <u>PODER</u> EU AGUA..
		
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 48’27” Outro exemplo: 48’33”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=MNO7PMv2-_Y Tempo: 2’33”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=NtN98y67ukM&app=desktop Tempo: 3’18”

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de variação menos complexa, de economia, pode ser observada na tabela acima. A primeira sinalização foi realizada com as duas mãos, a direita realizando o sinal de PALAVRA, dedos indicador e polegar curvados e a mão esquerda com a palma horizontal fechada com firmeza para baixo.

Na segunda sinalização, a mão que realiza o sinal do verbo PODER é a mão esquerda, sendo esta a atuante, com a palma para a esquerda, dedos em C (3 dedos fechados)³⁵, palma para dentro, a mão direita tocando ao redor do olho direito e mão diagonalmente para

³⁵ CM:





frente e para baixo, arregalando os olhos e simultaneamente a mão esquerda, com palma horizontal fechada, movendo com firmeza para baixo.

Na terceira sinalização observa-se a execução do verbo PODER, sendo realizado com as duas mãos atuantes de forma simétrica ou atuante boia, dois morfemas ou reduplicação.

Nesse contexto também se observa que há uma redução do sinal PODER na sinalização da videoaula, o sinal em questão é simétrico, realizado com as duas mãos, porém nesse contexto, o sinalizante fez um reaproveitamento do sinal antecedente e com apenas uma das mãos fez o sinal de PODER, mantendo a referência da ideia anterior e trabalhando com os dois itens léxicais no mesmo espaço. Hipótese que no presente caso se trata de variação linguística menos complexa, a economia de sinais. Abaixo têm-se mais um exemplo dessa característica em Libras, onde uma mão continua atuante até a realização do sinal seguinte:

Tabela 9 – Variação Querológica “PODER”

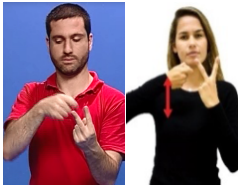
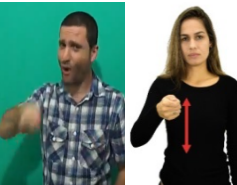

YOUTUBE	
PERCEBER (uma mão atuante boia ficar até FUTURO) EU MENOS <u>PODE</u> FUTURO	
	
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=dW_rmgwRSSc Tempo: 04'54''	

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir têm-se a análise da variação linguística do sinal “OBRIGATÓRIO”:

Tabela 10 – Variação Querológica “OBRIGATÓRIO”

VIDEOAULA	YOUTUBE	
1. ESPAÇO DOIS <u>OBRIGATÓRIO</u> LIGADO...	2. ESTE DIVERSOS TODOS <u>OBRIGATÓRIO</u> ..	3. LISTA 3 TODOS <u>OBRIGATÓRIO</u> PROFESSORES..

		
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 55'40''</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiVI1CHE Tempo: 02'36''</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiVI1CHE Tempo: 02'41''</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A realização deste sinal era executada com as duas mãos, atuante e participante, duas CM, uma mão atuante em “A” e uma mão participante com a palma aberta e com os dedos para cima³⁶.

Entretanto, atualmente, ficou apenas a mão atuante em “A”, sem a mão esquerda com a palma para cima. Conforme se verifica no segundo item, onde o uso de mais paralelas que os dois morfemas ocorrem sem a mão participante, fazendo o retorno do morfema, apresentando a mão direita em “A” horizontal, em um arco pra frente e pra baixo e sem a mão esquerda, sendo esta uma omissão, onde só há uma mão atuante, movendo para baixo e pra cima.

O terceiro item apresenta a mão direita em “A” horizontal em um arco pra frente e pra baixo e sem a mão participante, sendo um caso também de omissão, com apenas uma mão atuante, movendo as mãos para baixo e para cima, com movimentos mais curtos e mais rapidamente.

A análise da variação querológica do sinal “OBRIGATÓRIO” mostra que esse é um caso de omissão de uma das duas mãos em léxicos bimanuais, em que a variação linguística é a menos complexa: economia.

Nesse contexto, como há uma redução da mão participante, onde sinalizou-se “OBRIGAÇÃO” e “LISTA-2-BOIA”, o uso de mais paralelas que os morfemas referentes podem ser retomados a qualquer momento apenas localizando em qual dedo foi articulado, permitindo

³⁶ CM:



aos sinalizantes uma maior articulação entre os elementos marcados no discurso.

Segue abaixo a análise sobre o estudo da variação querológica do termo “PRECISAR”, conforme a tabela:

Tabela 11 – Variação Querológica “PRECISAR”

VIDEOAULA	
1. SINAL (BOIA)+ESTE+PRECISA MOVIMENTO	2. ESTE <u>PRECISA</u> TER DUAS
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 55’55” Outro exemplo: 17’44”	Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 55’33” Outro exemplos: 34’06”, 37’13”..
YOUTUBE	
3. INCLUSÃO COMO EU <u>PRECISA</u>	4. PENSAR BEM INCLUSÃO ESTE (BOIA) <u>PRECISA</u> PENSAR
	
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiV1CHE Tempo: 00’58”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=nDsr0qaL_H0 Tempo: 05’11”

Fonte: Elaborado pela autora.

Primeiro apresenta-se a realização do sinal “PRECISAR” como era inicialmente executado, com a omissão de uma das mãos atuantes,

com o indicador destacado, sendo a CM da seguinte forma³⁷.

A variação retratada na tabela acima, no primeiro item, com o indicador destacado, palmas para dentro, lado a lado, uma mão com o pulso para baixo e a mão esquerda horizontal fechada, palma para baixo apontando para a direita, sinaliza “PRECISAR” diferentemente de “SINAL”, que se utiliza de mais paralelas. Os dois sinais são diferentes morfemas, diferentes unidades constituídas de sentidos, há aqui uma composição com dois itens lexicais, onde as duas mãos são atuantes, com reduplicação, onde também pode ocorrer a redução, com só uma mão atuante apenas. Sendo esta variação linguística a que faz parte da sinalização menos complexa, a economia.

Os segundo, terceiro e quarto itens apresentam a mão direita em “A” (vide nota de rodapé 41) na horizontal, indicador destacado, palmas pra dentro, lado a lado, uma mão com o pulso para baixo e sem participantes.

Observa-se na videoaula duas mãos paralelas com movimentos rápidos e o sinal “PRECISAR” com a mão esquerda omitida, apenas referente a esse sinal, sendo possível de compreender.

Observa-se que pode ocorrer a redução da mão esquerda, sem a mão atuante, pode-se adicionar mãos, a esquerda com outro significado, por exemplo, onde existiriam dois sinais com significados diferentes cada um.

Segue a análise da variação linguística do sinal “COMO”, conforme a tabela abaixo:

Tabela 12 – Variação Querológica “COMO”

VIDEOAULA		
1. SOM E ORAL COMO PRIMEIRO ANTES QUE É AR..	2. SOM TRADUÇÃO ESCRITA COMO TRADUCAO ESCRITA COMO (sem uma mão atuante)...	3. F-O-N-O-L-O-G-I- A A (BOIA)+ESTE+VOC E+SABER+ COMO FONÉTICA DIFERENTE QUE (duas mãos é intensidade)

³⁷ CM:



 	 	 
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 18'14''</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 34'01''</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 40'58''</p>
<p>4. PRIMEIRO PRIMEIRO (BOIA)+COMO+VO Z FALAR...</p>	<p>5. B-I-L-A-T-E-R-A-L ESTE BOCA (articulação)+COMO P (oclusiva bilabial desvozeada)</p>	<p>6. EXEMPLO É P-A-T-A (BOIA) +ESTE OUTRO N (boia)+COMO LABIAL..</p>
 	 	 
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 23'05'' e 2 Edição Tempo: 00'16''</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 37'32''</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 37'44''</p>
<p>YOUTUBE</p>		

<p>7. VOCÊ FALOU <u>COMO</u> NOS PRECISA DISCUSSÃO BILÍNGUE.</p>	<p>8. BILÍNGUE <u>COMO</u> IMPORTANTE NOS PROFESSORES CERTO ENSINO..</p>	<p>9. PROBLEMA DINHEIRO INCLUSÃO DINHEIRO <u>COMO</u> EU PRECISA (descrição assimilação inclusão dinheiro após como também precisa)</p>
 	 	 
<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=8VifwuwE3CQ Tempo: 0:15</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=8VifwuwE3CQ Tempo: 0:20</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=s_BzmiV1CHE Tempo: 0:57</p>
<p>10. SABER <u>COMO</u> EU MESTRADO TERMINAR TRADUÇÃO</p>	<p>11. NÃO SEI <u>COMO</u> AGRADECER...</p>	
 	 	
<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=q5eaTd3uFfg Tempo: 01'14</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=CbdOXDcdZZU Tempo: 0'07''</p>	

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de variação de economia retratado na tabela acima, a primeira videoaula apresenta a realização do sinal executado com a mão atuante para cima, com a ponta dos dedos unidas³⁸.

Deve-se ainda mover a mão alternadamente, em pequenos círculos verticais para frente; já em relação à segunda mão, os movimentos podem ser diversos, como no primeiro item, onde a segunda mão está em 6, as duas mãos são atuantes e as duas com sinais diferentes, fazendo a reduplicação, ocorrendo ainda, em conjunto, com a expressão facial em intensidade.

O segundo item apresenta a segunda mão na horizontal e aberta, o terceiro tem segunda mão vertical em “A”, já a quarta imagem apresenta a segunda mão fechada na vertical, com o polegar distendido na altura do ombro direito. Na quinta imagem têm-se a segunda mão aberta, na vertical, para cima, com a palma para dentro e, na sexta imagem das videoaulas, a segunda mão apresenta-se na vertical em “N”.

Com relação aos vídeos do *youtube*, o primeiro apresenta as mãos direita e esquerda para cima, com as pontas dos dedos de cada mão unidos, movendo as mãos para cima e para baixo, alternadamente. Nas imagens 8, 9 e 10, as mãos atuantes estão para cima, com as pontas dos dedos de cada mão unidos e movendo-se para cima e para baixo e sem a segunda mão participante ativa, apenas referente, ocorrendo aqui a omissão. No último item tem-se a mão atuante para cima, com a ponta dos dedos unidas e a segunda mão na horizontal fechada, com o polegar distendido na altura do ombro direito. Nesse caso, as duas mãos são atuantes, com dois sinais diferentes, dessa forma, reduplicando, não só com a mão atuante, mas também com acréscimo de expressão facial e intensidade.

Assim, como discutido e demonstrado acima, o sinal “COMO” pode ser executado de diversas formas, com as duas mãos atuantes ou apenas uma atuante e outra participante, com dois morfemas, dois sinais diferentes com reduplicação e também pode ocorrer somente com uma mão atuante, em conjunto com a expressão facial em intensidade.

Diante do exposto, verifica-se que as características aqui levantadas são de variação linguística menos complexa: economia, pois, observa-se que em alguns casos há a redução da segunda mão e

³⁸ CM: 

ainda com a ideia de que o sinal se movimenta no espaço, pode-se aproveitar e usar dois sinais ao mesmo tempo em uma mesma sinalização.

Este fenômeno ocorre em vários exemplos da tabela acima, como é o caso da primeira imagem, onde uma mão sinalizou “ORAL” e a outra “COMO”, nesse caso, os dois sinais normalmente seriam feitos apenas pela mão atuante, separadamente. Na segunda imagem, sinalizou-se “ESTUDAR” e “COMO” com sinais paralelos, dois morfemas distintos, onde os itens léxicais continham primeiramente um sinal de cada vez e com o passar do tempo, usam-se combinações de sinais, que identificam a ideia inicialmente transportada, com dois sinais em apenas uma sinalização. Isto ocorre também no terceiro e sexto itens, quando “A” e “N” são sinalizados acompanhados da palavra “COMO” e também na quarta imagem quando a mão esquerda sinalizou “PRIMEIRO” enquanto a mão direita sinalizou “COMO”. Abaixo segue análise sobre a variação do termo “HOJE”, conforme a tabela:

Tabela 13 – Variação Querológica “HOJE”

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. LISTA 4 [BOIA] <u>HOJE</u> TIRAR 3 LISTA (1) ESTE F-O-N-E-T-I-C-A	2. SURDO NÃO SABER LER PARAR <u>HOJE</u> MOMENTO PARAR
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 19’43”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=eVmgdFWK3jg Tempo: 03’30”

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de sinalização retratado na tabela acima, a videoaula apresenta a realização do sinal “HOJE”, executado em composição com outro léxico, o número quatro.

Na execução verifica-se a presença de uma mão atuante aberta, voltada para cima, do lado direito do corpo, movendo-se ligeiramente para a esquerda e para direita e a mão esquerda incluindo o número 4,

sinalizou-se então o sinal “HOJE” e “LISTA-4-BOIA”, ocorrendo a omissão de uma mão para realizar o sinal “HOJE”, ambas retiradas de um sinal simétrico e ambas atuantes, apesar do movimento diferente.

A segunda figura apresenta as mãos abertas, com as palmas inclinadas para cima, uma de cada lado do corpo, movendo as mãos rapidamente e girando-as pelos pulsos para cima, ambas em simetria. Esta seria a execução mais usual e àquela que aparece no dicionário, do sinal “HOJE”.

Trata-se aqui de mais um tipo de variação linguística menos complexa: a economia, pois observa-se, no primeiro exemplo, que há a redução da mão esquerda, que foi aproveitada junto com a outra mão, realizando-se dois sinais, com dois significados, com as duas mãos, ao mesmo tempo, ocorrendo a reduplicação das sequenciais de boia anáfora e suspensão outros sinais.

Assim, na sinalização de “HOJE” ocorreu a economia da mão esquerda, a omissão desta. Foi encontrado o mesmo sinal nos vídeos do Youtube para comparação, bem como, há apenas uma referência da autora, como se verifica na segunda figura.

4.2.3 Mudança de Registro (Formal e Informal)

As variações estilísticas ou diafásicas são as que ocorrem de acordo as circunstâncias de comunicação que o indivíduo vivencia em determinado contexto, assim as variações podem ocorrer devido aos níveis de fala/registro, formal ou informal, de acordo com características ligadas a situação, como ambiente, tema, estado emocional, grau de intimidade e os receptores da mensagem.

A variação informal ocorre quando há uma despreocupação do sinalizante relativa ao uso das normas gramaticais e na formal há uma grande preocupação com normas gramaticais, utilização de vocabulário rico e diversificado.

Como a Libras é transmitida pelos ambientes formais, o que influencia sempre o uso padrão da língua, bem como pelos vídeos do Youtube, que são também um meio de transmissão da Libras, e pode ser considerado informal, esta pesquisa aborda a Libras formal e a informal, dependendo do contexto em que o sinalizante se encontra ou de acordo com a necessidade da fala, assim as variações estarão sempre presentes.


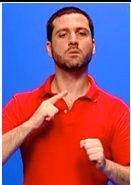

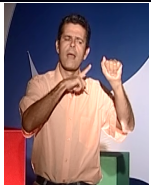




Nesta categoria observa-se o grau do (auto-)monitoramento, em produções com os mesmos indivíduos e identifica-se os dois estilos, o informal, onde o sinalizante está mais solto e relaxado, tomando um

caráter mais íntimo, dependendo do ambiente e o formal, onde antes se prepara o conteúdo a ser ministrado, mais elaborado e complexo de acordo com a regra padrão e escolhe-se as variedades lexicais. Pode ainda ocorrer uma mudança de parâmetros de estilos.

A seguir apresenta-se uma análise dos sinais com variação querológica, identificados com mudança de registro de acordo com os parâmetros. Foram encontrados 9 sinais considerados com variação com mudança de registro, são eles: TER, NÃO PODER, TRABALHAR, EVITAR, ENTENDER, PRATICAR, IMPORTANTE, QUE, SÓ.

Primeiramente apresenta-se o sinal “TER” que mostra diversas mudanças de registro, conforme a tabela abaixo:

Tabela 14 – Variação Querológica “TER”

VIDEOAULA			
<p>1. D-I-A-L-E-T-O E ESTE [BOIA LETRA O] <u>TER</u> NÃO PODER</p>	<p>2. SÓ NÃO <u>TER</u> MAIS PODER <u>TER</u> RESPIRAR</p>	<p>3. F-O-N-O-L-O-G-I-A ESTE(DEIXIS) e índice outro lugar <u>TER</u> EXPLICA</p>	<p>4. F-O-N-O-L-O-G-I-A ESTE(DEIXIS) A <u>TER</u> SEPARAR PESQUISA</p>
			
			
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 15'17”</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 18'50”</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 00'33”</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 46'04”</p>
YOUTUBE			
<p>5. SÓ SENTE <u>TER</u> PINGUIM TER LÁ</p>	<p>6. EL@ ME PERGUNTAR (NÃO TEM CERTEZA:)</p>	<p>7. PENSAR BRASILIA <u>TER</u></p>	

TODOS PINGUIM VÃO...	SUBSTATIVO) <u>TER</u> LETRA...	BILÍNGUE
		
<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_0BFJgyHVIE Tempo: 2'54''</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxxk Tempo: 1'24''</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=CbdOXDcdZZU Tempo: 02'11''</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Na apresentação das variações acima verifica-se que os sinalizantes alteraram o ponto de articulação ou a locação dos sinais nos materiais analisados (videoaulas e vídeos do Youtube) e todos mostram processos de significados próprios e adequados para facilitar a compreensão de cada um, dependendo do contexto em que se apresentam.

A sinalização do verbo “TER” foi executada com mudança na localização em cima e de forma lateral. Em alguns exemplos a realização do sinal foi executada com a mão atuante na CM em “L” e a outra mão na CM em “A”.

Na execução desse sinal verifica-se que o mesmo pode ser feito com as duas mãos atuantes, atuante boia ou com dois morfemas, com a reduplicação ou só uma mão atuante.

Observa-se ainda que houve pouca mudança na locação do sinal (ponto de articulação no peito direito e esquerdo), no coração, no pescoço e com a mesma configuração de mão. Na prática, em alguns casos o sinal se inicia amplo, disperso, sem se perceber onde está o ponto de articulação e a velocidade empregada na realização, enquanto o sujeito narra diferentes frases, por exemplo, dependendo do contexto, o que ocorre principalmente com o verbo “TER”, ora estudado.

Diante do exposto, têm-se que as características aqui apresentadas configuram-se como variação linguística de mudança de registro, ora formal, ora informal.

Na seguinte tabela apresenta-se uma análise sobre a variação querológica do sinal “NÃO PODER”:

Tabela 15– Variação Querológica “NÃO PODER”

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. JUNTO SEMPRE <u>NÃO PODE</u> “C” “V” SEPARAR NÃO PODE..</p>	<p>2. DEIXA ASSIM <u>NÃO PODE</u> COMPARAR OUTRO <u>NÃO PODE</u> SISTEMA</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 47’37” Outra exemplos: 49’53”, 51’15” 2 Edição Tempo: 09’06”</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY Tempo: 3’25”</p>

Fonte: Elaborado pela autora

No processo retratado na tabela acima os sinalizantes alteraram a configuração de mãos na realização do sinal. Os registros em língua de sinais dos materiais analisados (videoaulas e vídeos do Youtube) apresentaram variação. A sinalização de “NÃO PODER” foi executada com mudança na configuração de mão, ou seja, mão aberta com saliência no polegar, que reincidiu no nível formal e informal, o sinal “NÃO PODER” aqui é executado diferentemente do sinal que é tido como padrão, conforme alguns manuais e dicionários de língua de sinais. O sinal em questão teve uma incidência do dedo polegar solto, formando uma configuração de mão da seguinte maneira³⁹. O sinal que

³⁹ CM:



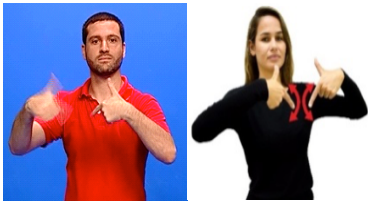
é apresentado como formal, ou que compõe os dicionários de língua de sinais, segue a CM⁴⁰.

Assim, têm-se que a variação linguística aqui apresentada é a de mudança de registro do formal para o registro informal, ao sinalizar “NÃO PODER” têm-se duas palavras em português e apenas um sinal correspondente em Libras, apresentado com expressão facial, de maneira mais informal.

O sinalizante, dependendo da expressão facial, em caso negativo, por exemplo, só muda a CM com o polegar aberto, a motivação variante do sinal pode ser identificada pelo fato de serem realizados da mesma maneira em ambos materiais analisados, nas videoaulas e nos vídeos do Youtube, pois o sinalizante realiza o sinal alterando a querética da configuração de mão, feita relaxadamente.

Na tabela a seguir, apresenta-se a variação na execução do sinal “TRABALHAR”:

Tabela 15 – Variação Querológica “TRABALHAR”

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. SE EL@ IR <u>TRABALHAR</u> VAGA_EMPREGO ENTREVISTA VAI BATE PAPO IGUAL ANTES ASSIM..	2. MORAR AQUI PRONTO <u>TRABALHAR</u> PARA QUE INTERIORES SÃO PAULO
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 11’59”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=q5eaTd3uFfg Tempo: 01’23”

Fonte: Elaborado pela autora.

Na análise da variação do sinal “TRABALHAR”, o sinalizante executou alteração da locação ou do ponto de articulação, entretanto,

⁴⁰ CM:



manteve a CM em “L”(duas mãos). Na primeira figura aparece a orientação das palmas para o alto, em altura maior, próximo ao rosto; na segunda figura é executado de maneira que fica clara a mudança de registro, é realizado mais baixo, em frente ao corpo, sem alternância das mãos e com apenas uma execução do movimento (padrão: duas).

Desta forma, a variação linguística é a de mudança de registro e o idioleto, envolvendo o processo de alteração de locação ou ponto de articulação e orientação, associado à produção do sinal mais tenso, com uma postura mais formal, mostrando esse sinalizante para frente, sem alterar os parâmetros, como é o caso da segunda figura. Em outros momentos do mesmo vídeo, esse significado é de “força de trabalho”, quando se levanta o braço na altura do peito, bem como o significado de “TRABALHAR”, com a mudança de querética.

Abaixo apresenta-se a variação do sinal “EVITAR”:

Tabela 16 – Variação Querológica “EVITAR”

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. COMO ORGANIZAÇÃO DEIXAR ASSIM ERRADO EVITAR...	2. “Y”(boia enquanto) QUE, IDEIA e BEBE, APROVEITAR, EVITAR...
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 11’49” 2 Edição Tempo: 10’04”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2J8EoIF1UHM Tempo: 02’08”

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de variação retratado na tabela acima alterou-se a locação e/ou ponto de articulação, a realização do sinal foi executada com a mesma CM em “Y”, com a mão e o pulso para frente, virando a palma para frente, com a mudança do polegar tocando o lado direito do queixo, ocorrendo na videoaula, uma sinalização informal, onde é executado de maneira menos complexa, com localização mais baixa na lateral do queixo.

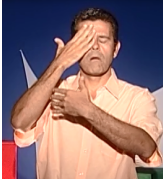






No vídeo do Youtube, com a CM em “Y”, a mesma executada na videoaula e com a mudança do polegar tocando o lado direito da




testa, em altura maior, trata-se da execução padrão desse sinal. Entretanto foram encontrados outros vídeos no Youtube, em que se utilizou a situação formal e a informal.

A característica aqui analisada é que se trata de variação linguística com a mudança de registro, ocorrendo variação de mudança querética, de locação e ou ponto articulação, sendo a execução mais relaxada, com expressão facial de mais atenção, afirmativa, a mais utilizada, por ser mais fácil de ser realizada (mão direita em um arco, para baixo e para a esquerda, batendo o dorso da mão na palma esquerda durante o movimento), por não precisar levantar o braço até a testa.

Na próxima tabela apresenta-se o sinal “ENTENDER”:

Tabela 17 – Variação Querológica “ENTENDER”

VIDEOAULA		
<p>1. REGRA F-O-N-O-L-O-G-I-C-A ESTE BOA ME AJUDAR <u>ENTENDER</u> CLARO LIBRAS..</p>	<p>2. LIBRAS TEM REGRA ORDEM <u>ENTENDER</u> MELHOR..</p>	
		
	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 1º12’26”</p>	<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 1º12’32” 2 Edição 01º08’51”</p>
YOUTUBE		
<p>3. <u>ENTENDER</u> BOM CONVENCIONAL COMBINAR OBRIGAR..</p>	<p>4. PESSOA(boia) ME CONHECER E OUTRO PESSOA(boia) AH <u>ENTENDER</u> LEGAL OBRIGADA...</p>	<p>5. IMPORTANTE NÃO MAIS IMPORTANTE QUE CÉREBRO <u>ENTENDER</u> EXEMPLO LETRAS</p>
		

		
Fonte: https://www.facebook.com/nelson.pimenta.5/videos/1229785640384710/ Tempo: 01'37"	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=xmOnY1B2jEI Tempo: 01'13"	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=18AEFhBQE7A Tempo: 01'26"

Fonte: Elaborado pela autora.

Na apresentação das variações do sinal “ENTENDER” acima, verifica-se que os sinalizantes alteraram a locação e/ou o ponto articulação na realização do sinal. Na primeira figura manteve-se a CM vertical, aberta, tocando o lado da testa. A segunda figura apresenta o sinal de duplicação, ao utilizar duas mãos tocando cada lado da testa, mostrando um grau maior de intensidade.

O registro de materiais analisados do Youtube, também apresenta variação na terceira figura, onde o sinal é executado com a CM vertical, aberta, tocando o lado direito da bochecha.

Já a quarta figura apresenta o sinal tocando o lado direito da bochecha com dois morfemas sendo feitos ao mesmo tempo.

A quinta e última, apresenta a CM vertical, aberta, tocando o lado da testa, com a mão participante na altura da boca.



Na descrição dos sinais verifica-se que a realização do sinal foi executada em altura maior, próximo à testa e posteriormente executado de maneira diferente com mudança de registro, ou seja, mais baixo na lateral do queixo. Além da variação com a duplicação, há variação do grau de intensidade e a economia na articulação.

Desta forma, entende-se que a variação linguística apresentada para o sinal “ENTENDER” seja a da variação de mudança de registro, que ora se apresenta formal e ora informal, conforme constatado nos materiais analisados.

Toda essa variação pode ocorrer de forma natural pelo fato dos sujeitos preferirem realizar o sinal de outra forma, por achar fácil, às vezes com velocidade rápida ou lenta, com tensão do movimento ou não, dependendo da situação em que o sinalizante se encontra.

Na seguinte tabela apresenta-se uma análise sobre a variação querológica da execução do sinal “PRATICAR”:

Tabela 18 – Variação Querológica “PRATICAR”

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. VOCE PRECISA <u>PRATICAR</u> VAI ESTUDAR ATIVIDADE...	2. LIBRAS OFERTA <u>PRATICAR, PRATICAR</u> PRATICAR VISUAL...
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 01°13'01”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U Tempo: 00'47”

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de variação retratado na tabela acima, alterou-se a locação e/ou ponto articulação na execução do sinal “PRATICAR”. Na primeira figura sinalizou-se a mesma CM, com a mão vertical, aberta, tocando o antebraço esquerdo, com um pouco de movimento ao longo do braço; na segunda imagem o sinalizante aparece tocando o dorso da mão esquerda com um movimento curto.

O sinalizante, na primeira figura, quer dar um significado de um movimento mais longo no tempo e assim cada pessoa produz variantes com características estilísticas próprias, executando uma sinalização mais fácil, em menos tempo e mais rápida, dependendo da perspectiva linguística cognitiva de cada sujeito.

Assim, têm-se na descrição das variações que o sinal “PRATICAR” era executado em altura maior (ombro) e posteriormente executado de maneira menos complexa (baixo, na lateral da mão).

Ocorre que a sinalização tocando o antebraço com movimento longo, pode ser aproveitada para a organização do pensamento, na preparação das ideias que estão por vir, produzindo um efeito estético e literário próprio e adequado para cada sujeito e situação, existindo portanto um número ilimitado de semelhanças desse item lexical, derivadas do padrão.



Deve, portanto, a variação ser considerada também importante para produções lexicais de sinalização cotidiana, que facilitam o

entendimento da Libras.

Diante disso, a variação linguística analisada é mais uma vez a da variação de mudança de registro formal ou informal.

Na próxima tabela apresenta-se a variação querológica do sinal “IMPORTANTE”:

Tabela 19 – Variação Querológica “IMPORTANTE”

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. COMO SENTE COMUNICAÇÃO SEM MÃO ROSTO PRONTO COMUNICAÇÃO DELICIA(expressão facial DELICIA) e OUTRO PESSOA SIM (expressão facial SIM) SENTE PRONTO IMPORTANTE EXPRESSÃO FACIAL</p>	<p>2. MENTE IMPORTANTE(duas mãos) SÓ ENTENDER</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 01’07’59” Outra exemplos: 19’19”, 19’51”, 38’55”, 01’03’51”</p>	<p>Fonte: https://www.facebook.com/nelson.pimenta.5/videos/1229785640384710/ Tempo: 01’35”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

No estudo das variações do sinal “IMPORTANTE”, na tabela acima, verifica-se a alteração da locação ou do ponto de articulação na execução do sinal em questão, existe ainda uma mudança na configuração de mão, na orientação e também no número de mãos.

Na primeira figura observa-se a palma da mão virada para frente e para fora, fazendo círculos horizontais para baixo, do lado direito do peito, este sinal, antes era feito com a mão e a palma da mão virada para dentro.

Na segunda figura verifica-se duas mãos para fora fazendo círculos horizontais, abaixo e ao lado da cabeça, neste caso, ocorrendo a reduplicação do sinal.

A realização do sinal com a mudança registro é executada com

a palma virada para frente, com alteração de orientação de palma e as duas mãos em simetria, com reduplicação. A mudança de variação com o acréscimo da mão ocorre para dar intensidade ao mesmo significado e com a expressão facial normal em intensidade, no entanto, também pode ser executada com uma única mão e com menos intensidade.

Nota-se que o sinal “IMPORTANTE” tem alteração na sua localização (estando frente ao tronco ou mais para cima, próximo à cabeça). No vídeo do Youtube foi observada a reduplicação do sinal.

Assim a variação linguística aqui apresentada é a de mudança de registro, conforme os exemplos analisados, não mostrando uma diferença muito drástica do sinal original. Cada variante tem uma reprodução bem parecida ao léxico inovado. Conforme declarou Chiavegatto (2009, p. 80):

[...]abstração na análise linguística: estabelece-se a distinção entre competência e desempenho; propõe-se a abstração de fatores ligados ao desempenho linguístico dos usuários, em prol de estudos sobre a competência linguística de um falante-ouvinte ideal, constructo teórico que permitiria descobrir a forma geradora das estruturas linguísticas de modo autônomo, sem interferência de aspectos pessoais, sociais, culturais ou de qualquer outra natureza. (CHIAVEGATTO, 2009, p. 80).

Na tabela seguinte apresenta-se uma análise sobre a execução do sinal “QUE” e todas as suas respectivas variações, conforme verifica-se abaixo:

Tabela 20 – Variação Querológica “QUE”- Nelson Pimenta

VIDEOAULA		YOUTUBE	
1. VEM ESTUDAR <u>QUE</u> ESTUDAR FONÉTICA	2. DIFERENTE <u>QUE</u> ENTÃO	3. AVISAR <u>QUE</u> (duas mãos) É CURSO	4. NUNCA ENTÃO <u>QUE</u> MAIS IMPORTANTE UNIÃO

			
			
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 00'25''	Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 40'59''	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U Tempo: 00'12''	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY Tempo: 06'22''

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os exemplos mencionados acima são de variação linguística mudança de Registro (Formal e Informal). Na tabela 21 segue os exemplos desse tipo de variação apresentado pelo tradutor-ator Rimar Segala:

Tabela 21 – Variação Querológica “QUE”- Rimar Segala

VIDEOAULA	YOUTUBE	
5. FONÉTICA E FONOLOGIA (ESTE BOIA) QUE ESTE (CONTINUAR BOIA) CATEGORIA	6. FIM FORMADA SINAL QUE PARAR NÃO É CONTRARIO..	7. SIGINIFICADO QUE PORTUGUES PALAVRA (descrição significado participante ficar enquanto até que português palavra)
		

Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 13'06''	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=nDsr0qaL_H0 Tempo: 01'08''	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=nDsr0qaL_H0 Tempo: 01'31''
--	---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de variação retratado na tabela acima, constata-se a alteração do movimento do sinal ora estudado.

A primeira e quarta figuras apresentam sinalização com a mesma CM, mão na vertical, fechada, dedos indicador e polegar distendidos e unidos pelas pontas. Na figura 1 a palavra sinalizada anteriormente era ESTUDAR, ficando só uma mão atuante e continuando com o outro sinal QUE, nesse caso, utilizou-se apenas uma mão, dado o contexto.

Pode ainda haver mudança na articulação das produções linguísticas dos sujeitos sinalizantes, pois é comum também que o sinal sofra modificações, dependendo da palavra e do sinal que será o subsequente em sua frase.

A segunda e terceira figuras apresentam o sinal com duplicação, utilizando as duas mãos, na vertical, fechadas, dedos indicador e polegar distendidos e unidos pelas pontas.

Além disso, a duplicação de uma das mãos para um determinado sinal, tipicamente realizado com apenas uma das mãos significa, como mencionado, um recurso para expressão de intensidade. Assim é comum verificar também que aumenta o grau de força empregada na mão durante a sinalização.

Assim, realização da variação linguística do sinal “QUE” com a mudança de registro é executada com a mão atuante com outra CM⁴¹.

Juntamente com a mão participante, pode ainda ocorrer com as duas mãos atuantes, adicionando as duas mãos em simetria, atuante e boia, reduplicação e no alto, retratando intensidade. No entanto, pode ser realizada somente com uma das mãos e com menos intensidade.

Ocorre ainda a variação da mudança de registro na manutenção

⁴¹ CM:





da oração anterior, conforme o exemplo da figura 5, onde a palavra anterior era F-O-N-O-L-O-G-I-A, ficando a letra A sinalizada, enquanto se sinaliza o sinal de “QUE”, mantendo-se assim o referente para a continuidade da sua sinalização.

Nas figuras 6 e 7 há a mudança na variação com a duplicação do número de articuladores manuais, sendo mais intensa, mais forte, dependendo da produção do contexto.

Observou-se nas videoaulas e nos vídeos do Youtube que o sinal de “QUE” sofre duplicação, além disso, pode se empregar diversos movimentos corporais e expressões faciais diferentes para intensificar e dar um determinado sentido.

Segue abaixo a variação na execução do sinal “SÓ”:

Tabela 22 – Variação Querológica “SÓ”

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. S-O-M [boia] este SÓ não tem mais poder	2. ACOSTUMAR QUALQUER LUGAR SOZINHO SEPARAR SOZINHO SENTIR
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 2 Edição Tempo: 18’48”	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_0BFJgyHVie Tempo: 02’51”

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao estudar a variação na execução do sinal “SÓ”, retratado na tabela acima, verifica-se a alteração do sinal com a reduplicação (uso das duas mãos). Assim, nos dois exemplos apresentados há duplicação.

Na primeira figura, o sinal é feito com as duas mãos verticais, com a ponta do polegar tocando a unha do dedo médio. Usa-se as mãos duplicando a configuração de mãos, com alteração de tamanho na sua produção e diminuindo sua forma, no caso da não duplicação de mãos. Pode expandir ou diminuir sua forma, realizando o acréscimo de mãos, sendo este um recurso para a expressão de intensidade.

A produção do grau de intensidade atua de diversas formas na composição da língua e assume um sentido junto ao sinal realizado, podendo ela intensificar ou amenizar o sentido do sinal. A segunda

figura apresenta mãos duplicadas em CM, sinalizando o mesmo sinal, SÓ, entretanto, este sinal também pode significar “SOZINHO”, neste caso, ocorrendo a reduplicação das mãos, pode-se articular outros parâmetros, que permitem outros significados, sinônimos, do ponto de vista estilístico, para uma melhor compreensão.

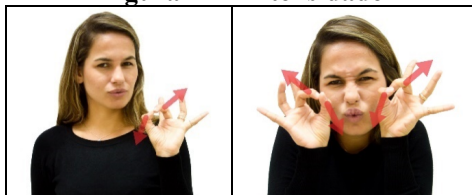
Assim, a realização do sinal é executada com as duas mãos em simetria, reduplicadas e no alto, com expressão facial para verificar a intensidade, outras expressões faciais também podem ser usadas.

Desta forma, a variação linguística aqui apresentada é a de mudança de registro e de intensidade.

A partir dos dados, foi observado nas videoaulas que o sinal de SÓ é realizado com a duplicação de uma das mãos, embora a maioria dos padrões indiquem esse sinal com apenas uma CM, o uso do sinal articulando-se com o acréscimo de uma mão é comum.

A expressão facial também pode variar muito podendo ser intensificada de forma mais expressiva ou mais amena, dependendo do contexto, se esse SÓ é no sentido diminutivo ou SÓ no sentido de decepção, entre outros. Exemplo:

Figura 22 – Intensidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Na categoria da mudança de registro existem sinais variantes e pode ocorrer mudança de registro da parte dos parâmetros linguísticos, mudanças de configuração de mão, ponto de articulação ou locação, orientação, diferentes movimentos ou sem movimento, expressão facial, corporal, acréscimo de mão para dar intensidade e duplicação, de forma icônica, ou com influência, com movimentos mais fortes ou mais leves, onde cada tradução é diferente, de acordo com as pessoas. Em alguns casos a realização dos sinais é mais demorada, às vezes é mais curta, o que também altera o movimento.

Na variação querológica, na realização da mudança de registro, a intensidade e a mudança de querética das unidades mínimas de parâmetros são variações que podem produzir variantes livres lexicais. A mudança de registro pode ocorrer no nível lexical, com a

reduplicação de uma das mãos, também com o grau de intensidade, com a expressão facial e corporal, como, por exemplo, no sinal de AVISAR, onde a mudança na configuração de mão, pode acarretar em outro significado.

Como se pode observar, há variantes queréticas/querológicas, sobre as quais a pesquisa da língua por meio dos tipos de variação, se faz necessária, bem como, a classificação dos tipos de variação aliadas à sociolinguística e à variação da tradução, aos estudos de querologia, como é o caso das variantes formal e informal.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Com a intenção de proporcionar uma melhor compreensão dos critérios de análise desta pesquisa, foram apresentados, em diversos quadros, sinais em que foi possível perceber a existência de diferenças nas suas formas de execução, tendo por base os registros organizados no corpus, que foram expandidos pelos atores/tradutores, selecionados para esta pesquisa.

Como a língua nasce com cada povo e a sociedade é a expressão da língua natural, cada descoberta de novas línguas, novas comunidades sinalizantes, cada uma com suas variantes específicas, deve ser respeitada. Com o aumento da tecnologia de comunicação e gravação em vídeo, essas línguas se tornaram públicas, bem como seus materiais de registro, como é o caso da Libras, com seus dicionários e vídeos públicos.

Entretanto, os sinais registrados pelos dicionários, materiais públicos e ilustrados, são rotulados, possuem apenas um registro formal da língua. Não são consideradas as expressões variantes e o contexto em que as palavras são expressas. Servem para ajudar nos sinais cuja realização difere do sinal registrado no próprio dicionário, diferentemente das expressões naturais da língua, trata apenas de algumas variantes específicas.

Assim, foram utilizados termos específicos do dicionário em Libras para traçar a estratégia adotada para identificar os sinais que serviriam de comparação, selecionando-se os mesmos termos presentes nas videoaulas da UFSC e nos vídeos do Youtube, onde são consideradas e analisadas suas variantes.

Desta forma, as diferentes realizações querológicas, selecionadas para esta análise, têm como critério de escolha, o fato comum de se manifestarem de modo diverso daquele descrito pelo dicionário, visto que este registra o sinal fora de contexto e com apenas uma variante específica, trata-se de um registro base e, muitas vezes, artificial da língua.

Existem também dicionários que não abrangem todas as regras de gramática da Libras, toda a sua norma-padrão, o que dificulta ainda mais o seu entendimento e popularização.

Esta pesquisa inova ao trazer a comparação entre o sinal do dicionário e figuras com variantes sinal, usadas nos vídeos selecionados, que remetem ao uso cotidiano e, portanto, variável da língua, o que estimula o questionamento e a reflexão acerca da matéria, por parte dos usuários ativos da língua e desperta a curiosidade dos que

não tem muito contato com ela.

Estes sinais que diferem do sinal “raiz” nos exemplos são oriundos da realidade do sujeito, de processos históricos, sociais e culturais, por isso a existência de tantas variantes, diversas como a sociedade em que estão inseridos e com a naturalidade da expansão do fenômeno linguístico. A variação social está associada à comunidade onde a pessoa vive, classe social, etc.

Acima de cada quadro identificou-se o motivo que levou à diferença de realização do sinal em relação ao sinal “raiz”, no caso desta pesquisa: a variação querológica. Estes sinais representam o modo de falar com uma variedade alimentada todos os dias, pela influência da sociedade, como qualquer língua padrão, onde se aprende o “certo” e o “errado”, no dia a dia. Especialmente porque os sujeitos ora estudados são professores que primam pela compreensão de suas aulas e se esforçam para que o entendimento tenha o maior alcance possível, sendo em cada caso, consideradas as influências pessoais e variações linguísticas particulares, decorrentes de suas vivências.

Os instrumentos impressos como o dicionário, o livro e a revista são meios tradicionais para o ensino e a educação no ambiente formal, bem como a gramática, com as regras da norma-padrão. Da mesma, a Libras, em um ambiente formal, também será pronunciada de maneira mais formal, com uma maior influência das regras padrão. O não entendimento da mensagem passada pode depender do nível de conhecimento do locutor com relação à comunidade e cultura surda, visto que é preciso usar com naturalidade as regras básicas, conseguindo uma boa interação, para um correto entendimento.

Entende-se que as variantes não são formas pejorativas da língua, pelo contrário, as variantes são nuances, fenômenos diferentes da língua, que a valorizam. É uma ligação que existe entre a língua e sua realidade, a variedade dos falantes, usuários da Libras.

O sinal COMO, por exemplo, é normalmente realizado com as duas mãos, porém em seu contexto social e usual é comum verificar que sinalizantes utilizam apenas uma mão para realizá-lo. Isso também dependerá do contexto ao qual o sinal está sendo empregado. Isso ocorre também com o sinal PODER. Verifica-se então, que em sinais cujas duas configurações de mão são idênticas e o movimento é o mesmo, ou seja, sinais simétricos, é possível haver a retirada de uma das mãos sem prejuízos de entendimento ao interlocutor.

Em sinais não simétricos isso também pode ocorrer, como no sinal AJUDAR com a retirada da mão auxiliar é possível manter apenas uma CM e o M do sinal, pois no contexto, o interlocutor consegue

inferir o sentido daquele “meio” sinal. Esses fonemas que são ocultados na sinalização não alteram o sentido da palavra, isso é possível em língua de sinais. Já nas línguas orais a retirada de um fonema pode alterar não só a estrutura da palavra como também o sentido da mesma.

Nas videoaulas, do curso de Letras Libras, analisadas nessa pesquisa, o profissional tradutor intérprete possui uma forma de sinalização própria, cujos sinais alteram sua performance, mas não seu significado, embora isso possa ocorrer, em determinados casos. É notório que o sinal TRABALHAR, empregado pelo tradutor, de acordo com os exemplos dados, tem uma diferença em sua execução (em sua “pronúncia”), o sinal é mais relaxado, com movimentos mais amenos, além da CM estar mais declinada. Uma análise a ser feita é se o sinal empregado é formal, se a forma como é executado o sinal tem influência do cotidiano, idioleto ou influência do ambiente de filmagem.

Foram encontrados nas videoaulas e nos vídeos do Youtube algumas semelhanças, além disso, no que concerne a formalidade da Libras, ambos os materiais estudados apresentaram aspectos linguísticos que apontam para as duas formas de sinalização.

A atenção foi voltada para captar as variações linguísticas dos vídeos estudados e comparar suas semelhanças. Assim, nos sinais analisados foram encontradas ocorrências significativas no plano da variedade linguística, alguns sinais das videoaulas (com ambiente de produção mais formal) foram realizados de forma muito diferente dos vídeos do Youtube (com realização de produção mais informal), ambos feitos com o uso correto da chamada gramática da língua e com falantes ativos da língua.

Dependendo do tipo de produção, verificou-se a ocorrência de variação de maneira mais formal ou mais informal, produções de acordo com o idioleto de cada um e ainda com algumas diferenças menos complexas.

No resultado da análise dos dados, na variação querética/querológica, foram apresentadas as variedades socioculturais ou variação social (diatráticas) e as variedades estilísticas ou variação situacional (diafásicas), que pode ser formal ou informal.

Na análise quantitativa, ao quantificar os sinais dos vídeos analisados, descobriu-se muitos sinais variantes com o mesmo significado, com diferentes variações querológicas, onde o mesmo tradutor realiza sinais com o mesmo significado e diferentes parâmetros.

Veja abaixo a tabela da quantidade de variação querológica selecionada do ator-tradutor Nelson Pimenta:

Quadro 17 – Quantidade de Nelson Pimenta

Coletados de sinais	Tipos de variação querológica	Tempo
PORQUE	Idioleto	09:06
ESTUDAR	Idioleto	00:25
EXEMPLO- 4	Idioleto	47:48/01:06:37/16:22/10:08
OLHAR	Idioleto	47:49
EXPLICAR	Menos complexa	00:36
COMO -4	Menos complexa	40:57/23:05 ou 23:11 ou 23:45/ 37:32/ 37:44
HOJE	Menos complexa	15:47
TER- 3	Mudança de registro	09:04/00?31/46:03
NÃO PODE	Mudança de registro	47:37
EVITAR	Mudança de registro	10:02
ENTENDER-2	Mudança de registro	1:12:26/1:12:32
PRATICAR	Mudança de registro	01:13:01
IMPORTANTE	Mudança de registro	01:06:59
QUE- 2	Mudança de registro	00:25/38:19

Fonte: Elaborado pela autora.

Agora segue a quantidade de variação querológica do ator-tradutor Rimar Segala:

Quadro 18 – Quantidade de Rimar Segala

Coletados de sinais	Tipos de variação querológica	Tempo
EXPLICAR- 2	Menos complexa	34:30/18:06
COLOCAR	Menos complexa	34:37
PODE	Menos complexa	48:26
OBRIGATORIO	Menos complexa	55:40
PRECISA- 2	Menos complexa	55:55/55:33
COMO- 2	Menos complexa	18:14/33:58
TER	Mudança do registro	18:50
TRABALHAR	Mudança do registro	11:58
QUE	Mudança do registro	13:05
SÓ	Mudança do registro	00:18:48

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, percebemos que há uma distribuição dos tipos de variação inter-sujeito diferente. A variação idioletoal não ocorreu no segundo

sujeito que, ao contrário do primeiro, por sua vez, teve mais uso da variação que reduz a complexidade da estrutura querológica.

Ao analisar os idioletos, observou-se que o mesmo sinal é feito com diferentes variantes para facilitar a compreensão. Na variação econômica e na variação de registro informal e formal têm-se quantidades de sinais com omissão de uma das mãos, duplicação de mão, mudanças de configuração de mão, de movimento, de locação, orientação e expressão facial, uma expressiva constatação da variação existente na realização dos sinais.

Na abordagem de análise qualitativa desses sinais com variação querológica verificou-se a possibilidade de variação dos sinais, também de acordo com as experiências individuais do sujeito e o ponto de vista subjetivo de cada um deles, considerando as variantes.

Assim, em um estudo mais profundo e detalhado dos tipos de variação, considerando as condições, social e cultural, diversas, não se pode esquecer do alcance da compreensão nas situações de variação, sendo esta também, uma importante amostra para o universo de estudos acerca da variação querológica em Libras. Diferentemente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram explícita a produção de variantes intermediárias.

Na análise descritiva, fez-se a descrição e a demonstração da forma de realização dos sinais escolhidos, bem como a descrição dos elementos querêmicos de cada um deles e das características dos parâmetros, considerando o tipo de variedade analisada em cada caso, que são divididos em categorias de variação linguística.

A existência de mudanças na língua usada pelos indivíduos se dá pela transformação da realidade de cada grupo social, onde ocorrem as variações linguísticas.

A variação pode acontecer também de maneira inconsciente pelo tradutor/intérprete, ou consciente, como forma de melhorar o entendimento, a clareza das ideias da mensagem, com relatos variantes mais informais, para despertar interesse dos alunos, por exemplo.

Na variedade da mudança lexical, semântica da economia, a pronúncia lexical não precisa estar correta, pode ser sinalizada naturalmente, reduzindo algum item da querética, da mesma forma quando se retira uma das mãos e o sinal, que continua com o mesmo sentido.

Assim, verificam-se as variações linguísticas em Libras como variações querológicas, título muito importante que reconhece as variedades da Libras, como forma de expressão cultural, natural, com características individuais da comunidade.

Observou-se que as variações acontecem no plano individual e coletivo, a partir da experiência e vivência que aquele tradutor/intérprete vive em sua comunidade linguística; observou-se também as mudanças linguísticas de alguns sinais já cunhados.

A redução de alguns sinais também foi verificada nesse processo, sinais compostos de três itens lexicais, por exemplo, sofriam alterações e eram sinalizados com apenas dois, ou apenas um para representar determinado sintagma nominal. O uso de apenas uma mão para sinalizar um sinal que é bimanual, também foi uma ocorrência observada nos vídeos analisados; assim como a reduplicação que é verificada com frequência.

Nos dezoito vídeos analisados nessa pesquisa (2 videoaulas e 16 vídeos do Youtube, dos mesmos sinalizantes), algumas formas de sinalização e variação dessa sinalização foram correspondentes em ambas categorias de vídeos estudados e com o recorte lexical, foi possível observar também quais as alterações sofridas na composição de um dado sinal, tendo como principal expoente dessas modificações o próprio contexto da mensagem.

Sendo assim, essa pesquisa contribui para que se possa verificar as possíveis variações e mudanças linguísticas que ocorrem na Libras. Mudanças linguísticas podem ter um processo cíclico de alternância de um dado sinal, podendo esse assumir um uso maior entre os tradutores/intérpretes ou ser substituído por um sinal mais novo, embora como dito, é possível essa alternância no uso dos sinais, sendo o neologismo também um fato recorrente nas línguas de sinais, como por exemplo, o sinal ALUNO, que antes era representado pelos sinais PESSOA+ESTUDAR, e hoje possui um sinal próprio, que é realizado no braço, próximo ao ombro, com a configuração de mão em A.

Na verificação das alterações nas CMs, a mesma CM sofre modificações na sua estrutura, o parâmetro Movimento (M) tem variação significativa na sua produção, assim como as expressões faciais têm valor gramatical, devendo este ser um aspecto minuciosamente estudado dentro do campo da variação.

Procedendo de toda a análise registrada neste trabalho, observa-se a importância da construção de um registro das variações em Língua de Sinais, aproveitando o conhecimento das variações regional, social, histórica, geográfica, situacional, pois quando analisados os dicionários gráficos que já são disponibilizados para os usuários da língua, é possível observar o intuito de padronizar a Língua de Sinais, porém como já exemplificado e estudado nos capítulos anteriores seria um erro deixar de fora as variações que a língua sofre em seus âmbitos regionais

na qual ela é empregada.

Dentro dessas categorias verificam-se variações que são realizadas pelo emissor, sendo linguísticas ou lexicais. As duas possuem relação, mas operam com características diferentes.

A variação querética sempre estará voltada ao léxico da língua, por exemplo, a CM em “N” pode aparecer com variação, sem alteração de sentido, podendo ser executada das seguintes formas:

Figura 23 – CM em “N”



Fonte: Elaborado pela autora.

Essas mudanças não alteram necessariamente o sentido do item lexical. Notando que essa CM representa também uma letra do alfabeto manual. Sendo assim, a variação também tem reflexos durante a soletração ou datilologia. No idioleto, a variação ocorre mais na mão atuante, embora dependendo da necessidade referencial, ela possa alternar; essas são inerentes ao indivíduo e sua forma peculiar de sinalizar.

Por isso, como o parâmetro é apenas um modelo querológico, não respeita as variações utilizadas dentro dos grupos que compõem a comunidade surda, é importante salientar que por um lado a padronização de uma língua se torna importante para a comunicação entre os seus usuários, porém tomar uma única forma como correta é um equívoco, pois o regionalismo, por exemplo, está muito presente em todas as línguas. Saber lidar com essa particularidade se torna importante e por outro lado, a variação querológica não pode ser considerada como desvio ou erro, pelo contrário, faz parte da riqueza e expressividade da língua.

Mudanças diacrônicas não são bruscas, ocorrem em transições lentas, com o passar do tempo e com estágios de mudança. A língua de sinais tem seu processo de mudança querética, nas suas produções e formas de enunciações, isso ocorre de forma natural, em um processo de circulação de sinais, não misturados e acontece individualmente, como expressão do ser natural. Mesmo assim, a presente análise não se manifesta a respeito das variações encontradas serem parte de uma eventual mudança diacrônica, mas apenas constata e descreve a variação encontrada.

A circulação de vídeos, em língua de sinais, de outros países, na mídia e nas redes sociais também influencia na idiossincrasia e na produção dos sinais. E principalmente na troca de sinais nos contextos regionais, graças às tecnologias que permitem maior comunicação e aproximação com os pares sinalizantes.

As variações em língua de sinais são ricas e o processo de captação desse fenômeno linguístico ainda está no início com relativamente poucos estudos, já que há escassez de materiais de registro linguístico que possam subsidiar análises das mudanças e variações linguísticas. Hoje a Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras tem desempenhado papel importante na catalogação de matérias em Libras que mantém um acervo rico de produções realizadas por pesquisadores sinalizantes. O processo de variação linguística também está associado ao contexto de sinalização do tradutor/intérprete, ao modo de falar, naturalidade, intimidade, grau de escolaridade, comunidade, gênero, etc. Porém, novamente, a presente pesquisa não explora essa dimensão de variação, pois para tanto seria necessário um universo bem maior de sujeitos sinalizantes do que os analisados aqui.

A análise de um contexto amplo se faz necessária, pois respeita a subjetividade dos indivíduos, permite que o vocabulário da língua seja maior, além de permitir que os usuários desta possam entrar em contato com outras formas de sinalizar, aumentando o seu repertório linguístico. Os registros das variações em Libras ganham força principalmente neste aspecto, visto que permitem aos estudiosos e sinalizantes da Língua de Sinais terem contato com outros modelos linguísticos, mas sempre respeitando os parâmetros que foram empregados na língua, além do significado que esses signos carregam.

Existe um longo caminho a ser percorrido e as pesquisas direcionadas à variação linguística em Libras estão em um processo de construção dentro da área da linguística, além do mais, deve-se estimular a pesquisa de uma língua que é de modalidade visual.

Os dicionários que são produzidos hoje partem de uma cultura ouvinte e seguem um sistema criado para usuários de uma língua oral. Desta forma, o registro das variações é essencial para os estudos linguísticos da Língua de Sinais, além de proporcionar um entendimento mais concreto para os seus usuários, respeitando a cultura do povo surdo.

Embora o que se apresentou ao final do capítulo primeiro seja apenas um esboço da análise conduzida durante o desenvolvimento da dissertação, é possível fazer com base em tal esboço alguns apontamentos que serão alvo de discussão quando da consideração

crítica dos resultados alcançados com este estudo.

Esses apontamentos são de natureza distinta e dizem respeito a:

- (i) perguntas que a pesquisa deseja responder;
- (ii) cuidados na apreciação da qualidade da tradução realizada;
- (iii) causas que levaram à variação querológica;
- (iv) contribuições deste estudo à descrição da Libras na condição de sistema linguístico;
- (v) possibilidade de conscientização dos usuários da Libras acerca de suas diferentes formas de realização, evitando, assim, a prática do preconceito linguístico na comunidade surda;
- (vi) contribuições deste estudo à área dos Estudos de Tradução na Libras.

Sobre os apontamentos relativos às perguntas que este estudo pretende responder, destaca-se a necessidade de discutir se as variações causam problemas de entendimento ou não e em que medida, bem como a partir de que critérios, essas diferentes realizações podem ser consideradas aceitáveis ou não.

Em relação ao segundo apontamento – os cuidados a serem tomados quando da apreciação sobre a aceitabilidade ou não da tradução em virtude da variação verificada – assume-se que o retorno dos usuários nativos, quanto a essa característica na tradução, não é elemento essencial para qualificar ou desqualificar uma tradução/interpretação.

Já em relação ao terceiro apontamento, que concernem às causas que levam à variação querológica, percebe-se com a análise, que algumas realizações distintas ocorrem em função do desgaste do tradutor ao longo do processo, pois se observou que, em alguns vídeos, um mesmo sinal pode ser realizado com maior formalidade no início do texto em Libras, mas, com o decorrer do tempo de sinalização, ao final do mesmo texto, o mesmo sinal é executado de modo menos preocupado, ocasionando uma variação.

Outro fator que leva à variação tem relação com o princípio da economia no uso da Língua de Sinais, pois se encontrou evidências de que quanto mais fluente o tradutor/intérprete da Libras é, mais ele desenvolve a capacidade de redução da sinalização, sem, contudo, prejudicar o entendimento da mensagem pelo receptor. Isso ocorre porque a fluência adiciona elementos capazes de proporcionar o entendimento da informação, mesmo com economia na realização dos sinais.

Quanto às contribuições deste estudo à descrição da Libras na condição de sistema linguístico, é possível afirmar que esta pesquisa se constitui como base para o fortalecimento da compreensão do *status* linguístico da Libras, visto que este trabalho explicita que a evolução da língua e o avanço nos estudos sobre essa língua se retroalimentam.

Pelo recorte do objeto alvo desta pesquisa, é possível perceber que a disseminação da língua e seu uso em diferentes contextos sociais foram aspectos impulsionados pela pesquisa acerca da constituição das línguas de sinais. O fortalecimento da compreensão do *status* linguístico da Libras se associa à possibilidade de conscientização dos usuários da Libras acerca de suas diferentes formas de realização, evitando, assim, a prática do preconceito linguístico na comunidade surda, na medida em que fomenta o entendimento de que há um princípio não aleatório em relação às diferenças observáveis no uso da Língua de Sinais, inclusive no que concerne ao registro formal, implicando que essas diferenças sejam aceitas e reconhecidas como aspectos de valorização da língua porque mostram que ela apresenta uma história evolutiva.

Por fim, em relação ao sexto e último apontamento, a considerar quando da discussão dos resultados desta pesquisa, há as contribuições deste estudo à área dos Estudos de Tradução na Libras. Entre elas, a principal contribuição está ligada à compreensão de que a caracterização dos motivos que ocasionam variação querológica, no uso da língua de sinais, podem implicar uma melhor qualificação do uso da Libras em situações formais que envolvem a tradução.

Diante de um longo período de estudos direcionados a variação linguística e o contato com alunos de diversas classes, comprovou-se a existência de variantes na Libras, sendo este um fenômeno natural da comunidade surda.

Pode-se concluir que para a aquisição da Língua de Sinais é necessária a imersão dentro da comunidade surda, além de transitar em diferentes ambientes em que a língua circula, pois ter contato com as diferentes formas de sinalizações trará para o sujeito várias referências linguísticas que agruparão elementos para o seu crescimento linguístico enquanto sujeito sinalizante. Quanto mais antecipada for essa socialização com a língua, maior será o repertório linguístico do indivíduo, pois possibilita que ele tenha acesso à língua em todas as fases no decorrer da sua vida.

Para que se crie um sistema que convencie os sinais, é necessária uma análise dos sinais que são utilizados nos âmbitos informais, ou seja, utilizados no dia a dia, dentro da comunidade surda e os sinais formais, utilizados na academia em um ambiente mais formal.

Ter contato com outros sinalizastes e sujeitos que compartilham da cultura surda, permite que se tenha contato com a Língua de Sinais de diferentes regiões, possibilitando a criação de uma ampliação em torno do vocabulário que irá compor os glossários, embora não seja possível ter a apreensão da língua como um todo.

A variação linguística acontece no decorrer dos anos e de acordo com o ambiente em que o sujeito é inserido, é similar às linguais orais que sofreram modificações linguísticas ao longo dos anos, assim como a Língua de Sinais, que também passou por estas mesmas modificações.

Por mais que a língua se propague em vários âmbitos, nota-se que ela é única, ou seja, por mais que ela seja sinalizada em ambientes mais ou menos formais, ela se manterá a mesma, apenas sofrerá algumas variações, mas que não causarão prejuízo na construção do entendimento, permitindo que os receptores consigam compreender o que está sendo pronunciado pelo emissor do discurso.

Mas, apenas os estudos linguísticos relacionados às variações linguísticas existentes na Língua de Sinais, não são suficientes, não suprem as necessidades dos usuários da língua, deve-se facilitar o contato com a comunidade surda, estreitar os caminhos, promover a interação.

Assim, para que se torne um estudo eficiente é necessário um registro mais aprofundado, mais específico da língua, com todas as suas nuances e particularidades. O registro permitirá que um sistema convencional de sinais seja criado permitindo um entendimento maior da língua. Os registros servem como auxílio para a firmiação da língua, não obstante por mais que os registros sejam criados com o intuito de preservar a língua e torná-la mais compreensível e padronizada, sempre será respeitada a história e o contexto em que o sujeito está inserido.

Observou-se que os aspectos de formalidade e informalidade ocorreram nos dois grupos de vídeos analisados (Videoaulas e Youtube). Ou seja, o pressuposto metodológico de comparar um contexto teoricamente mais formal (videoaula) com um contexto teoricamente mais informal (Youtube) se mostrou possível. Tanto os dois sujeitos da pesquisa usaram elementos informais nas videoaulas quanto o contrário, isto é, foram encontrados sinais considerados formais no contexto do Youtube. Apenas pode-se especular sobre o porquê desse resultado. Um fator pode ser que os tradutores das videoaulas eram ao mesmo tempo, discentes do curso Letras-Libras e assim, de certa maneira, estavam traduzindo os materiais para os seus pares, o que pode explicar o uso de um registro não tão formal. Outra hipótese pode ser que no momento das gravações das traduções do material de aula, o registro formal da

Libras ainda estava menos desenvolvido do que hoje. Por último, alguns dos conteúdos na plataforma Youtube não eram tão informais quanto o meio à primeira vista podia sugerir, por exemplo, traduções de textos ou textos literários em Libras.

As performances e os perfis de sinalização também variam de sujeito para sujeito. Em todos os vídeos analisados foi perceptível as nuances de sinalização, especialmente as variações influenciadas pelo nível de fluência da língua. Para analisar cada situação linguística seria necessário dispor de mais tempo para tal apreciação, já que a língua apresenta mais fatos a um tema ainda pouco explorado na Língua de Sinais, portanto, um campo tão amplo e que deixa questões a serem investigadas.

Bagno (1997) compreende que a variação linguística é fundamental, pois nela contém a história de cada indivíduo, da sua geração e do seu ciclo de relacionamento. Sendo assim, reconhecer o valor das variações existentes em uma língua, e a sua importância para compreender a constituição da própria língua, é imensurável e indispensável para esse campo de estudo.

A partir do exposto pode-se constatar que se trata de uma nova proposta em que a comunidade surda tem sua variedade linguística e as práticas de tendência da língua demonstradas, bem como o estilo empregado por cada sujeito no uso da língua, uma vez que cada estilo de fala encontra-se relacionado ao grupo social específico.

Nesse sentido essa pesquisa verificou nos vídeos analisados a existência de diversos estilos de fala, com diferenças nítidas e que apresentam em um mesmo discurso vários gêneros, bem como o uso de variedades da língua, como sinais formais e informais, uso de gírias, postura corporal, expressão facial e entre outros. Essas variedades marcam a identidade linguística desse grupo, que os diferencia dos outros grupos linguísticos, onde pessoas com diferentes subjetividades podem conhecer a riqueza da Libras.

Para a continuidade desta proposta é necessário maiores pesquisas relacionadas às questões relativas à variação linguística na Libras; estimular as pesquisas e a criação de corpus da Libras; intensificar os registros da língua para que se possa preservar a história da língua e acompanhar sua evolução; estender pesquisas em diversos espaços onde a língua deve expandir seu uso, assim como no Letras Libras, migrando para áreas, como da saúde entre outras; verificar ainda, produções espontâneas, notando que há diversos estilos de sinalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como campo investigatório a área da linguística, analisando as variações queréticas/querológicas em Libras, tomando como objeto de estudo as produções de atores/tradutores surdos em vídeos acadêmicos e espontâneos.

Ao tomar essas sinalizações como base da averiguação foram percebidos detalhes em suas diferentes formas de enunciação que correspondem a uma gama de questões que se instiga a refletir sobre a variação linguística em Libras. A condição humana e os fatores externos contribuem para que a língua seja plural em sua forma de subjetivação, já que, no plano da variação, os fatores históricos, regionais, contextuais, emocionais e etc., influenciam diretamente na sinalização.

Busca-se, então, compreender a estrutura querológica da Língua de Sinais, para assim poder, através da especificidade da Língua de Sinais, demonstrar como ela se processa de forma natural. Trazer conceitos cunhados pelo pai da linguística da língua de sinais, Stokoe (1960), é também, a procura por um espaço que reconheça o campo terminológico empregado pela própria língua dentro daquilo que lhe compete.

Nas análises buscou-se categorizar os sinais que correspondiam à variação querológica, dividida em variação social e estilística, sabendo que essas categorias de tipos de variação têm em seu arcabouço um campo vasto para pesquisa e análise, e são chaves para subcategorias de fenômenos que ocorrem na variação linguística.

A variação linguística é um fenômeno importante para a história da Língua de Sinais, constitui um fator que contribui para a evolução da língua. Reconhecer, portanto, que a variação compete como uma característica importante da formação do sujeito é, em síntese, um reconhecimento dos próprios sujeitos na relação com sua Língua de Sinais, com o seu grupo de convívio, com as diversas faixas etárias a qual esse sujeito interage e apreende a língua, e é onde ocorrem as mudanças que incessantemente vão transformando a língua.

Acontece também nas famílias de surdos, com filhos surdos, que demonstram que a criança surda que tem contato desde cedo com a Língua de Sinais, tendo um processo de aquisição da língua de forma natural, convivendo com seus pais, portam um repertório linguístico acurado, e que esse, mesmo convivendo posteriormente com outros surdos mais jovens (que não são de famílias surdas), mantém seus traços linguísticos atrelados a geração de seus pais, ou ainda mediam as relações de mudança linguística entre os surdos jovens e os pais.

A variação geográfica trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. Dentro de uma comunidade mais ampla, formam-se comunidades linguísticas menores em torno de centros polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões linguísticos utilizados na região de sua influência.

As condições tecnológicas hoje têm proporcionado maiores trocas entre os usuários da Libras que podem contemplar a variação ou o sinal de uma determinada região. Atualmente as redes sociais têm forte impacto sobre essa variação, já que possibilitam o estreitamento das diversas culturas e as trocas de estilos de sinalização.

O Brasil, por exemplo, se caracteriza pela forte união da comunidade surda e por ter intrínseca a sua cultura e o hábito de troca de informações e experiências. Com a falta de circulação da Língua de Sinais de forma ampla na sociedade em geral, cabe aos surdos essa tarefa de compartilhar seus saberes, e com isso ampliar seus horizontes linguísticos.

As variações históricas e geográficas são importantes, mas a variação sociocultural se constituiu como o foco de estudo desta pesquisa. Na análise dos dados obteve-se uma amostra dessas variações e de como elas podem ser categorizadas quanto às suas características.

Observou-se em sinais semelhantes pequenas mudanças queréticas que não alteram o significado, mas apenas a forma de sinalização; sinais menos complexos e a economia de elementos querológicos em sinais; as possibilidades do uso da mão boia eliminando a mão participante em sinais simétricos; variação querológica no uso de duplicação de mãos em sinais mono-manuais como intensificador da língua, trazendo ênfase ao sinal.

Esta análise da Libras se faz necessária para entender as variedades da língua, e quebrar preconceitos e paradigmas, contra as sinalizações diferentes.

Todos os estudos voltados às mudanças querológicas têm como primazia os estudos de Stokoe (1960), como já mencionado ao longo desse trabalho. Por isso tomou-se como base seus conceitos para se aplicar a análise das variações linguísticas em Libras, podendo assim visualizar com mais nitidez o que corresponde às características dos sinais.

A possibilidade dos registros da língua para acompanhar o seu desenvolvimento e entender sua variação é, portanto, fundamental. Assim pode-se desvendar e compreender o funcionamento da Libras com margem na sua história e nas suas especificidades. Pois, quanto

maior o conhecimento, maior será a confiança na língua e o respeito por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. de A. **De sinal em sinal: comunicação em LIBRAS para educadores**. São Paulo, SP: Editora Duas Mãos – Apoio FENEIS/SP, 2008.

ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v.1. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23

AVELAR, Thaís Fleury. **A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2009.

BACHMAN L. F; FONTANA, N. M. A habilidade comunicativa de linguagem. **Revista Linguagem & Ensino** 6.1, 2012, p. 77-128

BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 16. Ed. 1a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 1997.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. In: **Sign Language Studies**, 1974.

BENWELL, Bethan; STOKOE, Elizabeth. **Discourse and Identity**. Edimburgh University Press: Edimburgh, 2006.

BERGER, P. L.; BERGER, B. **O que é uma instituição social?** In: M. M. Foracchi/J. Martins (orgs.). Sociologia e sociedade. Leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 193-199, 1977.

BERKE, Jamie. **Deaf History - Martha's Vineyard**. Disponível em: <<https://www.verywell.com/deaf-history-marthas-vineyard-1046546>>.

Updated February 01, 2017. acesso em: 05 de fev 2017. (Texto traduzido do espanhol para português por Vanessa Dagostim-janeiro de 2008. <http://blogvendovozes.blogspot.com.br/2008/01/ilha-de-mathas-vineyard.html>).

BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. EdIPUCRS, 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/portuguesdosuldobrasil.pdf> Acesso em fevereiro 2017

BRASIL. Lei N. 10.436/02. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/>. Acesso em: 02 de set. 2014.

_____. Decreto-Lei nº 5.296/05. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o Art 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

_____. Lei nº 12.319/10. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em 17 jun. 2015.

_____. Decreto 7.612/11. **Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm>. Acesso em 17 jun. 2015.

BRENNAN, M.; BRIEN, D. Advanced diploma in british sign language/ english interpreting, deaf Studies research unit, University of Durham, course profile. **The Translator**, v.1, 1995.

BRENTARI, Diane; PADDEN, Carol. **Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins**. Foreign vocabulary in sign languages. Lawrence Erlbaum, Mahwah, NJ, 2001.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro UFRJ, 1995.

_____. **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. In: _____ et

al. (Org.). Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol.III: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. D. **Da linguística formal à linguística social.** Compromisso teórico com a natureza inerentemente social da linguagem. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMPELLO, Ana Regina. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, 1.33, 2014, p. 143-167.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2 v., 2006.

CARDOSO, Denise Porto. **Fonologia da Língua Portuguesa.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009

CASTRO JUNIOR, G. de. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico.** 2011. 123f. **Dissertação (Mestrado).** Instituto de Letras. Departamento de linguística, português e línguas clássicas. Programa de pós-graduação em linguística. Universidade de Brasília – UNB, 2011.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Projeto Varlibras.** 2014. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB. Novembro, 2014.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance.** Cambridge: Blackwell, 1995.

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à Linguística Cognitiva. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, 2009.

COELHO, Izete; GÖRSKI, Edair; SOUZA, Cristiane; MAY, Guilherme. **Para Conhecer Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

DINIZ, H. G. **A história da Libras: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. 2010. 47f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. Tradução de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1997.

EMMOREY, K.; BELLUGI, U; KLIMA, E. **Organização neural da língua de sinais**. In: M. C. Moura; A. C. B. Lodi; M. C. da C. Pereira (Org.). Língua de sinais e educação do surdo. v.3 São Paulo: TecArt, 1993. p. 19-40. (Neuropsicologia).

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Brasília: UnB, 2009.

FELIPE, T. A. **Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos**. Rio de Janeiro: Revista Espaço – INES, 1997.

_____. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais– Libras. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732013000200005> Acesso em fevereiro 2017., 2013, p. 67-89.

_____. **De Flausino ao Grupo de Pesquisa da FENEIS – RJ**. Anais do V Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, 2000.

_____. **LIBRAS em contexto: Curso básico**. Brasília: MEC; SEESP, 2001.

_____. **LIBRAS em contexto: Curso básico 7**. Ed. Brasília: ministério da Educação; Secretaria de educação especial, 2007. P. 48. (Livro do Estudante).

FERNANDES, Eulalia. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERNANDES, S. **Educação Bilíngüe para Surdos: trilhando caminhos para a prática pedagógica**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, ago. 2004.

FERREIRA, B. L. **Os direitos linguísticos do surdo**. Revista de Cultura Vozes, n. 5, jun/jul. 1985.

_____. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FRIEDMAN, L. **On The Hand**. New York: Academic, 1977.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1961). (2005).

GOMES, E. A. **Estudo da inferência semântica-pragmática do termo energia a partir da tradução interlingual em aulas de termoquímica com estudantes surdos**. 2015. 55f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Química, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais- UFV, 2015.

HEHNER, B. **Blissymbols for use**. Toronto, Canada. Bilssymbolics Communication Institute, 1980.

HUMPHRIES, T. **The making of a word: audism**.

GallaudetUniversity: 1975. Disponível em:

<<http://gradschool.gallaudet.edu/clc2002/Readings/audism.PDF>>.

Acesso em 17 jun. 2014.

JOOS, M. **The five clocks**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1967.

KLIMA, E. e BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 36, maio/agosto 2010.

LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. Variação e norma linguística: Subsídios para uma

(Re)visão. (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEITE, T.A. **A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** 2008.280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade do Estado de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. **Indicating verbs and pronouns: Pointing away from agreement. In The signs of language revisited: An anthology to honor Ursulla Bellugi and Edward Klima,** ed. K. Emmorey and H. Lane, 303-320. Mahway, N. J.: Erlbaum, 2000.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. **American Sign Language: The Phonological Base** (1989). In: VALLI, C. & C. LUCAS (org). **Linguistic of American Sign Language: an introduction.** Washington, D.C.: Clerc Books/GallaudetUniversity Press, 2001.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language.** Cambridge University Press, 2003.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística.** Centro de Educação Superior a Distância – UFS. São Cristóvão-Sergipe, 2010.

LINGUÍSTICA II. **Sociolinguística.** Letras Vernáculas-EAD, módulo 2, volume 5. KANTHACK, G. S. (org). Ilhéus, BA: UAB/ UESC, 2010.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **A teoria da variação linguística. Bahia, Vertentes do português popular do Estado da Bahia.** Disponível em: < <http://www.vertentes.ufba/a-teoria-da-variacao-linguistica> >. Acesso em 20 (2012).

_____. **A teoria da variação linguística. In: Vertentes do Português Popular da Bahia.** [página de projeto de pesquisa]. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil, **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12, 1994.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, S. **A teoria da variação linguística. Bahia, Vertentes do português popular do Estado da Bahia.** Disponível em: < <http://www.vertentes.ufba/a-teoria-davariação-linguística> >. Acesso em 20 (2012).

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: Uma introdução.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

_____. **Lingua(gem) e lingüística.** Tradução de Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2007.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Dicionário de linguística e gramática.** Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

McCLEARY, L. ; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: H. SALLES (Org.). **Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

McCLEARY, Leland. Bilinguismo para surdos: brega ou chique? In: **Anais do V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional. Surdez: Família, Linguagem,** Educação. Rio de Janeiro: INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2006. (Mesa redonda: 'Os Surdos e o Bilinguismo - da Casa para o Mundo', 29 de setembro de 2006).

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.** Editora Contexto, 2015.

MORAES, Augusta de Magalhães Carvalho de. **A criança e o ritmo em português brasileiro: análise fonética dos dados de encontro acentual.** 2006.94f. Dissertação (mestrado em linguística). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2006.

OLIVEIRA, G. M. de (org.). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: novas perspectivas em política linguística.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2013.

OLIVEIRA, J. S. de. **Análise Descritiva da Estrutura de Unidades Terminológicas do Glossário Letras-Libras.** Florianópolis:UFSC, 2015.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras.** Tese (doutorado). 2015. 41 e 68 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, SILVA, R. C. Equipe de tradução do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice M. de. (Org.). **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã.** 1ed.Florianópolis: Editora da UFSC, 2014, v. 1, p. 93-112.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas: Pontes, 2008.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca.** Dissertação (mestrado).2013. 88 f. Instituto de Letras. Departamento de linguística, português e línguas clássicas. Programa de pós-graduação em linguística. Universidade de Brasília – UNB, 2013.

PEREIRA, M. C. P. Profissionalização e formação de intérpretes de LIBRAS. **Revista da FENEIS,** Rio de Janeiro, ANO III, n. 18, 2003.

PERES, E. P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real.** 2006. 247f. Tese (Doutorado em

Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2006.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. 2011. 38 F. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2011.

PRADO, L. C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. **Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10. Disponível em www.revel.inf.br Acesso em fevereiro de 2017.

PRIMO, M. D. R. **Diversidade Linguística: Compreendendo e combatendo preconceitos**. 2013.18f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: EDUSP, 1997.

QUADROS, Ronice Müller. **Inclusão de surdos: pela peça que encaixa neste quebra-cabeça**. Brasília: MEC, 2007.

_____. "Linguistic policies, linguistic planning, and Brazilian sign language in Brazil." **Sign Language Studies** 12.4 (2012): 543-564. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/480478/summary>> Acesso em fevereiro de 2017.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. SEESP, 2004. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/introcucao_a_libras/texto_1_conceitos_importantes.pdf> Acesso em fevereiro, 2017.

QUADROS, Ronice ; SOUZA, Saulo. Aspectos da Tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um Ambiente virtual de Ensino:

Práticas Tradutórias do Curso Letras Libras. In: QUADROS, Ronice (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e bilinguismo na educação de surdos brasileiros. In: CARVALHO, A. M. **Português em contato: Linguística Luso-Brasileira**. IberoamericanaVervuert, Madrid: 2009.

QUADROS, R. M de. SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008, p. 170-209.

QUADROS, Ronice Muller; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf>. Acesso em fevereiro de 2017.

QUADROS, R. M. de; STROBEL, K. and MASUTTI, M. L. Deaf Gains in Brazil: Linguistic Policies. In: **Deaf Gain: Raising the stakes for human diversity**. University of Minnesota Press, Minneapolis: 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. **Letras Libras-ontem, hoje e amanhã**, Local: Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

RODRIGUES, C. H. Efeitos de modalidade no processo de interpretação simultânea para a Língua de Sinais Brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Editora Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, O. P. Travessias históricas do tradutor/intérprete de Libras: de 1980 a 2010. **Artíficos – Revista do Difere**, v.2, n.4, UFPA: Belém, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWINDT, L. C; BOPP DA SILVA, T. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil . In.:

Português do sul do Brasil : variação fonológica [recurso eletrônico]. BISOL, L; COLLISCHONN G. (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de sinais**. 2010. 74f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SENNA, Luiz Antônio Gomes. **Pequeno manual de linguística geral e aplicada**. Rio de Janeiro: s.l., 199, 1994.

_____. Psicogênese da língua escrita, universais linguísticos e teorias de alfabetização. **ALFA: Revista de Linguística** 39 (1995).

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, R. C. da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. 2013. 65 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2013.

SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões Sociolinguísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Victor Paulo Gomes da. **O salário na obra de Frederick Winslow Taylor. Economia e Sociedade** [online], vol. 20, n.2, 2011.

SOUZA, Saulo Xavier. Percepções da norma surda de tradução no Brasil: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC. In: QUADROS, Ronice Muller de, STUMPF, Marianne Rossi e LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais**, V. I. Local: Florianópolis: Insular, 2013.

SOUZA, Saulo Xavier. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras**. 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STOKOE, W. C. Sign Language Structure: outline of the visual communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistic**, University of Buffalo, n. 8, 1960.

_____. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. In: **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. Vol. 10, No. 1. New York: Oxford University Press, 2005.

STOKOE, W. (2001). The study and use of sign language. *Sign Language Studies*. Volume 1, Number 4, Summer 2001. 369-406. Publicado originalmente em *Sign Language Studies* 10 (1976): 1-36

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos Lingüísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

STUMPF, M.; OLIVEIRA, J. S.; MIRANDA, R. D. O glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras. In STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. de.; LEITE, T. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. 1ed. Florianópolis, 2014.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TAYLOR, Frederick Winslow. **The Principles of Scientific Management**. Local: New York and London, Editora: Harper & Brothers, 1911.

UPHOFF, D. O caráter Institucional do uso do livro didático no ensino de língua estrangeira. **Revista Intercâmbio**, volume XVII, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008.

VELASCO, Saulo Missiaggia; GARCIA-MIJARES, M; TOMANARI, G. Y. Fundamentos metodológicos da pesquisa em análise experimental do comportamento. **Psicologia em pesquisa** 4.2, p. 150-155, 2010.

WEININGER, M. J. Análise e aplicação de aspectos sociolinguísticos e prosódicos na interpretação Libras-PB. In: QUADROS, R. M. DE; WEININGER, M. J. (Orgs.). **Estudos da Língua de Sinais Brasileira**,

Volume III. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014, p. 71-97.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (LSB/Libras)**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

_____. Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras), **Todas as Letras**, v. 15, n. 1, p. 111- 128, 2013.

_____. **Uma ou duas? Eis a questão!: Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 2014. 178f. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

XAVIER, André Nogueira. Variação fonológica na libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: *XVI SETA - Seminários de Teses em Andamento*, Campinas. Anais do SETA (UNICAMP), v. 5. p. 119-145. 2011.

XAVIER, André Nogueira; Barbosa, Plínio Almeida. Com quantas mão se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013.

_____. BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora. Um estudo da variação na produção de sinais da libras. **D.E.L.T.A**,v.30, n.2, p.371-413, 2014.

_____. **Os efeitos semânticos da duplicação do número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)**. XVII Congresso Internacional Asociación de lingüística y filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa, Paraíba, Brasil. 2014.

_____. A duplicação do número de mãos de sinais da libras e seus efeitos semânticos. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 505-514, jan./mar. 2015.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DADOS DIGITAIS

“AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)”

Pelo presente instrumento particular, eu, NELSON PIMENTA DE CASTRO, RG: 05982199-1 data de expedição 11/10/2004 - DETRAN/RJ SSP e do CPF N. 758.018.337/49, residente e domiciliado na RUA ARCAZES 801/906 - BARRA - RJ responsável legal pelo aluno (a) _____, por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao(à) pesquisador(a) Vanessa Lima Vidal Machado, a utilização de imagem e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzido na tradução em vídeo de materiais didáticos do Letras-Libras EaD da UFSC, tais como: fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, vídeo e imagem. Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionada à minha imagem, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a minha imagem ou não. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretirável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

RIO DE JANEIRO, 10 de MARÇO de 2017

Nome:	<u>NELSON PIMENTA DE CASTRO</u>
Endereço:	<u>RUA ARCAZES 801/906 - BARRA DA TIJUCA</u>
Cidade:	<u>RIO DE JANEIRO</u>
RG:	<u>05982199-1 DETRAN/RJ</u>
CPF:	<u>758.018.337/49</u>
Telefone para contato	<u>21. 993616363</u>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DADOS DIGITAIS

"AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSAO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)"

Pelo presente instrumento particular, eu, RIMAR RAMALHO SEGALA,
 RG. 25607417-3 data de expedição
 SSP/SC e do CPF N. 238.074.418-95, residente e
 domiciliado na Rua Simão Lopes, 1504 BLA AP13 responsável
 legal pelo aluno (a)

por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao(a) pesquisador(a) Vanessa Lima Vidal Machado, a utilização de imagem e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzido na tradução em vídeo de materiais didáticos do Letras-Libras EaD da UFSC, tais como:, fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, vídeo e imagem. Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionada à minha imagem, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a minha imagem ou não. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretirável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

Rimar Ramalho Segala de Maio de 2017

Nome:	<u>Rimar Ramalho Segala</u>
Endereço:	<u>R. Simão Lopes 1504 BLA AP13</u>
Cidade:	<u>São Paulo</u>
RG:	<u>25607417-3</u>
CPF:	<u>238.074.418-95</u>
Teléfono para contato	<u>11 987319624</u>